

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP**

MARCIA ALMEIDA BATISTA

**Retramatização e a pesquisa de papéis familiares:
Os avós.**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA



São Paulo

2012

MARCIA ALMEIDA BATISTA

Retramatização e a pesquisa de papéis familiares:

Os avós.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de doutor em Psicologia Clínica sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosane Mantilla de Souza.

São Paulo

2012

Banca Examinadora

In Memoriam

Arnaldo Liberman

AGRADECIMENTOS

Ao Arnaldo, amigo querido, que me faz tanta falta.

À Pontifícia Universidade Católica, onde leciono desde 1974, e que me propiciou inúmeras oportunidades, tendo financiado este doutorado com uma bolsa dissídio.

Aos participantes dos atos psicodramáticos, com quem compartilhei esta experiência.

À Rosane, pela sua amizade, capacidade de orientação, e injeção de entusiasmo.

À Ciça, amiga e companheira que disparou a retomada do trabalho e me ajudou a chegar ao final.

A Célia Loch e Lucia Nilson, que puseram ordem na barafunda de ideias e textos que lhes apresentei, e que acompanharam passo a passo a construção deste trabalho.

Ao Ricardo, pelas pesquisas e organização do material.

A Ana Corbisier, pelo entusiasmo e pelo português.

Às minhas ex-alunas, atuais amigas, que leram e deram seus palpites - Raísa Machado, Eva Tesch e Juliana Gouveia.

À Kelma, pela preservação do meu material durante o longo tempo de hibernação desta autora.

A Silvia e Rosalba, companheiras do dia a dia no consultório.

Aos amigos com quem partilho minha vida.

A Adriana Loduca e Flavia Hime pelas pontuações na qualificação.

Ao Anibal e a Cassia; a Ana e ao Cesarino, pelo carinho com que sempre me acolhem, e pelo muito que fizeram em tempos muito difíceis.

A minha querida prima Mariazinha, por seu carinho, por suas leituras e anotações.

A minha irmã, amiga de todas as horas.

Aos meus pais queridos e a minha avó, que me fizeram saber que era querida.

Aos meus filhos, que me fazem tentar ser maior e melhor a cada dia.

Ao Gilberto, que me devolveu a alegria, que me cuidou e mimou, possibilitando a retomada e a finalização deste trabalho.

BATISTA, Marcia Almeida. Retramatização e a pesquisa de papéis familiares: Os avós. São Paulo, 2012.
Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza.

RESUMO

Trata-se de uma análise criteriosa da retramatização, forma de trabalhar com sociodramas criada por Arnaldo Liberman, que avalia suas possibilidades na pesquisa de papéis contemporâneos, aqui particularmente no papel de avós. Apesar de amplamente utilizada pelos psicodramatistas, não encontrei trabalhos que verificassem suas possibilidades e considerando que pudesse ser um bom instrumento de pesquisa, optei por analisá-la. A escolha da utilização do papel de avós justificou-se por ser um papel familiar sobre o qual existe menos pesquisa, frente ao papel dos pais, e também pelo envelhecimento da população, o que aumenta a oportunidade de sujeitos que vivenciam ou vivenciarão este papel. Realizei a análise de uma retramatização feita em um ato psicodramático público, confrontando os dados obtidos sobre o papel de avós com a literatura, e avaliei o próprio processo da retramatização por meio da qual estes dados foram obtidos. O papel de avó mostrou-se um papel de idoso, que dá ao neto uma sensação de importância e valor, permitindo a ele inserir-se numa história familiar com o reconhecimento de uma linhagem. Verifiquei que a retramatização permite ampla obtenção de dados sobre o papel pesquisado, propiciando confronto entre conceitos individuais e coletivos. E que, além disso, pode favorecer a promoção de saúde por meio da reflexão dos próprios participantes do grupo sobre os dados que vão obtendo no processo. Em algumas situações pode permitir um trabalho psicoterapêutico, ou axiodramático.

Palavras- chave: Retramatização, psicodrama, papéis, avós, família.

BATISTA, Marcia Almeida. Re-plotting and the research of family roles: the grandparents São Paulo, 2012.
Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza

ABSTRACT

This is a thorough analysis of re-plotting, a sociodramatic working method developed by Arnaldo Liberman, looking at the potential of this method in the research of contemporary roles, with particular emphasis on the role of grandparents. Despite of being widely used by psychodramatists, we couldn't find references in the literature with regards the potential of re-plotting, and as we consider it to be an appropriate instrument for research, our aim is to conduct a thorough analysis of this working method. The reason we chose to explore the role of grandparents is that there is significantly less research of these in comparison to the parental roles, and with the aging of the population the chances of people experiencing these roles have increased.

We have analysed a re-plotting session that took place during a public psychodrama act, comparing the information obtained from this event with information from the relevant literature, and evaluating the actual process of re-plotting through which this information was gathered. It was shown that the grandparent role is a role linked with elderly people who give their grandchildren a sense of importance and self-worth, and allow them to feel part of a family history with the acknowledgement of their ancestry. It was also shown that through the use of re-plotting a wide range of information can be gathered about the explored roles, also allowing a comparison of individual and collective concepts. Furthermore, through group members' reflections on the information obtained during the process, this method can also promote wellbeing. In certain situations it also makes psychotherapeutic or axiodramatic work possible.

KEYWORDS

Re-plotting; psychodrama; roles; grandparents; family

BATISTA, Marcia Almeida. Retramatización y la pesquisa de papeles familiares: Los abuelos. São Paulo, 2012.
Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza

RESUMEN

El trabajo trata de un análisis cuidadoso de la retramatización, manera de trabajar con sociodramas criada por Arnaldo Liberman, que evalúa sus posibilidades en la pesquisa de roles contemporáneos, particularmente en el rol de abuelos. A pesar de ser, en gran parte, utilizada por los psicodramatistas, no encontramos trabajos que verificaron sus posibilidades y por considerarlo ser un buen instrumento de pesquisa es que partimos para su análisis cuidadoso. La elección por la utilización del rol de los abuelos se justificó por ser un rol familiar con menos investigación en el área, en comparación al rol de los padres, y por el envejecimiento de la población que pasa a aumentar las oportunidades que los sujetos tienen de vivenciar estos papeles. Fue realizado el análisis de una retramatización hecha en un acto psicodramático público, confrontando los datos obtenidos sobre el rol de abuelos con la literatura, y se evaluó el propio proceso de la retramatización por medio de la cual fueron obtenidos esos datos. El rol de abuelos se mostró un rol de ancianos, que da al nieto la sensación de importancia y valor, y que le permite a él incorporarse en una historia familiar con el reconocimiento de un linaje. Se observó al fin que la retramatización permite una gran obtención de datos sobre el rol investigado, permitiendo el confronto entre conceptos individuales y colectivos. Además de eso, puede favorecer la promoción de salud a través de la reflexión de los propios participantes del grupo sobre los datos que estos van obteniendo en el proceso. En algunas situaciones puede permitir un trabajo psicoterapéutico, o axiodramático.

Palavras-clave: Retramatización, Psicodrama, Roles, Abuelos, Familia.

BATISTA, Marcia Almeida. "Retramatização" et la recherche sur les rôles familiaux: les grands-parents. São Paulo, 2012.
Orientadora: Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza

RÉSUMÉ

Il s'agit d'une analyse minutieuse de la *retramatização*¹, une façon de travailler avec des sociodrames créée par Arnaldo Liberman, qui estime leurs possibilités dans la recherche des rôles contemporains, en particulier celui des grands-parents. En dépit des psychodramatistes l'employer considérablement, on ne trouve pas d'oeuvres qui constatent ses possibilités, et considérée comme un bon instrument de recherche, une analyse minutieuse s'est déroulée. Le choix de l'utilisation du rôle des grands-parents a été motivé par le fait que c'est un rôle familial qui dans ce domaine présente peu de recherches en comparaison à celles produites sur les parents, aussi bien que par le vieillissement *de la population, et comme conséquence pour les sujets, une augmentation de l'opportunité de vivre ce rôle*. L'analyse a été faite sur une *retramatização* pendant un acte de psychodrame public, en confrontant les données obtenues sur le rôle des grands-parents en provenance de la littérature, et le processus lui-même de la *retramatização* dont on a obtenu les données. Le rôle de grand-parent s'est montré un rôle de vieillesse, qui offre au petit-fils un sentiment d'importance et de valeur, qui lui permet de s'insérer dans une histoire familiale au moyen de la reconnaissance d'une lignée. On a vérifié que la *retramatização* permet de recueillir un important répertoire de données sur le rôle recherché, et permet la confrontation entre concepts individuels et collectifs. En outre, elle peut agir en faveur de la santé grâce à la réflexion des participants du groupe au sujet des données qu'ils obtiennent eux-même pendant le processus. Dans certaines circonstances, elle peut permettre un procédé psychotérapeutique, ou axiodramatique.

Mots-clés: *Retramatização*¹, Psychodrame, Rôles, Grands-Parents, Famille.

¹ Les participants tissent la rencontre d'histoires individuelles et collectives comme on croise les fils ourdis avec les fils de trame.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Objetivos da pesquisa.....	14
Capítulo 1. A concepção de papel no psicodrama.....	15
Papel e cultura.....	15
Composição e classificação dos papéis.....	18
Capítulo 2. Moreno e a socionomia.....	25
O sociodrama e o psicodrama.....	26
A retramatização.....	28
O psicodrama como método de pesquisa.....	33
Capítulo 3. A família e os avós.....	36
A família.....	36
Os avós.....	42
O Método.....	55
Participantes.....	56
Procedimentos.....	58
Análise de resultados.....	60
Resultados e discussão.....	62
O processo da retramatização.....	62
A retramatização na pesquisa dos papéis familiares.....	74
Considerações finais	94
Bibliografia.....	101

INTRODUÇÃO

Em 1993, Arnaldo Liberman (1953-1997), preocupado com a ética referente à preservação das pessoas em sessões de psicodrama público, criou a retramatização. A ideia era poder trabalhar questões de ordem psicológica em profundidade, sem que o público soubesse quem trouxera a história dramatizada. Pretendia, com sua proposta, preservar o protagonista de uma exposição que ele acreditava desnecessária, e algumas vezes prejudicial.

Esta forma de trabalhar teve muita aceitação entre os psicodramatistas, no Brasil e no exterior. Jayme Winkler (2001) traduziu a monografia de Liberman (1994) e a utilizou, em apostila, com seus alunos de língua espanhola. Figush (2006), em um livro sobre o psicodrama brasileiro, organizado em língua inglesa, incluiu o trabalho de Liberman. Este mesmo livro foi recentemente traduzido para o turco.

Trabalhamos juntos muitas vezes, eu e Liberman, e fiquei especialmente impressionada com a potência de sua proposta durante a VI Jornada de Psicodrama da Sociedade Argentina de Psicodrama, em 22 de abril de 1994, quando demonstramos o método em uma vivência. Naquela ocasião travou-se um diálogo entre a plateia e os personagens da história dramatizada. Construiu-se um debate sobre o entendimento daquele grupo quanto às responsabilidades éticas de um dos personagens, o médico, que na cena chegara tarde demais, quando o enfermo já estava morto. No debate, explicitava-se o conflito entre o que se esperava de um médico (ou seja, que estivesse disponível sempre) e os limites de qualquer ser humano para satisfazer as necessidades de outro.

Essa experiência me fez pensar que a retramatização poderia ser um instrumento interessante para pesquisar conflitos e contradições presentes no relacionamento familiar.

Teria a retramatização um potencial, não só de intervenção terapêutica, mas também enquanto instrumento de pesquisa? Este trabalho se iniciou com esta pergunta ampla. E pensei que, para tratar a questão empiricamente, seria necessário eleger um papel específico a ser pesquisado por meio da retramatização.

Em minha Dissertação de Mestrado - *Valorizando os avós na Matriz de Identidade* (BRAGANTE, 1994) discuti a importância de, na psicoterapia individual, ajudar o indivíduo a entrar em contato com os personagens internos referentes aos avós paternos e maternos. Daquele trabalho resultaram várias indagações a respeito destas figuras que vêm ganhando espaço na investigação psicológica. Desde então, tenho retomado o tema do papel de avós em estudos e pesquisas, como docente e como psicodramatista. (BRAGANTE, 2001; BATISTA, 2009 e 2011).

Ao realizar a análise dos casos na pesquisa de mestrado, percebi que certos aspectos dos conteúdos das relações com os avós eram bastante similares entre os vários sujeitos, mesmo que suas famílias, a despeito de todos serem brasileiros, tivessem características bastante diferentes entre si.

O entendimento da presença dos avós nas imposições de comportamento de meus clientes motivou-me a tentar conhecer melhor quem são e como são entendidos na sociedade atual, pois os *scripts* ditados pelos “avós internos” estavam presentes nos comportamentos dos sujeitos, embora estes fossem anacrônicos nas suas formulações, e explicitassem conflito com padrões de comportamento ditos atuais.

Vivemos numa sociedade na qual ainda não se resolveram as denominadas "demandas de modernização", na já antiga formulação de Figueira (1987), mas ainda hoje bastante pertinente, e na qual os papéis na família, a estrutura, a dinâmica e o reconhecimento legal ou social de diferentes arranjos familiares continuam indicando a coexistência de expectativas “modernas e arcaicas”. Além disso, considerando a longevidade crescente dos indivíduos, que faz com que convivam várias gerações, pensei em compreender quais são as expectativas sociais relativas ao papel de avós.

Associando estes dois interesses - conhecer o *script* social atual para o papel de avós na sociedade brasileira e a dimensão de pesquisa que a retratização pode ensejar -, optei por estudar as potencialidades desta forma de trabalho tendo como pano de fundo, ou tema ancoradouro do trabalho, o papel de avós.

O papel de avós constitui um tema de interesse especial dentre os vários papéis em processo de mudança, pois a população brasileira vem se tornando

mais e mais idosa – o que enseja cada vez mais o relacionamento familiar tri-geracional.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), os resultados preliminares do Censo de 2010 indicam que o Brasil tem 190.755.799 habitantes. Longe de ser o país de jovens do passado, o país está em franco envelhecimento. Atualmente, enquanto há 13 milhões e 800 mil crianças de até quatro anos, existem 14 milhões de pessoas acima dos 65 anos. O alargamento do topo da pirâmide etária tem sido contínuo: a faixa etária acima de 65 anos de idade, que era de 4,8% em 1991, passou para 5,9% em 2000, chegando a 7,4% em 2010. Além disso, a expectativa de vida do brasileiro aumentou cerca de três anos, somente entre 1999 e 2009. As variações no território nacional são muito grandes, mas hoje espera-se que um brasileiro viva, em média, 73,1 anos. Assim, pode-se antecipar, para dentro em breve, a convivência de um número maior de gerações do que ocorria no passado.

É relevante preocupar-se, não só com os novos papéis, mas também com novas formas de exercer antigos papéis, na nossa sociedade.

Entre o momento em que iniciei minha Dissertação de Mestrado e os dias de hoje, um maior número de estudos, ainda que poucos frente a outros temas mais clássicos da psicologia, focalizam o papel de avós, o que será apresentado no capítulo 3.

Diversas mudanças ocorreram na concepção do que se entende por família, o que torna o tema (papel de avós) de significativa importância para a compreensão do relacionamento familiar. Embora tenha similaridade com o papel de genitor, o fato de já tê-lo sido não é suficiente para compreender as dimensões implícitas neste novo papel. O uso da retratização possibilita o confronto entre diferentes histórias, uma vez que cada participante escreve uma cena vivida ou imaginada por ele, permitindo o acesso a uma variedade de concepções e seu confronto na elaboração dos scripts de grupo, na dramatização e no compartilhamento.

Alicerçada na teoria psicodramática, parto do princípio de que as pessoas se relacionam por meio de papéis e que estes são inter-relacionais, ou seja, cada papel para ser exercido necessita não só de outra pessoa na relação, mas também de que esta exerça um papel complementar ao que é proposto pela

primeira. Assim, compreender o papel de avós é compreendê-lo na relação com seu contra-papel, o papel de netos.

A retratização, na etapa da dramatização, construída a partir das histórias que os sujeitos trazem para o grupo, mostra na ação a interação entre avós e netos. Podemos então observar *in situ* como esta relação se estabelece.

Objetivos da pesquisa

Embora a retratização seja amplamente usada na prática psicodramática, ainda não foi objeto de análise criteriosa quanto a suas possibilidades e limites. Assim, este trabalho tem por objetivo realizar uma análise crítica da retratização e avaliar suas possibilidades ou sensibilidade como meio de pesquisa de papéis contemporâneos em mudança, aqui particularmente o papel de avós.

O trabalho está organizado da forma descrita a seguir.

No primeiro capítulo apresento a teoria de papel proposta por Jacob Levy Moreno, uma vez que é por meio de um papel social o dos avós que pretendo analisar as potencialidades da retratização. No segundo capítulo apresento a teoria sacionômica para posicionar qual o contexto em que se insere a retratização e como foi construída por Arnaldo Liberman. O terceiro capítulo contextualiza os avós no relacionamento familiar e apresenta a revisão da literatura sobre este papel. A seguir apresento o Método. Os Resultados e a Discussão estão apresentados em conjunto e finalmente teço as Considerações Finais.

Capítulo 1. A CONCEPÇÃO DE PAPEL NO PSICODRAMA

Moreno (1889-1974), ao ver a destruição do mundo civilizado ocasionada pela primeira guerra mundial, e percebendo também a capacidade de reconstrução do homem, viu-se impelido a compreender o que permite esta capacidade. Para ele, os fatores primordiais para tanto são a espontaneidade e a criatividade. Buscando pesquisá-las, criou o Teatro da Espontaneidade, onde realizava apresentações em que ator e autor eram a mesma pessoa: cada ator construía o enredo de seu personagem à medida em que o encenava. Foi a partir destas experiências que acabou construindo, anos depois, a Socionomia, que pretende ser a ciência que estuda as relações humanas.

Um dos conceitos centrais do arcabouço teórico construído por Moreno é o conceito de papel, por se tratar da forma como se dão os relacionamentos. De fato, a ideia de papel é intrinsecamente ligada ao teatro, pois a palavra 'papel' tem origem no rolo onde era escrito o *script* dado ao ator no teatro grego. Na Grécia, berço do teatro, o papel a ser lido pelo personagem vinha em pergaminhos que se apresentavam enrolados (NAFFAH NETO, 1979).

Papéis e cultura

Como nos diz Merengué (2009) citando Silva (1970: 182), "... o sentido do papel não se aprisiona em fáceis caracterizações porque contém, inclusive, imprevisíveis direções." E mais à frente, no mesmo parágrafo: "Dialógico e interacional, o papel contém um projeto ou projetos que se refazem e renovam ao longo da experiência social. É esse dinamismo que transforma completamente o significado da experiência".

"Papel é a forma de funcionamento que assume um indivíduo, no momento em que reage frente a uma situação também específica, na qual estão envolvidas outras pessoas e outros objetos. Logo, podemos dizer que é o que determina o sentido da ação. Pode-se definir papel como uma unidade de experiência sintética na qual se fundiram elementos privados, sociais e culturais (MORENO, 1984:11)." Merengué (2009) entende que para Moreno

papel é “algo comportamental, reativo”. Assim, os papéis são reconhecíveis na ação e vários podem ser vividos concomitantemente.

Moreno (1975:29) também argumenta que “o papel é a unidade da cultura”, ou seja, um papel como o de avô, ainda que tenha o mesmo nome, pode ter características muito diferentes de uma cultura para outra. Merengué (2009) se pergunta o que o pensamento moreniano compreende por realidade, e responde que sabemos que a cultura chega aos indivíduos, grupos e redes por meio dos papéis. Os papéis são, portanto, construções sociais, o que parece ser evidente. O que não é tão evidente é *quem, para que e para quem* um papel é criado. Moreno (1975) afirma que eles pertencem a determinadas culturas, e nelas podemos buscar suas gêneses e suas, nem sempre, explicitadas razões.

Moreno (1975) concebe o Homem como um “ser em relação”, com capacidade para ser co-criador do mundo em que vive. São os papéis e as relações entre eles que sustentam o desenvolvimento de qualquer cultura. O homem se relaciona não diretamente a partir do seu eu, mas sim por meio de papéis que constituem esta interface entre o social e o pessoal. Para o autor, o homem permanece numa constante tensão entre o individual e o social, entendendo-se por social um grupo, uma relação, uma sociedade ou toda a humanidade. A metodologia psicodramática ajuda a revelar e desvelar esta tensão, na medida em que o contexto do “como se” permite a suspensão temporária ou o questionamento das regras sociais.

Scaffi (2002), em seu mestrado, mostrou como esta compreensão do conceito de papel oferece a possibilidade de acessar diferentes conteúdos culturais. Trabalhando com a população indígena do Mato Grosso do Sul, realizou sociodramas por meio dos quais pôde compreender os papéis exercidos pelas mulheres indígenas, pelo cacique, e por outros membros daqueles povos, o que permitiu desenvolver atividades de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, considerando as normas e valores locais. Segundo ela, o papel permite estabelecer comunicação entre pessoas assim como um acordo para comunicação entre pessoas de diferentes culturas, facilitando ou dificultando a compreensão interindividual e intercultural.

Segundo Moreno (1975), as relações estão fundamentadas em “pautas sociais” presentes nos papéis, que têm em sua constituição o que o autor

define como “conservas sociais”, resultantes de processo criativo, ou de um ato criador, que permanecem iguais e cristalizados em sua forma original ao longo do tempo.

As conservas culturais permitem a herança cultural e são tanto objetos - livros, obras de arte, músicas -, como comportamentos e costumes peculiares de determinados grupos.

São as conservas culturais que, como nos diz Florez (2004) “mantêm em lugar seguro os processos finais de um ato criador, fazendo com que permaneçam iguais ao longo do tempo e se cristalizem em sua forma original” (p. 52). Por outro lado, quanto mais cristalizados nas expectativas sociais do papel, menos criativos os *scripts* se apresentam, adoecendo pela ausência de espontaneidade. Relações que se dão por meio de papéis cristalizados tendem, portanto, a adoecer.

Concordo com Moreno (1984:11) quando diz: os “papéis e suas relações entre si são os fenômenos mais importantes de uma determinada cultura.” Nesse sentido, os papéis são unidades culturais de condutas, determinados pela própria estrutura socioeconômica e cultural e pela estrutura biofisiológica (como o papel de ingeridor, defecador etc.). Representam estereótipos ou conservas culturais, transmitidas às gerações e mantidas pelas próprias pressões e expectativas sociais. Como conservas, tendem à rigidez e ao automatismo, não possuindo a flexibilidade de conduta exigida em cada nova situação. Por isso, necessitam ser re-atualizados pela espontaneidade e pela criatividade para se adequarem a novas situações.

Para Naffah Netto (1979), quanto mais visíveis as determinações do papel, mais se oculta a pessoa. Em cena, podemos acessar os autores que “escrevem” as pautas de ação e buscar a pessoa do ator: sua forma pessoal de compreender, re-escrever e encenar o papel. No capítulo “O Drama da Família Burguesa”, Naffah (1980) exemplifica este fato, e afirma que nas sociedades capitalistas o sistema de funções sociais fixas é estabelecido por meio de um discurso ideológico. Para ele a ideologia naturaliza as funções sociais e mascara as contradições presentes nos papéis. Cria-se então um movimento de constante oposição que tem, de um lado, o proposto pelas prescrições sociais e de outro, os desejos isolados dos indivíduos. Estes desejos podem encontrar expressão quando postos em uma ação, permitindo o

questionamento do discurso ideológico e abrindo portas a novas estruturas familiares. Além disso, segundo o autor, é a tensão entre o desejado e o prescrito que constrói a ansiedade.

Considero que entender o papel como elemento acessível e transformável permite compreender uma sociedade que se transforma, que se modifica na relação com os indivíduos que a compõem. O papel social produz e é produzido em determinada cultura, é atravessado pela história, pela mentalidade de um tempo e de um lugar, de uma economia, e tantos quantos forem os elementos disponíveis nessa construção. A mudança dos papéis não ocorre apenas no tempo, mas pode ocorrer concomitantemente a partir da relação que se estabelece entre eles, em um determinado espaço. O que Moreno mostrou em seus experimentos é que a intervenção nos grupos, além de esclarecer as características do papel, proporcionava transformações inusitadas nas possibilidades do exercício dos papéis.

Tais mudanças podem ocorrer em função deste exercício do papel acrescido da espontaneidade/criatividade do sujeito, que é acessada por meio do aquecimento para seu exercício no aqui/agora, e pelo desenvolvimento de novos papéis que, por seu turno, criam novas possibilidades de expressão dos antigos papéis.

Composição e classificação dos papéis

Como dito anteriormente, o papel é composto por denominadores coletivos e por diferenciais individuais. Moreno afirma que “o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu, é o eu quem, todavia, emerge dos papéis.” (1975, p.25) Os primeiros papéis são desenvolvidos a partir das relações de co-vivência, co-ação e co-experiência¹ com as pessoas que compõem o que Moreno denomina de “matriz de identidade”. Esta oferta de papéis a serem desenvolvidos e que permite a constituição do eu faz com que chame a matriz de identidade também de “placenta social”.

¹ Mantenho a grafia para ser fiel à ideia moreniana.

Esta matriz é constituída pelas pessoas que se relacionam com o bebê, exercendo diferentes papéis existentes na cultura em que este se insere. Algumas vezes, vemos utilizar-se matriz como sinônimo de família, em sua constituição nuclear. Entendo que a noção de matriz inclui pais, irmãos, tias, avós, babás, pessoas com quem o bebê entra em contato, ou seja, não se restringe à família.

Segundo Moreno (2008),

“Cada pessoa relaciona-se de modo positivo ou negativo com um número indefinido de parceiros, os quais, por sua vez, podem relacionar-se com ela de forma positiva ou negativa. Uma pessoa tem, desde o nascimento, uma estrutura de relações ao seu redor – mãe, pai, avós e outros membros de seu meio primitivo. O tamanho do átomo social está em contínua expansão, à medida que crescemos; é dentro dele que vivemos mais concretamente. Esse padrão é chamado de *átomo social*, ou seja, a menor unidade funcional dentro de um grupo social.” (p.89).

Cada sujeito é visto como um átomo social que compreende suas relações, as quais se dão por meio dos papéis. Ao mesmo tempo, o átomo social define os papéis que serão desenvolvidos, ou ampliados, na medida em que se desenvolvem novos. Entendo que a matriz de identidade é o primeiro átomo social do sujeito que tem particularidades, por ser aquele que por meio de co-ação, co-vivência e co-experiência com o recém-nascido, dá a este a possibilidade de desenvolver os papéis determinados pela cultura na qual será inserido.

Merengué (2009), em sua discussão sobre os papéis, complementa com outra citação de Moreno (1975:28): “cada indivíduo anseia encarnar mais papéis do que lhe é permitido pela vida ou, pelo menos, (encarnar) uma ou outra variante deste papel. No decorrer de seu desenvolvimento, cada pessoa é solicitada por papéis diferentes nos quais deseja tornar-se ativo”.

O processo de assunção de um papel tem três momentos diferentes: o momento de assumir o papel, quando as pautas sociais imperam, e quando se atua a partir do já estabelecido, sem qualquer grau de liberdade; em seguida, o momento de jogar com o papel, quando o sujeito pode incluir alguns aspectos pessoais, num certo grau de liberdade em relação ao instituído; e, ao final, o criar no papel, quando a fusão entre o coletivo e o pessoal se dá por meio da

espontaneidade e da criatividade, com um alto grau de liberdade em relação à conserva social.

Garrido Martín (1996) mostra que Moreno estabeleceu alguns parâmetros de classificação do papel. Para Garrido Martín, a identificação com o papel social pode ser tanto uma auto-identificação quanto uma hetero-identificação, ou seja, a sociedade reconhece o sujeito pelo papel que desempenha, e por sua vez, o sujeito se situa na sociedade por meio dos papéis. Conhecer a pauta destes papéis sociais permite imaginar como os membros de uma comunidade vão reagir às suas investidas, permite planejar ações e em algumas situações, treinar o exercício de determinado papel.

Moreno mostra que existe um diálogo, conflitivo ou não, entre o papel prescrito e o desejado. Este conflito se constrói no diálogo entre a subjetividade, o papel prescrito e a realidade. E, Garrido Martín (1996) adota como critério para avaliação de desempenho do papel o grau de liberdade e espontaneidade em seu exercício. A estabilidade que se percebe no papel pode revelar a consistência da apropriação do mesmo.

Florez (2004) afirma que os diferentes papéis que temos na vida emergem e se desenvolvem em diferentes momentos. Em dado momento alguns estão se desenvolvendo, outros já estão desenvolvidos e alguns podem estar em extinção no que diz respeito às relações presentes no átomo social. Pode haver papéis que nunca estiveram presentes, ou que estão presentes em relação a uma pessoa e não a outra; ou que estiveram presentes numa relação, e estão agora extintos. Ao contrário de Florez, entendo que os papéis aparentemente extintos, estão apenas ausentes e podem ser ativados em novas relações, pois estão presentes na sociedade e não apenas no indivíduo.

A mesma autora (FLOREZ, 2004) refere-se à dominância e recessividade dos papéis, que aparecem em diferentes momentos da vida pois, ainda que o sujeito possa se relacionar por meio de uma variada gama de papéis, em determinados momentos da vida alguns deles o caracterizam mais do que outros.

Temos assim uma definição que aponta para o fato de que todos se relacionam por meio de um variado número de papéis e que há tanto o exercício de papéis que nos são determinados, quanto o de outros que são escolhidos. Pode-se depreender que os papéis que se escolhe exercer são

também aqueles para os quais a pessoa se prepara. Por sua vez, aqueles que são determinados podem ou não ser desejados, sendo papéis exercidos estritamente conforme prescrito pela cultura.

O papel de avós, por exemplo, não é um papel que se pode escolher exercer, embora se possa desejar fazê-lo. Para exercer um papel é necessário que haja com quem exercê-lo, ou seja, deve haver alguém que exerça o contra-papel, neste caso, o papel de neto. A construção deste papel dependerá de terceiros que devem decidir ser pais, dando assim a alguém a possibilidade de ser avô ou avó. No entanto, fazendo parte de nossa cultura, o papel de avós pode ser desejado, vivido na fantasia ou solicitado como, por exemplo, na situação de avós adotivos.

Moreno afirma que:

“Existem papéis representáveis e não representáveis; reconhecidos e não reconhecidos; representação de papéis antes do nível de seu reconhecimento; reconhecimento de papéis antes do nível de sua representação; percepção adequada, deturpada, parcial e até perda de percepção de papéis; representação adequada, deturpada, parcial e até perda de representação de papéis.” (MORENO, 1992, p.180 vol. III)

Por conta desta característica cultural é que nos psicodramas públicos, “um espectador é capaz de experimentar o processo de papéis no palco, porque todo e qualquer papel, em seu íntimo, tem dois aspectos, um coletivo e um diferencial privado.” (MORENO, 1975: 449)

Mesmo quando vivido de forma restrita ao preconizado por determinada cultura, sendo transmissível entre os elementos da mesma, o papel pode conter particularidades em função de aspectos subjetivos, na forma como cada sujeito o exerce.

Merengué afirma que “papéis não necessitam da imposição de alguém de fora: os indivíduos assumem o papel como um modo de ter um lugar em uma sociedade. Os papéis limitam, organizam, territorializam as ações, determinando o que podem e o que não podem mulheres, homens, gays, lésbicas, travestis, transexuais” (2009: 44).

Williams (1998) complementa afirmando que o processo de desenvolvimento de um papel se faz a partir de experiências passadas e

atuais, e constrói um núcleo central que tende a permanecer estável ao longo do tempo.

A família de origem determina certos papéis, e o que o bebê faz modifica estes papéis. A entrada de novos relacionamentos oferece a oportunidade de desenvolver outros. Ao nos movermos na sociedade e escolhermos algumas situações não só desenvolvemos novos papéis, mas elegemos novas relações que passam a fazer parte de nosso átomo social, alterando a estrutura anterior.

Assim, o nascimento de uma criança reorganiza toda a estrutura familiar e promove a possibilidade de desenvolvimento de novos papéis, sendo o de avós um dos que podem ser desenvolvidos. O exercício do papel de avós modifica, ou deveria modificar, as relações que se estabelecem com os próprios filhos e pode criar novas possibilidades de relação na sociedade como um todo.

Porém, não se pode perder de vista que o exercício do papel é, nas palavras de Moreno (1975: 238): *uma experiência interpessoal*, que ocorre na relação. Portanto, a cada papel desempenhado cabe um contra-papel. Não há possibilidade de exercer o papel de avós sem netos, de pais sem filhos. Assim, com o nascimento de uma criança, começam a nascer, simultaneamente, avós e neto (a).

Moreno (1975) realizava testes de papéis para conhecer o *script* cultural dos mesmos, bem como o quociente de desenvolvimento cultural dos indivíduos. Nestes testes, pedia aos sujeitos para desempenhar determinado papel sem um *script* pré-determinado e media seu grau de desenvolvimento por meio de vários critérios, inclusive quantitativos, como tempo de resposta ou quantidade de espaço utilizado. O teste de papéis é um dos métodos da sociodinâmica, ramo da socionomia que estuda as relações sociais.

O desempenho de um papel depende do grau de percepção e da capacidade de representação que o sujeito tem do mesmo. Segundo Moreno, pode-se ter alto grau de percepção, mas não conseguir representar um determinado papel. Para ele, os papéis mais facilmente representáveis provêm de experiências sociais mais remotas. (1975) Em especial os que são vivenciados numa fase da vida anterior à capacidade de entender as pautas sociais, e na qual se age, na falta do conhecimento destas pautas, apenas sob o fator 'espontaneidade'.

Outra constatação moreniana é a de que os papéis não estão isolados, mas tendem a formar conglomerados. Há uma transferência de espontaneidade dos papéis representados para os não representados, o que ele denomina de “efeito cacho”. O fato de se construírem conglomerados pode gerar não só este efeito de transferência de espontaneidade, que favorece o melhor desempenho de um papel, mas também pode produzir uma transferência de pautas cristalizadas, o que torna o novo papel mais rígido e com aspectos dos papéis dos quais transferiu determinadas características. Podemos exemplificar com a denominação dada às avós de “mães com açúcar” que transfere alguns aspectos que poderiam ou não compor o papel de avós, ou o estranhamento de filhos frente à forma com que veem seus pais lidando com os netos, diferentemente da maneira como lidavam com eles, seus filhos.

Outro aspecto importante do papel é que seu pleno exercício depende de um aquecimento inicial. O aquecimento não é apenas uma das etapas da sessão, e condição *sine qua non* para a dramatização. Moreno o considera necessário também em nossa vida cotidiana. Assim, ao tentar estudar, tratar ou conhecer determinado papel, é necessário aquecer-se para poder desempenhá-lo, incluindo seus aspectos subjetivos e não realizando uma mera repetição da conserva social.

Por meio de um sociodrama pode-se tratar os indivíduos como representantes coletivos de papéis da comunidade e de relações de papéis, sem levar em conta os papéis privados dos indivíduos (Moreno 2002). Para Moreno podemos estudar desta forma a formação *in situ* de determinado papel, sem que tenhamos que defini-lo de antemão. Ou seja, aquecidos para desempenhar determinado papel, os indivíduos os criam na situação e assim podemos estudar como se formaram.

Além disto, todo e qualquer indivíduo é foco de numerosos papéis relacionados aos papéis daqueles com quem se relaciona. Em qualquer momento de sua vida, as pessoas se defrontam com uma gama de papéis e de contra-papéis em vários estágios de desenvolvimento. O padrão de relação de papéis em torno de um indivíduo, denominado o “átomo cultural”, ou seja - os papéis e relações entre papéis – pode ser considerado como o desenvolvimento mais significativo de qualquer cultura.

De certa maneira, Moreno, ao definir a importância dos papéis para a compreensão do indivíduo, abriu também a possibilidade de compreendermos a história do homem, uma vez que na estrutura do papel repousa a construção das relações humanas.

Capítulo 2. MORENO E A SOCIONOMIA

Na construção teórica do psicodrama, Moreno (1889-1974) desenvolveu primeiramente a sociometria - a partir da Primeira Guerra Mundial - por meio da qual se propunha a determinar a estrutura básica das sociedades humanas (FOX, 2002). Posteriormente, criou a socionomia, que pretende compreender e tratar os grupos e as relações humanas.

De acordo com Florez (2004), foi só em 1959 que Moreno consolidou a construção da socionomia² que, segundo ele, possui três vertentes: a sociodinâmica, a sociometria e a sociatria, cada uma delas com objetivos diferentes. A **sociodinâmica** propõe-se a compreender como se dão as relações e as estruturas que se formam nos diferentes grupos. A **sociometria** pretende ser capaz de medir as relações, e assim obter dados que favoreçam a construção de grupos mais adequados às tarefas a que se propõem. A **sociatria** estuda formas de tratar as relações, quando se apresentam adoecidas.

Embora tenham se desenvolvido diferentes metodologias para cada uma destas vertentes - o *role-playing* ou jogo de papéis, na sociodinâmica; o teste sociométrico, na perspectiva da sociometria; e finalmente, para a sociatria, a psicoterapia de grupo, o sociodrama e o psicodrama, na prática psicodramática, as três vertentes estão presentes de forma integrada. Quando consideramos o indivíduo ou o grupo, é necessário compreender sua dinâmica e observar a estrutura de suas relações, bem como estabelecer uma medida que possa indicar a ocorrência, ou não, de mudanças.

De qualquer maneira, a cena dramática é o recurso por excelência. Por meio da realização de atos que expressam maneiras de viver e/ou modos de relacionamento do sujeito com seu meio, é possível conscientizar e mobilizar as pessoas. A dramatização permite revelar conflitos, contradições entre as atitudes, os pensamentos e leis internas do grupo e dos indivíduos.

² De modo geral, todo o arcabouço teórico-prático moreniano é conhecido como psicodrama, e com exceção dos psicodramatistas, não se faz referência à socionomia como uma ciência.

Para White (2008), os métodos de ação de Moreno permitem redescobrir as tendências à conservação e à preservação das tradições do grupo, o desenvolvimento de padrões culturais, as pequenas contribuições do indivíduo às tradições ou aos padrões à medida que os vivencia. A característica da ação se assenta na “filosofia do momento”, cuja proposta é captar a realidade em seu *locus*, em sua matriz e com seu *status nascendi*. Nada poderá ser verdadeiramente compreendido pelo sujeito fora de seu contexto e o maior valor dos dados obtidos está no momento da criação. Ou seja, o momento em que dramaticamente aborda-se o fenômeno. No psicodrama, é a encenação que possibilita que a, ou as subjetividades, sejam observáveis por meio da dramatização. Como pretendia Moreno, a cena é um espelho da vida real e contém muitos outros elementos ou dimensões da própria vida.

O sociodrama e o psicodrama

O psicodrama permite desvelar alguns aspectos do indivíduo, sua forma de agir e suas diferenças em relação a outros indivíduos formatados por diferentes redes sociais e tradições. As pessoas em geral vivem seu cotidiano sem ter sempre clareza de como pensam, agem ou reagem. Suas características permanecem encobertas pelo sistema de crenças impessoal e pela cosmovisão do grupo a que pertencem.

Para Moreno (2008), é axiomático o fato de a sociedade oficial (externa) e a matriz sociométrica (interna) não serem idênticas. A primeira é visível nas estruturas sociais; já a outra é invisível, isto é, microscópica. O psicodrama e o sociodrama, por meio de dramatizações, criam um espaço no qual o desempenho espontâneo e sem inibições de hábitos e comportamentos pode acontecer, permitindo desvendar as formatações culturais do grupo, para quem o observa, e para seus próprios integrantes.

Há discussões acerca das diferenças existentes entre o sociodrama e o psicodrama, como métodos de trabalho. Para alguns psicodramatistas, a diferença está em ser o trabalho focado no tema do grupo - sociodrama - ou no tratamento do protagonista, o psicodrama. Penso que tal distinção é didática,

uma vez que o protagonista emerge do grupo. O sujeito só se torna protagonista por sustentar com emoção, e trazer em sua história, o tema que o grupo trabalha. Mudando o grupo ou o tema, necessariamente o protagonista será outro.

Segundo Gonçalves, Wolf e Almeida (1988), o psicodrama, por meio da ação dramática, trabalha tanto o indivíduo quanto o grupo. A psicoterapia de grupo atua nas relações interpessoais, enquanto o sociodrama trata o grupo que existe enquanto tem uma tarefa ou um objetivo comum. Esta divisão pode ser considerada clássica; mas os psicodramatistas utilizam também outras nomenclaturas, como sócio-psicodrama, psico-sociodrama, sociodrama tematizado, para denominar diferentes tipos de atuação, em função do objetivo do trabalho, do local onde se realiza ou mesmo da profissão do diretor.

Segundo Moreno (2008), por meio do sociodrama é possível conhecer as estruturas de papéis de cada um dos participantes e o que se apreende pode ser extrapolado para a coletividade de onde vêm. Cada membro do grupo é um tipo representativo de determinada cultura e não apenas um indivíduo particular.

Tal afirmação tem permitido que diferentes psicodramatistas, como Marra e Fleury (2010:17), afirmem que “o sociodrama naturalmente evidencia a dimensão relacional (expressa nos estados co-conscientes³ e co-inconscientes)⁴ e a dimensão sociocultural (atentando para as diferenças sociodemográficas e a cultura subjetiva da população)”. E Davoli (1990) ressalta o fato de que o sociodrama tem os papéis sociais como foco principal de exploração.

Os métodos socionômicos, segundo Moreno (1975), baseiam-se nos seguintes princípios fundamentais:

- Todos os estímulos do presente contribuem para a criação imediata, pois passado e futuro se encontram na produção atual;
- O processo é experimental e pioneiro, para tornar a pesquisa ativa e profunda;

³Co-consciente e co-inconsciente são “fenômenos que ocorrem nas ligações profundas entre as pessoas. Para ele (Moreno) os estados inconscientes são, por definição, aqueles que os participantes têm experimentado e produzido conjuntamente e que, portanto, só podem ser reproduzidos ou representados conjuntamente.” (GONÇALVES et al., 1988)

- A livre atuação complementa a associação de palavras e o espaço tridimensional, em qualquer ambiente, concretizando as vivências interiores.

Menegazzo, Tomasini e Zuretti (1995) e Marineau (1992) afirmam que o sociodrama, além de ser um meio de acessar relações intergrupais, é também uma forma de explicitar as ideologias coletivas. Marineau acrescenta ainda que é o tratamento de problemas sociais que situa o aspecto coletivo no primeiro plano, tendo como pano de fundo a relação particular, uma vez que o que é feito utiliza-se das decisões grupais, tomadas democraticamente e permitindo ao mesmo tempo uma mudança social.

No sociodrama podemos ter diferentes formas de trabalho: o teatro espontâneo, o teatro de reprise, a retramatização, entre outros. Cada um destes formatos possui uma estrutura pré-determinada que dá contorno à forma com que se vai trabalhar. Entendendo que o que se explora nos sociodramas são os papéis sociais, e que como nos diz Moreno (2008), o processo de assumir o papel não é somente cognitivo, assim como “jogá-lo” não constitui um mero agir. “Cognição, percepção, comportamento e ação estão intimamente entrelaçados e não podem ser claramente separados” (p.99). Assim, trabalhar com papéis implica e necessita de aquecimento, mas é possível encontrar diferenças quanto à avaliação de um ou mais comportamentos referentes a determinado papel. O mesmo pode ocorrer entre os atores da cena. Isso independe do número de vezes que um determinado papel foi vivido, ou não, bem como do quanto este está ou não cristalizado.

Para emergir num dado momento, afirma Moreno (2008), “o sujeito deve passar: a) por um processo de aquecimento, ainda que mínimo, no qual o organismo todo se envolve; b) por um processo de aprendizagem mimética de como assumir o papel do outro, sem importar quão ‘generalizado’ seja este ‘outro’.” (p. 99)

A retramatização

Entre os diversos métodos sociodramáticos, a retramatização torna possível identificar as concepções presentes no grupo acerca do papel, por

exemplo o de avós, como pretendemos mostrar, e tem, portanto, características semelhantes a um teste de papéis, já que em princípio, todas as cenas apresentam pelo menos um personagem delimitado.

Para Moreno (2008) testar o papel permite medir, tanto o comportamento de um indivíduo no papel, quanto o grau de diferenciação do mesmo em uma determinada cultura. Segundo ele, o teste de papel pode ser feito por meio de, por exemplo, cenas propostas pelo diretor, em que o sujeito precisa atuar de acordo com o papel proposto, sem prévio *script*. O autor alerta que este teste deve ser realizado com papéis operacionais e representativos da comunidade em que o sujeito vive. Um papel irrelevante para a comunidade inviabiliza a possibilidade de um “retrato verdadeiro do comportamento e das potencialidades do papel”. (p. 111)

A retratização foi criada por Arnaldo Liberman em 1994 e descrita em sua monografia – Retratização uma proposta Sociodramática - apresentada ao término de sua formação em psicodrama no Instituto Sedes Sapientiae, para responder à exigência da FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de psicodramatista. Ao terminar seu curso, ele, que já realizava atos públicos, preocupado com a exposição do protagonista, decidiu pensar numa forma de trabalho que evitasse ou minimizasse esta questão. A retratização foi a forma de trabalho que propôs.

Esta forma de trabalho foi criada para que o tema trazido pelo grupo durante a primeira fase da atividade – o aquecimento - pudesse ser tratado, ficando a critério do autor da história encenada revelar-se ou não. Só se identifica o autor da história se este o desejar. Além disso, a retratização permite a abordagem de questões sociais, favorecendo a co-responsabilidade de todos os participantes. Nas palavras de Liberman (1994), a retratização foi “a forma que criei para trabalhar com sociodramas, tendo em vista proteger as pessoas no sentido de que seus temas possam vir à tona sem que se identifique quem os trouxe.” (p.7). Ainda segundo Liberman (1995: 29):

“A forma de trabalho considera a importância que dou ao processo de criação individual, entendido como uma contribuição ao viver, a partir de uma visão pessoal e particular, como um momento único, solitário e despojado da influência coletiva enquanto crítica limitante. A inserção do processo criativo individual em um processo grupal, ao valor da expressão teatral e dramática na inter-relação das vivências

personais e a descarga emocional que a situação propicia. Levo em conta o valor do texto escrito, não só como registro cuidadoso do trabalho grupal, mas também por ser um material que desencadeia um movimento importante e vital nas relações interpessoais”.

Na retratização, há a possibilidade de partir de sentimentos individuais (tramas), para a criação de um texto sociodramático grupal (retramas), utilizando-se recursos dramáticos. As contribuições individuais levam a um trabalho coletivo. Recorrendo novamente ao seu criador: “O tema possibilita que cada um enxergue, em cada papel sociodramático, alguma faceta individual e, como em um caleidoscópio, forme uma visão, uma imagem crítica, emocionada e iluminada pela cena dramática.” (LIBERMAN, 1995: 39) Entende que nossa trama pessoal é constituída de diversos fios fornecidos por nossos antepassados, que são retramados por nossos pais, que nos ofertam seus fios para que possamos compor outras tramas.

Para a realização de uma retratização, o número de participantes de cada grupo pode variar de 20 a 40 pessoas, e não deve ser menor do que 15. A utilização da técnica dura em média duas horas e meia e consta de quatro movimentos, descritos a seguir.

Primeiro movimento

Após a explicação da atividade a ser realizada, começa o aquecimento, fase inicial de qualquer ação psicodramática, que visa construir o contexto grupal para o envolvimento de todos no trabalho a ser desenvolvido. O segundo momento de aquecimento que, como o primeiro, também pode ser verbal ou corporal, visa preparar o indivíduo ou o grupo para a ação dramática; este segundo momento é denominado ‘aquecimento específico’. Para Moreno é condição *sine qua non* que esta etapa se realize com espontaneidade e criatividade. De acordo com as etapas clássicas de uma sessão, estes são sempre os primeiros movimentos.

Com o aquecimento propõe-se levar as pessoas a buscarem em sua vida uma história, uma cena, uma frase que tenha a ver com o tema proposto ou um tema que os inquiete no momento. Após o aquecimento, pede-se ao grupo que

se divida em três subgrupos, aproximadamente iguais quanto ao número de participantes, sem qualquer outro critério pré-definido. Feito isso, solicita-se que cada um escreva, em um papel sem identificação, a cena, frase, ou história que lhe ocorreu durante o aquecimento. Isto é, a trama de cada um.

Segundo movimento

Pede-se que cada um dos subgrupos recolha os relatos escritos individualmente. Em seguida, o diretor redistribui estes papéis, de modo que o subgrupo 1 passe o material para o 2, o 2 para o 3, e o 3 para o 1.

A partir do material recebido, cada subgrupo irá escrever um texto. Solicita-se que cada subgrupo tente colocar no texto que irá construir todos os personagens, situações, sentimentos que apareceram nos diferentes escritos do outro subgrupo. Os participantes podem fazer um roteiro único, dividir em atos, acrescentar diálogos, pois o texto deverá ser dramatizado. Assim tem início a retrama.

Terceiro movimento

Recolhem-se os textos e o subgrupo 1 recebe o texto do 3, baseado nas histórias do 2, e assim sucessivamente. A partir destes textos, cada subgrupo prepara e realiza uma apresentação dramática para os outros dois subgrupos, na ordem que desejarem. O que foi retramado recebe agora nova forma, outra trama, uma vez que cada história individual vai sendo revista pelos participantes de cada subgrupo por onde passa.

Quarto movimento

Este movimento ocorre intercalado com o terceiro, pois, após a dramatização de cada subgrupo, a plateia (constituída dos outros dois subgrupos) é convidada a falar com os personagens que permanecem em cena. Neste momento, todos podem dizer o que quiserem para os personagens, até mesmo os que dramatizaram, sem serem interrompidos. É o momento da deposição dos sentimentos e emoções suscitados pela dramatização.

Aparecem aí as contradições do que o grupo, como um todo, pensa sobre determinado papel. É possível confrontar os personagens do mundo interno com os do mundo externo.

Após a dramatização dos três subgrupos, e depois dos diálogos da plateia com os personagens, o diretor abre para um compartilhar geral. Neste momento todos podem expressar-se e o diretor encerra a sessão com os comentários que julgar necessários. É o momento de elaboração do ocorrido e de explicitação das contradições existentes no *script* de um determinado papel.

Liberman (1995) afirma que, apesar de a sequência de passos propostos ter um encadeamento, pode-se proceder à análise de cada uma das etapas de forma separada, o que permite diferentes leituras com diferentes entendimentos. E se permite sonhar: “Fico imaginando a riqueza de textos que teríamos se cada grupo tivesse um longo tempo para retratizar... Que material fantástico não surgiria... Que trabalhos não surgiriam, e que benefícios não trariam ao grupo.” (1995: 36-37)

A retratização tem sido incorporada às práticas de muitos psicodramatistas, sem que se tenha feito qualquer estudo ou pesquisa a respeito de seu potencial como técnica psicodramática, ou como meio de obtenção de dados numa pesquisa.

Até os dias de hoje, registra-se apenas um trabalho de conclusão de curso, da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, (BRAGANTE, 2002) no qual o autor discute a possibilidade de eliminar a escrita das histórias como forma de possibilitar o trabalho com os analfabetos e, ainda assim, evitar que se saiba quem é o autor de cada história.

A retratização tem sido amplamente utilizada em atos psicodramáticos com fim psicoterápico, mas, como afirma o próprio Moreno (2008), toda ação psicodramática é também uma pesquisa de que participam diretor e sujeitos. Entendo que assim como se tem dado luz ao aspecto psicoterápico da retratização, posso desta feita utilizar a retratização como valioso instrumento de pesquisa.

Além de possibilitar o anonimato dos sujeitos, objetivo primeiro de Liberman, a retratização permite obter registros individuais e coletivos sobre o tema trabalhado, o que pode facilitar o trabalho do pesquisador. Minha experiência de trabalho com a retratização me leva a sugerir que o momento

da dramatização propicia uma expressão dos sujeitos que inclui os aspectos afetivos e cognitivos, e a percepção de transformações no grupo sobre o tema trabalhado, valiosos na compreensão mais ampla de papéis. É o que pretendo evidenciar com esta Tese.

O psicodrama na pesquisa

Na revisão bibliográfica realizada sobre dissertações e Teses que utilizam o psicodrama, foram encontrados 77 trabalhos: 25 na PUC-SP, um na UNESP, 25 na UNICAMP, e 26 na USP. As áreas em que os trabalhos foram realizados foram: Psicologia, clínica e social, Medicina, Fonoaudiologia, Esporte, Serviço Social, Língua Portuguesa, Educação e Comunicação Social. A maioria deles, na área da Psicologia.

Os autores usam o psicodrama como meio para pesquisar um tema; referencial teórico para leitura do tema pesquisado; discussão sobre a teoria; ampliação de conceitos; discussão sobre a formação do psicodramatista; paralelamente a outra teoria; história do psicodrama; e discussão de atendimento psicodramático.

Nenhum dos trabalhos encontrados utilizou a retratização como possibilidade de coleta de dados, mas muitos se referem ao sociodrama - categoria na qual se insere a retratização como possibilidade metodológica - sem, no entanto ter como objetivo analisar as possibilidades do sociodrama como meio de pesquisa. As Teses e dissertações que utilizam o sociodrama como forma de obtenção de dados, tratam-no no contexto da pesquisa-ação (Scaffi 2002) ou da pesquisa-intervenção (TOLOI, 2006).

Moreno (2008) acredita que seus métodos são eficazes também para pesquisa transcultural, ou seja, pode-se, por meio da ação, captar diferenças de cultura que se apresentam como conflitos expressos na ação. Para ele, na forma do sociodrama, pode-se ao mesmo tempo investigar e tratar os conflitos surgidos entre duas ordens culturais diferentes e, simultaneamente, pela mesma ação, promover mudanças na atitude dos membros de uma cultura frente aos membros de outra. Entende que as relações subjetivas e a história mantêm relações intrínsecas e essenciais (Moreno 2008). Além disso, pondera

que é a compreensão das estruturas primárias, realizadas no palco do psicodrama, que pode embasar investigações macrossociológicas. Neste sentido sua abordagem se assemelha ao que Levy (2001) denomina pesquisa-intervenção.

Marra e Costa (2004a e 2004b) consideram o sociodrama um meio viável para a pesquisa-ação, pois privilegia a dimensão relacional dos sujeitos da pesquisa com o pesquisador, e dos sujeitos entre si. Para estas pesquisadoras, o sociodrama é uma metodologia ativa de pesquisa que explicita os significados presentes nas relações, o discurso compartilhado e um processo dialógico, com intensa troca de conteúdos, tanto psíquicos quanto relativos a atitudes e comportamentos das pessoas.

Define-se o psicodrama, epistemologicamente, enquanto teoria e prática, como uma abordagem fenomenológico-existencial, tendo o pesquisador como inseparável do pesquisado e implicado no fenômeno. O que importa é compreender e descrever o fenômeno. Como afirmam Triviños (1992) e Gil (1999), o método fenomenológico preconizado por Husserl não é dedutivo nem indutivo; propõe a descrição direta da experiência tal como ela é construída socialmente e entendida como o compreendido, o interpretado, o comunicado. Tem-se então, não uma realidade única, mas tantas quantas forem as suas interpretações e comunicações. Reconhece-se neste processo o sujeito/ator como participante na construção do conhecimento.

O psicodrama e o sociodrama facilitam captar, sem julgamentos anteriores, o objeto de pesquisa, num movimento que valida a existência de um outro, que acolhe a intersubjetividade. Os participantes são ao mesmo tempo sujeitos e experimentadores. Não se propõe a busca de explicações do fenômeno pesquisado, mas, observando a cena, compreender as implicações resultantes da mesma.

O próprio Moreno aponta as dificuldades que esta postura implica, ao afirmar: "formando parte do grupo, ele (o coordenador) se priva do papel de investigador, que consiste em manter-se fora do jogo para sugerir, criar e dirigir a experiência..." "Não se pode, ao mesmo tempo, ser um participante autêntico e um 'agente secreto' do método científico" (MORENO, 1975, P.67). A saída, diz ele, é "atribuir a cada membro do grupo a 'condição de investigador'", ou seja, fazer deles experimentadores, na medida em que participam ativamente, criam

cenar, e se envolvem na dramatização que permite a pesquisa. Nesta proposta, a cada momento, os sujeitos são investigadores da ação, e investigados pelos outros participantes do processo. Uma perspectiva condizente com sua posição de que o homem é co-responsável por todo o universo.

Nery, Costa e Conceição (2006), em seu artigo sobre sociodrama e pesquisa qualitativa afirmam que

“as informações colhidas pelo sociodrama advêm: (1) de variáveis sociométricas, por exemplo, modo de construção de grupos e subgrupos; (2) da sociodinâmica apontada nos sentimentos e falas presentes na ação dos participantes em relação à polêmica; (3) dos tipos de cenas, personagens e conflitos; (4) da atuação do(s) protagonista(s); (5) da participação dos membros do grupo no compartilhamento final” (2006: 309).

Alertam também para um bom planejamento e para a busca de condições de registro que favoreçam a captação dos detalhes que compõem a cena dramática. Discutem a necessidade da filmagem em função do grande número de pessoas envolvidas na cena e do inevitável recorte do olhar do cinegrafista.

Pretendo considerar suas recomendações nesta proposta de realizar sociodramas, aqui entendido como um meio de pesquisa e de tratamento, desenvolvidos por retratização.

Capítulo 3. A FAMÍLIA E OS AVÓS

A família

A família é um elemento central na organização humana e, assim, as relações familiares têm sido objeto de estudo de diferentes disciplinas. No entanto, ao longo do tempo e nas diferentes culturas, a família variou em estrutura e função.

Seja como for, podemos considerar que os membros da família relacionam-se entre si e com o ambiente social mais amplo de modo sistêmico. Segundo Minuchin (1990, p 56 - 57):

“Um esquema baseado na compreensão da família como um sistema, operando dentro de contextos sociais específicos, tem três componentes. Primeiro, a estrutura da família é a de um sistema sócio-cultural aberto, em transformação. Segundo, a família passa por um desenvolvimento, atravessando certo número de estádios, que requerem reestruturação. Terceiro, a família se adapta a circunstâncias modificadas, de maneira a manter a continuidade e a intensificar o crescimento psicossocial de cada membro”.

A vivência dos avós será modulada pela estrutura familiar, isto é, pelo *“conjunto invisível de exigências funcionais que organizam as maneiras pelas quais os membros da família interagem”* (MINUCHIN, 1990, p.56-57), bem como pelo momento do ciclo vital familiar em que se encontram. Quer dizer, a experiência dos avós poderá ser diferente quando se insere em uma família biparental, divorciada, monoparental, homossexual etc, ou quando qualquer delas transita de uma configuração para outra.

Os períodos de transição envolvem geralmente mudanças na distribuição de papéis e nas regras que definem as fronteiras familiares, por exemplo, quando o neto nasce e gera os pais e os avós, ou quando a família se reorganiza para lidar com a entrada da criança na escola ou com sua adolescência.

O conteúdo do papel, bem como o poder dos avós no âmbito das relações familiares, por ser parte de um sistema social maior, variará nos contextos sociais específicos, ou nos momentos históricos diversos de uma mesma cultura ou sub-cultura.

Caspari (2011) sugere que o aumento da longevidade pode ter sido o segredo de nossa espécie e, no Período Paleolítico, foi maior na Ásia do que na Europa. Segundo ele, nos grupos com maior sobrevivência, pode-se pensar nos adultos que viviam mais como “os avós do grupo”. A longevidade aumentada da população promove acúmulo de transferência de informação entre gerações, além de incentivar a formação de sistemas de parentesco intrincados, desencadeando uma evolução cultural.

No mundo ocidental, a figura dos avós, com contornos semelhantes aos atuais, só irá se fixando à medida que a família se aburguesa e nucleariza, tornando-se uma unidade de afeto e cuidado da prole, o que é um fato razoavelmente recente, por começar a ocorrer no século XVI. Antes preponderava uma estrutura familiar estendida na qual imperava o patriarca ou o "*pater familiae*" que seria o homem, o mais velho, o primogênito, independente de ser pai ou avô. Esposa, filhos, escravos, agregados, terras e bens compunham seu patrimônio. Seu poder era ilimitado, escolhendo o cônjuge para seus filhos e delimitando suas possibilidades de vida de acordo com sua vontade. (ARIÉS, 1981)

Diversos eventos contribuíram para a emergência e fixação do modelo nuclear no ocidente cristão. Segundo Ariès (1983), vários foram os fenômenos associados: o aparecimento do sentimento da infância, a Revolução Industrial, com a saída dos meios de produção do seio da família e a conseqüente fixação da burguesia, a dependência de serviços cada vez mais especializados (médicos, educadores...) e o maior poder dos estados em comparação com o poder da nobreza.

Segundo Almeida (1987: 61), a família nuclear:

“surge em parte como desenvolvimento e aprimoramento ideológico da família protestante, em parte como reação à decadência dos costumes da aristocracia. A família, excluída da produção, teria constituído uma célula

perigosamente igualitária, se não houvesse leis naturais que colocassem a mulher no seu lugar, que não é igual ao do homem”.

A família se torna intimista, centrada na educação das crianças, reduzida a pai, mãe e alguns filhos, que vivem sós, sem agregados nem parentes em casa. O casamento deixa de ser um negócio de família para ser uma escolha “por amor” dos cônjuges. A família permanece sendo hierárquica, sustentando a condição de submissão feminina anterior, mas nela, a complementaridade de papéis homem-provedor e mulher-cuidadora torna-se o sustentáculo do desenvolvimento infantil saudável. A vida doméstica, o cuidado do relacionamento conjugal e dos filhos – a casa – delimita o domínio feminino, das mães, filhas e avós. O mundo da rua – o trabalho, o poder e a política - tornaram-se o assunto masculino; o respeito à geração “dos avós” se garante enquanto representantes da sabedoria instituída (SOUZA, 1994).

Referindo-se ao Brasil, Szymanski (1992) afirma que o modelo nuclear burguês de família se reforça no século XVIII, resultado da configuração das famílias abastadas da Europa, mas só será adotado pelas classes trabalhadoras no final do século XIX e início do século XX. Além disso, segundo a autora, tivemos também a influência, tanto da organização social indígena, quanto da recebida dos escravos, cujos povos privilegiam o modelo matriarcal.

O modelo de família intimista, afetiva, porém hierárquica, foi sendo pressionado para mudança ao longo da segunda metade do século XX. Singly (1996) considera que a sociabilidade no século XX passa por profundas transformações e destaca que, para a família contemporânea, apresentam-se exigências de obtenção de satisfação relacionais e afetivas no âmbito do casal. Além disto, concordando com o contrato social apontado por Kornhaber (1986) ocorre a valorização do reconhecimento das identidades individuais dos filhos.

Souza (1994) e Souza e Ramires (2006:12) argumentam que as mudanças da família ocidental atual

“podem ser descritas como de duas ordens distintas, embora relacionadas: mudanças ideológicas, no sentido de um ideal democrático ou igualitário de relações, e estruturais, relativas à longevidade da população e ao aparecimento, ou saída da clandestinidade, de uma variedade de arranjos reconhecidos como famílias”.

As autoras acima citadas ponderam que estas mudanças estão conectadas a questões macroeconômicas, como a ampliação de setores que favorecem o trabalho feminino; científicas, como a pílula anticoncepcional, que permite à mulher o agenciamento da própria sexualidade e fecundidade; e ao clima político, que fortalece as demandas de igualdade nos direitos civis. Também identificam mudanças quanto à valorização da subjetividade que dá importância à realização pessoal. Este complexo de eventos mudou indiscutivelmente a concepção de mundo e a inclusão das pessoas no universo social, influenciando a dinâmica familiar, não só no que se refere às relações homem e mulher, mas diminuindo a hierarquia entre pais e filhos. Machado (2001) afirma que se substituiu uma educação retificadora (corretora e moral) das crianças por uma “pedagogia da negociação”.

A hierarquia entre avós, pais e filhos sofre demandas de modificação. Almeida (1986) realizou estudo particularmente interessante acerca de nosso objetivo de discussão: os avós na família. Trabalhou com mulheres brasileiras provenientes das camadas médias urbanas, que tiveram seus filhos na década de 1950, e suas filhas, que chegavam à maternidade nos anos 1980. Comparou a experiência de mães e filhas quanto à relação entre os cônjuges, entre a gestante e sua família de origem, com os profissionais da gravidez, com o grupo de amigos da mesma geração e consigo mesmas.

Embora Almeida (1986) afirme que tanto as mães dos anos de 1950 quanto as dos anos 1980 não escapam ao destino da maternidade, que ainda é esperado por amplos setores da sociedade, e dependam de agentes externos para a construção deste papel, existem diferenças importantes entre elas. A mãe dos anos 1950 esperava que seu marido fosse protetor e provedor, e não participasse ativamente do processo da gravidez, parto e cuidados com o recém-nascido. Há uma clara distinção de gênero entre os papéis de marido e de esposa. O exercício do papel de mãe se sustenta na aprendizagem, que

tem a família de origem como modelo, sendo a avó especial fonte de autoridade. Já as mães dos anos 1980, que enfatizam a liberdade de escolha e a independência de valores, têm uma postura reativa de resistência quanto à intervenção da família de origem, que poderá obstruir uma vivência deste período sem interferências de terceiros. A mãe da gestante é quem perde mais poder. As expectativas quanto à divisão de trabalhos com o marido se baseiam em diferenças pessoais e não de gênero. A gravidez, a maternidade e os cuidados com o bebê passam a ser responsabilidade do casal, esperando-se que o pai esteja presente nas consultas durante a gravidez, no parto e na divisão de tarefas nos cuidados com o recém-nascido. Para estas mães dos anos 1980, a autoridade das avós e familiares é substituída pela dependência dos conselhos dos especialistas, médicos, psicólogos e outros.

Mas, muitos falam de crise familiar. Ariès, em 1981, argumentava que “não seria o caso de falar em crise da família, como muitas vezes fazemos, mas da impossibilidade dela desempenhar todas as funções de que foi, sem dúvida, improvisadamente investida durante o último meio século” (p.23). Enquanto Lamb (1982) assegura, frente à diversidade de arranjos familiares que: “Mesmo hoje, a família tradicional é frequentemente lembrada romântica e nostalgicamente por aqueles que lamentam seu desaparecimento” (1982: xi).

Para diferentes autores (SZYMANSKI, 1992; MACEDO, 1994, SOUZA, 1997; FONSECA, 2002), o modelo nuclear ou tradicional se manifesta mais como ideia bem definida no imaginário social do que como vivência, podendo, no entanto, ser utilizado para, por comparação, considerar as demais famílias como problemáticas. Devido a isso, Souza e Ramires (2006:14) ressaltam que “nossa principal questão hoje é enfrentar o fato de que o próprio conhecimento psicológico veio a se tornar um agente ideológico, em uma sociedade de busca de especialistas, o que pode favorecer a permanência ou a mudança, no que se refere a concepções restritivas, tanto de papéis de gênero, quanto das relações familiares”.

Giddens (2003:63) considera positivo termos deixado para trás um modelo normativo único e estável de relacionamento. Para ele, na atualidade “a família é um local para as lutas entre tradição e modernidade, mas também uma metáfora para elas. Há talvez mais nostalgia em torno do santuário

perdido da família do que quanto a qualquer outra instituição com raízes no passado.”

Sociólogos e antropólogos que estudam a família no Brasil alertam ainda para o fato de que a situação da família brasileira difere das do mundo europeu e do norte-americano. Machado (2001) pondera que em nosso país não se alcançou o mesmo estado de bem-estar daqueles países nem se generalizaram os direitos civis, obrigando a considerar as particularidades regionais e diferenças entre vida urbana e rural. Além disso, ressalta que na lógica cultural ibero-americana, a construção social das formas de família, da sociabilidade e da noção de indivíduo mantém forte enraizamento católico hierárquico.

Almeida (1987) e Da Matta (1991) apontam para a força e o valor dado à parentela estendida, considerada ‘a família’ – as pessoas da casa – no Brasil, e para o fato de ela se manifestar menos como instância social do que como princípio instituidor de uma moral, prestígio e poder, ou como matriz ética. Em vista disso, tanto Figueira (1987, 1992) como Da Matta (1991) relatam que há um “jeito brasileiro” de ajustar-se às demandas de ser “moderno”, atualizado, mudando a abordagem, mas deixando viva a tensão relativa ao ajuste apenas periférico.

Em suas pesquisas sobre as camadas médias urbanas brasileiras, Figueira (1987, 1992) verificou que os ideais igualitários parecem ter sido absorvidos de forma particular pela família brasileira. Por ser uma sociedade eminentemente hierárquica e “pela velocidade do processo no Brasil, o que se tem é a aquisição de novas identidades que se sobrepõem às antigas identidades posicionais sem, contudo, alterá-las substancialmente” (1986, p. 17-18), produzindo o que ele denominou ‘modernizações reativas’: muda-se a resposta sem que se mude a regra intrínseca que a produz.

Embora as pesquisas de Figueira tenham sido realizadas na década de 1980, a convivência do “moderno e do arcaico” nas expectativas de relacionamento entre os membros das famílias urbanas continua existindo e Souza e Ramires (2006:14), analisando a produção psicológica acerca das demandas de equidade de gênero e da diminuição do poder normativo da unidade e da tradição da família nuclear, afirmam que vivemos “a própria

transição para novas metas de igualdade e novas bases de comprometimento na relação conjugal, e não o ponto de chegada”. E completam, afirmando que as exigências de adaptar-se implicam em conflito, expectativas contraditórias, ambivalência e desorientação,

“à medida que se torna necessário produzir novas respostas de maneira extremamente rápida. A descontinuidade entre modelo ‘tradicional’ e a experiência vivida se fazem ruptura, pois as mudanças não mais ocorrem ao longo das gerações, como no passado histórico, mas sobre cada um de nós, muitas vezes, ao longo de nosso ciclo vital individual”. (16-17)

O que vale para a família como um todo, vale para as expectativas acerca do que é, do que fazem, e do que devem fazer os avós, e como vivenciam esta experiência.

Os avós

Dados do IBGE (2008) mostram que, graças aos avanços da medicina e à melhoria das condições gerais de vida no Brasil, houve uma elevação considerável da esperança de vida nacional. Entre 1940 e 2008 galgamos 27,2 anos de sobrevivência e os dados apontam que em 2050 a expectativa de vida dos brasileiros chegará a 81 anos, a mesma projetada para países como Islândia (81), China (82) e Japão (82).

Em 1940 a expectativa de vida no Brasil ao nascer era de 45,5 anos. Em 2008 era de 72,2 anos, lembrando que se trata de média que deve ser relativizada em um país com distribuição desigual de condições de vida. Assim sendo, a probabilidade de que se possa conviver com avós, e até mesmo com bisavós, torna-se muito maior a cada ano, apontando para a relevância de estudos que enfoquem estes papéis.

O dia dos avós foi criado pelo Papa Paulo VI (1963-1978) e é comemorado em 26 de julho, dedicado conjuntamente a São Joaquim e a Santa Ana, os avós de Jesus Cristo.

Os termos, 'avô, avó, avós', em português, segundo informa Barretos (1989), provém do latim *avitus*, antigo ou *avus* e *aviolu*, de onde se origina no espanhol *abuelo* e no catalão *aíeu*. Em latim, os três termos indicam sempre respeito e veneração, mostrando que a relação é designada de longa data por um aspecto que é hierárquico ou com pouca proximidade, longe das expectativas atuais sobre relacionamento familiar.

Embora haja a palavra para designar a pessoa, nem todas as línguas permitem nomear a relação. Abraham (1913, apud Severino) ressalta a posição hierárquica na família e a associa ao conflito edípico, indicando sua presença em várias línguas: *grandfather*, *grossvater* e *grand-père* e seus correspondentes para a figura feminina, o que não ocorre de fato na língua portuguesa.

Redler (1983) também expressa sua preocupação com a falta de uma palavra em espanhol para definir esta relação, como temos no inglês *grandparenthood*, e propõe, com a anuência da Academia Argentina de Letras, o uso da palavra *abuelidad*. Na busca da palavra em nossa língua, consultei, em dezembro de 2010, a Academia Brasileira de Letras. Sugeriram que não usasse um neologismo, mas que mantivesse a expressão - o vínculo entre avós e netos. Mas a necessidade da palavra existe, como expressa em um texto jornalístico, Wernek (2012) queixando-se da falta da palavra para designar a condição de avô, encontra entre seus amigos sugestões como: avoice, avoidade, nonada, avoexencia, vovolidade, avoenguce, avoadado. Lembra que 'tamoio' é a palavra indígena que nomeia avô, e se pergunta por que não tamoidade, ou Ava Reko tamõi (condição de avô, em guarani). Nada concluindo, deixa no ar a questão que, segundo ele, afeta os inúmeros avós da atualidade.

Com ou sem termos para referir-se ao exercício do papel, a importância dos avós e sua função na família têm gerado estudos recentes na psicologia. Embora as pesquisas psicológicas, em seus primórdios, abordassem as relações familiares, em sua maioria sem incluir os avós, encontramos alguns exemplos destes estudos.

Severino, Teusink, Pender & Bernstein (1986), numa revisão histórica da literatura, indicam que Abraham (1913) destaca o papel moderador dos avós no conflito edípico e afirma que a importância dada aos avós pelos netos está

relacionada a uma rejeição violenta aos pais. Para ele o apego aos avós revela uma rejeição aos pais que deveriam ser os cuidadores primários. Suas observações não fazem qualquer menção ao impacto emocional dos netos sobre os avós; podemos perceber como esta posição é normativa e valoriza a família conjugal nuclear e heterossexual.

Ainda no contexto psicanalítico, Ferenzi (1913 apud Severino et al, 1986) afirma ser importante a presença dos avós na vida dos netos, sem especificar no que ou como; tão pouco faz qualquer referência à importância dos netos para os avós.

Até os anos 1960 a 1970, preponderava na psicologia uma perspectiva normativa dos relacionamentos familiares que, dando maior importância aos anos formadores da infância, preocupava-se em definir os limites que os pais, que eram os responsáveis pelos filhos, deviam respeitar para relacionar-se com eles, de forma a produzir uma infância e uma adolescência saudáveis. Ao considerar as mudanças mais amplas no ciclo vital do que só as da infância, a teoria e a pesquisa ampliaram-se para a compreensão da experiência de parentalizar e incluir outros papéis familiares, como os de irmãos, netos e avós. No caso dos avós, a produção bibliográfica começa a crescer depois de 1980. Contribuíram para isso a escalada do divórcio em todo o mundo, imbricada às discussões sobre as mudanças ideológicas e demográficas da família; o desenvolvimento da terapia familiar sistêmica trigeracional e as teorias de desenvolvimento que se voltaram para a compreensão de todo o ciclo vital, dando condições à gerontologia.

Identificamos que nos Estados Unidos, a primeira lei sobre os avós data de 1894 e legisla sobre a visitação, colocando pela primeira vez a visita regulamentada por uma corte de justiça, afirmando tratar-se de uma questão mais moral do que legal. Keith e Wacker (2002) demonstram aí a ambivalência entre a norma de não interferência do Estado nas questões familiares e a garantia do direito de visitação como um direito derivativo dado aos avós. Segundo eles, entre 1886 e 1966, os 50 estados norte-americanos normatizaram esta questão.

No Brasil onde, a partir da lei do divórcio, de 1997, tem havido um aumento sistemático de dissoluções conjugais, também começamos a ter leis que citam os avós. Um dos exemplos citados pela OAB de Pernambuco (2011)

é a pensão avoenga, que é prestada ao menor de 18 anos, em substituição ou complementar à pensão paga pelo pai. Ou seja, os avós podem ser acionados para cumprirem tal obrigação. No entendimento da lei, a responsabilidade dos avós não é apenas sucessiva à dos progenitores, mas é também complementar, se os pais não puderem arcar com a totalidade da pensão. (Artigos 1.696 e 1.698, Código Civil Brasileiro, 2002). Surgem também pesquisas que discutem o papel dos avós como, por exemplo, os estudos sobre os efeitos dos pedidos de guarda e direito de visita movidos pelos avós, no sentido de garantir a manutenção da relação com os netos (Araújo, 2001; Araújo, Dias e Brito, 2002).

A perspectiva familiar sistêmica trigeracional preocupou-se com a inclusão de avós em pesquisas sobre a dinâmica familiar, a partir das referências à reprodução de relações conflituosas entre pais-avós e filhos-pais, e posteriormente, sobre a dinâmica de sub-sistemas específicos: dificuldades entre netos e avós ou as encontradas pelos avós junto aos pais. Compreender a dinâmica relacional que ocorre em famílias com os avós tem sido cada vez mais objeto de estudos, como veremos mais adiante.

Bozormenzi-Nagy e Spark (1973), entre os autores da terapia da família na perspectiva trigeracional, afirmam que exercer o papel de avós constitui um tempo, o da velhice, de oportunidades especiais para compartilhar um novo momento com seus filhos já adultos. Um momento para entender fatos que foram difíceis no passado e que podem ser, agora, entendidos.

McGoldrick (1995), estudando a sociedade norte-americana, refere os casos em que a pouca idade da mãe do neto força os avós a terem que cuidar de ambos, mãe e neto, fazendo com que a mãe se posicione como irmã mais velha. Segundo ela, o fato tende a ocorrer na classe social de baixa renda, em que a menina de 14 ou 15 anos tem seu primeiro filho e continua morando na casa da mãe, o que também pode ocorrer na sociedade brasileira. (Falcão 2005, 2006; Vidal 2006)

Esta complexidade específica do relacionamento trigeracional - quando os avós assumem papéis de cuidadores responsáveis pelos netos com pais vivos, também se refere ao divórcio. Goodman e Rao (2007) apontam em sua revisão que, além do divórcio, no entanto, há ainda muitas outras razões pelas

quais avós assumem os netos: prisão, desemprego, doença mental, abuso, negligência, abandono, gravidez adolescente, drogadicção.

Entre os autores que se preocupam em estudar o envelhecimento encontramos, por exemplo, os estudiosos da teoria junguiana que são citados por Severino, Teusink, Pender, Berstein (1986). Estes discutem uma quarta etapa do processo de individuação, na qual os sujeitos reavaliam suas relações, mas não incluem nisso o exercício do papel de avós, o que já é feito no Brasil por Kipper (2004).

Severino et al (1986) afirmam ainda que a falta de destaque para o papel de avós também ocorre entre os que estudam o envelhecimento na perspectiva desenvolvimentista de Freud; mas também esta situação se modifica com o tempo e observamos produções psicanalíticas sobre o tema (Sarmiento 1996).

Ainda merece menção a análise de Kornhaber (1986), autor que tenta compreender o que chama de “avosidade” patológica, nos Estados Unidos. Ele se refere a um novo contrato social presente na sociedade moderna, que resulta em individualismo, em mobilidade geográfica (refere-se a mudar mais de local) e dificuldades econômicas. Para ele este contrato social começa a evoluir após a depressão econômica, que teria afetado negativamente a coesão familiar. Para Kornhaber, a crença no sucesso pessoal, no individualismo e na autonomia afetou a vida emocional da família trigeracional, levando a remover dos avós a responsabilidade como parentes, tanto dos netos, quanto dos filhos. Considera ainda que esse novo contrato social tem como consequência o fato de, em 1986, 85% dos avós norte-americanos terem abandonado a possibilidade de manter um vínculo emocional com seus netos; no entanto, esta situação se modificou desde que o autor produziu sua análise, como veremos logo adiante.

Kornhaber (1986) aponta outros fatores para esta construção patológica de avós, como: estresse, condição econômica, mudanças geográficas, doenças físicas e mesmo a estrutura de personalidade do próprio indivíduo. Neste último quesito, refere o extremo narcisismo de pessoas excessivamente autocentradas, e que não têm, segundo ele, disponibilidade para o outro. Estes avós, afirma, costumam aproximar-se dos netos apenas por razões pessoais, deixando-os de lado quando não lhes convém sua companhia. Em geral, têm o neto preferido que costuma ser um espelho de si mesmos. Pessoas com outro

tipo de personalidade, dependendo da idade em que se tornem avós, podem eventualmente estar ainda criando filhos e se verem como velhos, numa sociedade que valoriza a juventude.

Para Kornhaber (1986), é precisamente o aumento do número de divórcios que muitas vezes dificulta a proximidade entre avós e netos, fazendo com que alguns prefiram o que ele denomina, sem especificar, de um papel superficial no relacionamento, provavelmente significando com isto um menor comprometimento na relação com os netos.

Não se tem menção a “avosidade patológica” no Brasil. Além disso, mesmo considerando as migrações por motivos econômicos, como os retirantes da seca, nos anos 1950 a 1970, a mobilidade geográfica brasileira é menor que a norte-americana e a família se mantém como o centro animador da vida social, um valor positivo (Almeida 1987, Da Mata 1991, Figueira 1987): o respeito a ‘painho’ e ‘mãinha’ nunca foi descartado.

Bozormenzi-Nagy e Spark (1973), analisando a valorização do individualismo e da autonomia, bem como a diminuição da hierarquia familiar, defendem a perspectiva de que pais e avós concordam que, aos últimos, não cabe qualquer envolvimento na criação dos netos. Assim estes cedem aos pais o poder de determinar o grau de relacionamento que podem ter com os netos. O compromisso de suporte mútuo foi substituído pela mútua independência. Segundo os autores, esta valorização faz com que os pais tendam a ver a possível tentativa de participação dos avós como intrusiva e controladora. Ou mesmo, como devendo ser limitada pelos valores acerca das funções de cuidado, como o que foi verificado, no Brasil, por Almeida (1986), analisando as mudanças na maternidade já citadas anteriormente.

Ryback, Sadnavitch e Mason (1968), mais preocupados com o que a relação com os netos promove para os avós, afirmam ter verificado que estes se sentem mais jovens, mais realizados e felizes ao se perceberem úteis para alguém, no caso, os netos. Como esta experiência é feita a partir da adoção de netos que são crianças com alguma deficiência motora, verificou-se que para estas crianças este contato era muito benéfico, resultando num maior grau de desenvolvimento e responsividade ao ambiente.

Kivnick (1982) aponta, como mudanças importantes na vida dos avós, o fato de os netos passarem a ser centrais em suas atividades, trazendo a

sensação da imortalidade, a possibilidade de reviver o passado e corrigir, por meio deles, erros cometidos, bem como o poder exercer o afeto sem as preocupações de educar. Mas, ressalta que há diferenças entre os avós, determinadas pela maior ou menor possibilidade de contato entre eles e seus netos.

Finalmente, cabe mencionar que, no presente, há os avós adotados nas complexas famílias pós-divórcio. Assim, em contraposição à patologia de Kornhaber (1986), Schneider (2002) ressalta entre os norte-americanos atuais a “adoção afetiva”. Relata que nestes casos, a adoção se faz, ou pela criança/adolescente em relação aos pais do marido da mãe ou do pai, ou destes em relação aos filhos trazidos pelas noras e genros. Para ela estas adoções dependem do tempo que estes partilham e muitas vezes da diferença que os mais velhos fazem ou não entre os netos biológicos e os demais. O mesmo foi encontrado no Brasil (Souza, 1999; Souza e Ramires, 2006) quando as crianças descrevem “avós do coração” que, estes sim, parecem à prova do divórcio e só se multiplicam.

Os avós na produção de pesquisas em psicologia

Os avós surgem na literatura psicológica cada vez mais a partir dos anos 1980. Realizei levantamento bibliográfico em duas grandes fontes de dados, na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-psi) e no Portal da CAPES, buscando identificar textos produzidos, desde os primeiros.

Na BVS-psi foram utilizados os seguintes indexadores: o Index Psi de Revistas Tecno-Científicas, o PePsic, o SciElo, Medline e o Lilacs. No Portal da CAPES, foram acessados os mestrados e doutorados, bem como o indexador da *American Psychological Association* – PsycInfo – considerado o melhor para a área. As palavras-chave usadas para busca foram: *avós*, *avô*, *avó*, *grandparents*, *grandparenthood*, *grandp#*, cobrindo o período de 1966 a 2010. Descreverei separadamente os resultados encontrados para a literatura mundial, que inclui a produção nacional indexada nas bases internacionais; posteriormente a produção nacional e por fim, somente a do PsycInfo .

Considerando a pesquisa via Medline, Lilacs, PsycInfo, obtive um total de 1.476 artigos que, numa primeira filtragem, retirando-se os artigos de

veterinária e genética, atingiram um total de 354. Destes, ficaram 233 artigos que, de fato traziam avós no texto. Em sua grande maioria os textos são norte-americanos, mas havia também artigos de outros países, como Alemanha, China, Japão e Romênia

Numa segunda avaliação, elegi 73 artigos relevantes ao tema, identificando-se na Quadro 1 os países de origem da produção.

Quadro 1

Distribuição de pesquisas sobre papel de avós nas bases *Medline*, *Lilacs* *PsycInfo*, de 1966 a 2010, segundo país de origem do estudo.

País	Nº de estudos
USA	41
Brasil	12
França	3
Inglaterra	3
Alemanha	2
Canadá	2
Finlândia	1
Noruega	1
Japão	1
Peru	1
Itália	1
Romênia	1
China	1
Argentina	1
Bélgica	1
Austrália	1

Fonte: Marcia Almeida Batista, 2011.

A distribuição das pesquisas em função de áreas de estudo aparece na Quadro 2. Defini a gerontologia como uma categoria separada, apesar de muitas vezes estar inserida tanto em trabalhos em medicina quanto em

psicologia. Pode-se claramente verificar o crescimento do interesse pelo tema a partir dos anos 1980.

Quadro 2

Distribuição de pesquisas sobre papel de avós, de 1966 a 2010, segundo áreas de estudo.

Área/ Década	66-69	70-79	80-89	90-99	00-10	Total
Medicina	0	2	4	1	4	11
Psicologia	1	0	4	7	5	17
Desenvolvimento	1	1	2	10	5	19
Enfermagem	2	0	1	1	4	8
Gerontologia	3	0	3	4	2	12
Ciências Sociais	0	0	0	2	1	3
Antropologia	0	0	0	0	1	1
Sociologia	0	0	0	0	1	1
Serviço Social	0	0	0	0	1	1
Total	7	3	14	24	24	73

Fonte: Marcia Almeida Batista, 2011.

Especificamente em relação aos textos escritos no Brasil, na área de Psicologia, identifiquei, por meio do Index Psi, PePsic e SciElo, 58 textos que puderam ser organizados segundo quatro categorias (21 textos):

- avós na relação familiar: 11
- relação dos avós com os netos: 5
- da experiência de ser avós: 2
- dos significados dos avós para os netos: 3

Os outros 37 artigos foram eliminados, pois tratavam de outros assuntos, como saúde e envelhecimento, conjugalidade dos idosos, e doenças específicas da velhice, não relevantes para nosso objetivo.

Analisando os artigos que direta ou indiretamente contribuem para a compreensão do papel de avós tal como o viemos tratando, observamos que

alguns se referem à posição dos avós dentro na família, artigos estes que tendem a um viés feminino, tratando de temas como sexualidade de avós e netas (UBEDA, CARVALHO e GOMES (2000), gravidez adolescente (FALCÃO, 2005, 2006), nascimento de filhos (DRESSEN e BRAZ, 2002; MOREIRA e BIASOLI-ALVES, 2007) relação mãe, filha e neta (MACHADO, 2002). Como já assinalamos, também há artigos que tratam da relação no contexto do divórcio (ARAUJO, 2001; ARAUJO e DIAS, 2002).

A relação avó-netos, da perspectiva dos netos, ainda é estudada de forma fragmentária em faixas etárias específicas: crianças, universitários (OLIVEIRA, GOMES, TAVARES, BUENO e CÁRDENAS, 2009; MENDES, 2004; DIAS e SILVA, 2003 SARMENTO, 1982). Além disto, outros aspectos que os autores estudam, são a contribuição dos avós na transmissão de legados, experiências e tradições familiares (FRANÇA, 2004). Benicá, e Gomes (1998) destacam entre os fatores de mudança geracional, que promovem diferenças na relação avós/netos, a mudança dos meios de comunicação de massa e a quebra de poder nas relações de parentesco.

No que se refere à experiência ou ao significado do ser avô encontramos Pedrosa e Lopes (2008), que conclui que tornar-se avós significa um exercício cotidiano, um processo em que, se os netos têm um significado especial para os avós, estes ocupam um lugar de relevância para seus descendentes.

No portal Capes foram identificadas 23 Teses, das quais 18 foram eliminadas por tratarem de temas indiretos, como composição familiar, saúde, maternidade, a despeito do uso da palavra-chave. Merece destaque Atala (1996), Oliveira (2007), Vidal (2006), que todas tratam, direta ou indiretamente, de avós cuidadores.

Analisou-se em separado o encontrado por meio do PsychInfo, dada sua importância na área. A pesquisa indicou 44 artigos que, depois de uma análise criteriosa, reduziram-se a 20, sendo 3 sobre relações familiares, 6 sobre a relação dos avós com os netos, 9 sobre a experiência de ser avós e 3 sobre o significado dos avós para os netos, o que indica que neste indexador já é mais frequente o material que discute a vivência para o próprio sujeito, os avós.

Entre estes artigos destaco alguns que contribuem mais especificamente para a compreensão do papel dos avós. Fuchs (2005) discute a função dos

avós como continuidade da família, inscrição temporal, continuidade da existência, sentido para a vida, transmissão de valores, relação com a morte, representação da história humana, laço entre o passado e o presente, favorecedor de conexões entre os membros da família extensa. Ainda segundo o autor, estas ações, na prática, mostram avós que são confidentes, que aceitam não ter qualquer autoridade sobre os netos e que exercem seu papel imersos em ternura. São avós que apoiam os pais em seu papel, ajudam materialmente de diferentes formas, e são companheiros dos netos.

Especificando o foco na transmissão, também abordado no Brasil por Oliveira (1993) e França (2004), Robbins, Sherman, Holeman e Wilson (2005) descrevem como os americanos indígenas entendem que a transmissão de cultura pelos avós constitui um aspecto de ampla relevância, em função do desaparecimento dos rituais indígenas naquela sociedade. Para eles os movimentos culturais e sociais interferem na forma como os avós atuam, ou no quanto sentem necessidade de serem transmissores da cultura, indicando a demanda de maior compreensão desta função em grupos minoritários ou na migração.

O aspecto de transmissão e manutenção da cultura também aparece em artigos europeus que discutem a transmissão da história favorecida pelos avós e o que a proximidade/distância constrói neste relacionamento. Em função das guerras mundiais, há também pesquisadores que buscam entender como as questões entre os povos foram ou estão sendo transmitidas. (MACIEL, 2011)

Entre os asiáticos, sociedades nas quais os mais velhos tinham antes uma posição socialmente importante, como conselheiros e juízes, identifica-se a preocupação em resgatar este respeito e posição, em especial no que diz respeito a se contrapor à influência do contato cultural dos jovens com o ocidente. Sato, Makino, Sasaki, Sasaki, Strom, Nishio e outros (1995), afirmam que o *status* dos avós na família japonesa vem diminuindo, e que estes se ressentem da falta de políticas sociais que forneçam educação para esta mudança de papel. Strom, Strom, Shen e Li (1996), ao estudar os avós e netos chineses, mostram o confronto entre a filosofia de Confúcio, que coloca a inquestionabilidade dos mais velhos, e a percepção dos jovens quanto à falta de cultura dos idosos, no que diz respeito à modernidade. Segundo estes

autores o conflito, por uma questão cultural, aparece de forma bastante mascarada.

Ainda que tenha sido feita por ocidentais, no Brasil, Eizink, Vasconcellos, Knijik e Padilha (1993) utilizam o filme *Rapsódia em Agosto*, de Akira Kurosawa, para estudar a função psicológica do ser avó. Neste trabalho mostram a avó como guardiã do acontecido com a bomba atômica. Por meio do confronto entre as duas gerações, a avó pode aceitar a passagem do tempo e os netos, compreender o ocorrido.

Outros aspectos importantes de transmissão para os netos referem-se ao aprendizado sobre a morte e sua relação com a velhice (KENNEDY E KEENEY, 1988 e DIA e SILVA, 2003). A satisfação em ser avô também é destacada. O convívio com os netos pode trazer um novo significado à vida e a certeza de perdurar após a morte. Em situações em que os avós detêm a guarda, aos aspectos positivos acresce-se o negativo do estresse físico e psicológico, eventuais dificuldades financeiras e a possível perturbação na relação conjugal dos avós. Uma perturbação que advém do fato da avó ocupar-se dos netos enquanto o avô aposentado reclama sua presença (FISCHER, 1983 e KIVNICK, 1982), embora diferenças sexuais não tenham sido verificadas mais recentemente na Espanha de Triadó, Villar, Solé, Osuna e Pinazol (2005).

Entre os autores que realizaram um levantamento de pesquisas sobre o tema, Kivnick, em 1982, afirmava que muitos estudos focavam apenas uma dimensão do significado do papel de avós fazendo usos de questionários como, por exemplo, o GPSNI (Grandparents Strengths and Needs Inventory). Collinsworth, Strom, Strom, Young (1991) questionam a aplicação deste inventário, discutindo o fato das questões serem baseadas no que os autores consideram sucesso e satisfação.

Em 1986, Thomas também realizou revisão das pesquisas, indicando a necessidade de um maior número delas para entender o papel de avós e avôs. Considera as disponíveis ainda em número insuficiente, fragmentadas e limitadas. Aponta como insuficiências a utilização de amostras com limites raciais, a inclusão de apenas duas gerações (avós e netos), utilização de recortes de determinada idade (universitários ou crianças do jardim de infância, por exemplo), foco, em sua maioria, na relação das avós com as netas.

Segundo o autor, a maioria dos trabalhos aborda questões políticas, econômicas, papel de cuidadores e suas implicações legais, mas não todas ao mesmo tempo. Em geral há uma escolha de uma ou mais vertentes. Sua proposta é de um modelo de pesquisa que ele chama de triádico, por incluir três gerações e que abranja quatro aspectos: o emocional, o simbólico, o atitudinal e o comportamental.

Estudos mais recentes, como os de Stelle, Fruhauf, Orel e Landry-Meyer (2010) chamam a atenção para o fato de as pesquisas sobre este tema focalizarem a diferença de idade, de sexo, a etnicidade, o nível socioeconômico, a proximidade e a distância geográfica, o que define não os avós, mas mostra a existência de diferentes possibilidades.

Na direção de estudos trigeracionais e de longo espectro, Werner, Buschbinder, Lowestein e Livini (2007) propõem-se a analisar os significados da relação avô/neto do ponto de vista de ambos, e a congruência entre as expectativas e comportamentos, tendo encontrado tanto relações extremamente conectadas e congruentes, até total falta de acordo entre as gerações. Para Triadó, Villar, Solé, Osuna e Pinazo (2005) avós, pais e netos têm uma percepção congruente. Avós e netos são congruentes na compreensão das ações desenvolvidas pelos avós, nível alto de intimidade e mútua compreensão. Intimidade mútua deixa de acontecer durante a adolescência. Embora os avós relatem que agem como conselheiros para os netos adolescentes e adultos, este componente da relação perde importância para os netos.

Kemp (2004), tratando da relação dos avós com os adultos afirma que na idade adulta os laços com os avós tornam-se mais e mais profundos, com grande respeito mútuo e aguçado senso de dever por parte dos netos para com os avós. Em conjunto estes três últimos estudos indicam o forte impacto dos momentos dos diferentes estágios de desenvolvimento na relação avós/netos, indicando como esta relação, embora forte, modifica-se desde a infância e por toda a vida adulta.

Finalmente, Stelle, Fruhauf, Orel, Landry-Meyer (2010) sublinham a importância de valorizar a diversidade e não centrar na busca de um modelo único de ações, relações ou significados o que implica sempre no risco da normatividade.

MÉTODO

O objetivo desta Tese foi realizar uma análise criteriosa da retratização e avaliar suas possibilidades na pesquisa de papéis contemporâneos em mudança, particularizando-se o papel de avós. Desta forma, tratou-se de uma pesquisa qualitativa.

De acordo com Denzin e Lincoln (1994), a pesquisa qualitativa se caracteriza por uma abordagem interpretativa e naturalista do objeto de estudo, em seu cenário natural, buscando a compreensão e a interpretação do fenômeno a partir dos significados atribuídos pelas pessoas envolvidas.

Para González (1999), a pesquisa em ciências humanas se caracteriza pela comunicação entre o pesquisador e os sujeitos, num diálogo que assume diferentes formas, o que condiz com a forma democrática e participativa das ações psicodramáticas propostas por Moreno. Ambos consideram o participante da pesquisa um ser ativo na investigação, que realiza uma construção a partir de suas necessidades e dos códigos sociais do meio em que vive.

No entender de Moreno (1975:399), utilizar o psicodrama constitui um meio “para o estudo livre das limitações ou fronteiras de qualquer comunidade ou cultura particular. Nenhuma necessidade existe aqui de uma definição básica de papéis (a informação legal, social e econômica é meramente suplementar)”.

Na retratização, ao realizar o aquecimento, por exemplo, podemos trazer as características importantes do papel para determinado grupo social, sem que tenhamos que construir qualquer pergunta, ainda que aberta.

Podemos, de acordo com Lévy (2001), entender o presente trabalho como uma pesquisa de intervenção, qualitativa, uma vez que analisa a construção da história coletiva num conjunto de processos, que efetua a junção das histórias dos indivíduos com as do grupo e/ou das coletividades. Busquei compreender os significados dados ao papel de avós a partir de cenas vividas individualmente e que constroem uma história coletiva.

Para Lévy (2001), neste tipo de pesquisa, o investigador deve estar ao mesmo tempo envolvido e mantendo certa distância, o que na retratização é

favorecido pelos momentos de construção grupal que se fazem sem a interferência do pesquisador.

Como dito anteriormente, os sociodramas trabalham na intersecção entre o grupal e o social. As etapas propostas por Liberman (1994) na retratização favorecem que se tenha momentos individuais, a escrita da própria cena, depoimentos aos personagens, bem como momentos grupais evidentes na construção pelo grupo de um *script* e sua encenação.

Para Szymanski (2002), para pesquisar e trabalhar com famílias é fundamental que o pesquisador seja capaz de observar sem julgar e sem interferir, o que torna as técnicas sociodramáticas, e particularmente a retratização, um intermediário indicado. Além de favorecer este interjogo, oferece ao pesquisador o texto de todos os participantes e, por meio das cenas e relatos, o acesso, não ao “porque”, mas ao “como” estes eventos se dão.

Participantes

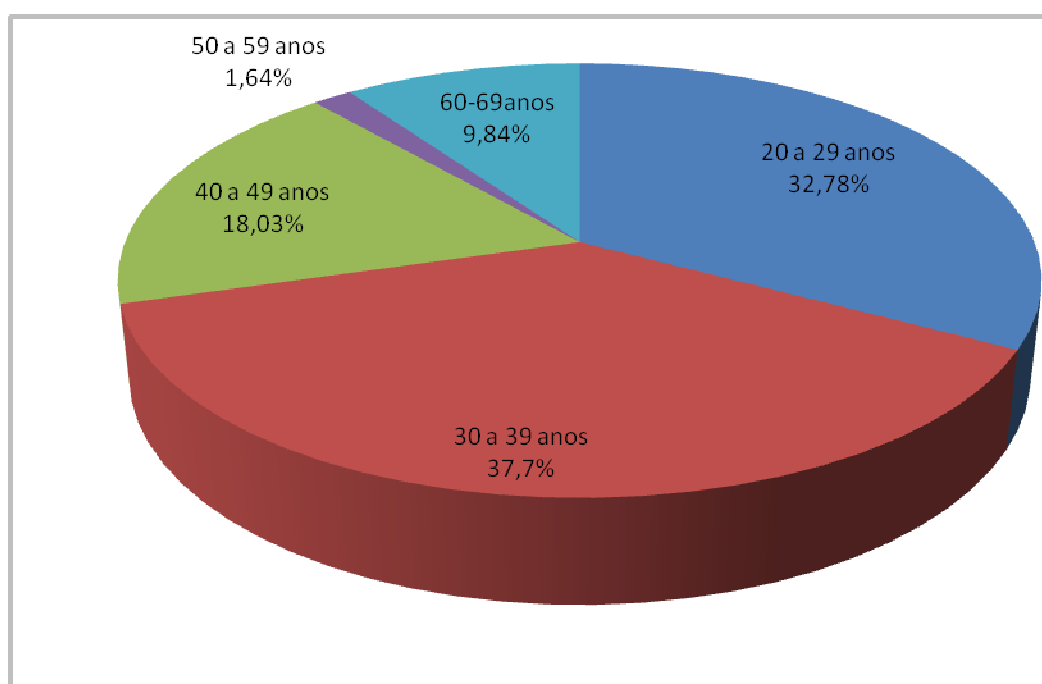
No final da década de 1990, logo após a defesa de minha Dissertação de Mestrado – *Valorizando os avós na matriz de identidade* - conduzi sete grupos de retratização, de acordo com a proposta de Liberman (1994), tendo como temática o papel de avós. Todos estes grupos eram formados por adultos de ambos os sexos, idade variando de 19 a 72 anos e educação de 3º grau.

Dentre as retratizações realizadas, foi selecionada uma para análise na presente Tese. A escolha foi indicação de juízes externos (participantes da banca de qualificação), baseado no fato de ter este grupo o maior número de registros: foi inteiramente filmada e transcrita, há também o registro das histórias escritas pelos participantes e dos *scripts* elaborados pelos subgrupos para serem dramatizados. Nos demais grupos, por razões diversas, ou não houve filmagem, ou não se tinha o registro das cenas de um dos subgrupos, ou não foi possível obter os *scripts* construídos por todos.

Este grupo, que denominei Grupo 1, era composto por alunos da especialização em psicodrama, professores do curso e convidados. Eram 57 pessoas com idade variando de 20 a 65 anos, 47 mulheres e 10 homens, com educação de nível universitário. Quando fizemos a distribuição etária dos

membros deste grupo (ver Gráfico 1), evidenciou-se que cerca de 70% de seus participantes situava-se na faixa etária de 20 a 39 anos. Portanto, não poderiam ser avós, no máximo pais e, por certo, netos.

Gráfico 1
Distribuição etária dos participantes do Grupo 1

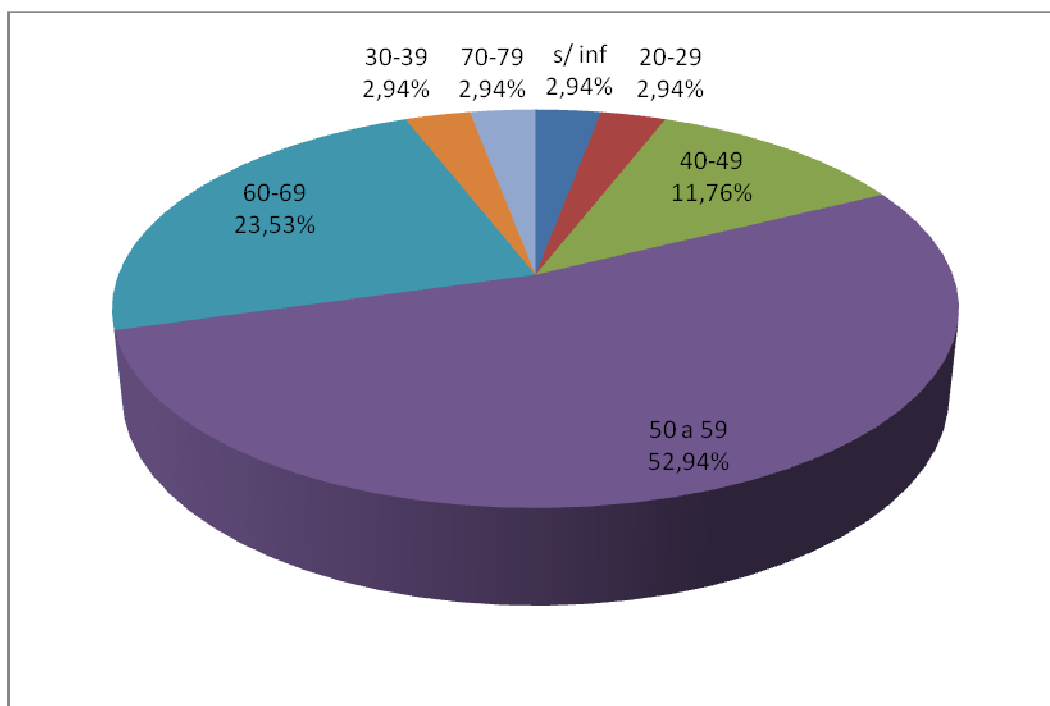


Fonte: Marcia Almeida Batista, 2012.

Para evitar que estes dados fossem provenientes preponderantemente de pessoas que não exerciam o papel de avós, optei, no caso da avaliação do uso da retratização como meio de pesquisar o papel de avós na atualidade, por utilizar também as informações de outro grupo. Este grupo, denominado Grupo 2, foi realizado em uma universidade paulista da terceira idade, e era composto por um número expressivo de pessoas de faixa etária mais alta, uma geração de avós. Como não temos o registro das cenas de um dos subgrupos desta retratização, a soma dos indivíduos dos subgrupos com registro de idade é de 33 pessoas (uma não informou idade) com idade de 30 a 72 anos, sendo 29 mulheres, três homens e uma sem identificação, cuja distribuição

etária pode ser vista no Gráfico 2. Nota-se que cerca de 80% dos participantes situam-se entre 50 a 79 anos.

Gráfico 2
Distribuição etária dos participantes do Grupo 2



Fonte: Marcia Almeida Batista, 2012.

Procedimentos

Tratando-se de sessões públicas, foram amplamente divulgadas por meio de *folders* e cartazes.

No início do trabalho, além do contrato usual para um ato público que ressalta a necessidade de respeito a todos, em suas particularidades, e a importância de manter apenas entre os presentes o ocorrido durante a sessão, solicitei a anuência de todos para que os dados fossem utilizados em meu doutorado. Pedi, e obtive a concordância do grupo, para utilização, tanto do conteúdo quanto das imagens para fins acadêmicos.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, tendo recebido o Protocolo de Pesquisa nº 432/2011.

Também expliquei ao grupo que, em função da necessidade de registro, os atos seriam filmados.

No desenvolvimento do trabalho foram seguidas todas as etapas propostas por Liberman, conforme descrito no Capítulo 2.

Como todo trabalho psicodramático, a retramatização começa com um aquecimento. Nesta etapa, pedi aos participantes que se vissem em diferentes estágios da vida, infância, adolescência, idade atual, e depois que deixassem vir a sua imaginação uma cena com a presença de um avô, uma avó, ou ambos. Expliquei que poderia ser uma cena ouvida, vivida ou imaginada. Em seguida, todos foram convidados a verbalizar o sentimento presente em cada um. Após a socialização destes sentimentos, solicitei que se fizessem três subgrupos - mais ou menos com o mesmo número de membros - e cada pessoa recebeu uma folha de papel. Foi escolhida uma cor diferente de papel para cada subgrupo. Antes de os membros de cada subgrupo começarem a conversar entre si, solicitei que **escrevessem**, na folha recebida, **a cena evocada** durante o aquecimento.

Depois disto, expliquei que aqueles que concordassem com a utilização de suas informações na pesquisa deveriam escrever, no verso da folha, sua idade, sexo, se convivera ou não com os avós, até que idade convivera, se tem ou não netos e de que idade.

As folhas de papel foram recolhidas e agrupadas por cor. A utilização de folhas de cores diferentes visava auxiliar a distribuição das cenas para um subgrupo que não as tivesse escrito, e em nosso caso, também permitir a análise do trajeto das cenas entre os diferentes momentos da retramatização.

Antes de entregar o material escrito de um para outro subgrupo também solicitei que ninguém lesse os dados escritos no verso da folha. Em seguida cada um dos subgrupos recebeu um conjunto de cenas escritas em papéis de cor diferente da que tinha utilizado para redigir sua própria cena. A instrução dada neste momento foi de que deveriam, na medida do possível, escrever um script que contemplasse todas as cenas que haviam recebido, podendo, se quisessem ou julgassem necessário, acrescentar outros personagens e/ou situações.

Os scripts produzidos foram então entregues a outro subgrupo que não redigira nem os scripts, nem as cenas individuais. Este subgrupo era encarregado da dramatização. Neste caso eu também ressaltava que poderiam criar um ou mais personagens quando julgassem necessário para realização da dramatização e, na medida do possível, não deveriam cortar personagens ou cenas propostos no script recebido.

Após cada dramatização, a plateia (composta pelos dois outros subgrupos) era convidada a “conversar”, a compartilhar sentimentos e percepções com os personagens da cena realizada. Caso quisessem, os próprios personagens poderiam compartilhar com pessoas da plateia, ou ainda, as pessoas poderiam sair do papel em que estavam e, como elas mesmas, falar com o personagem em cena.

Por último, abria-se espaço para um compartilhamento geral entre todos os presentes.

Análise dos resultados

Realizei uma análise de conteúdo (BARDIN,1977), em separado, do material produzido pelos dois grupos de participantes. Os registros feitos (as cenas escritas, os *scripts* e o vídeo com as dramatizações e o compartilhamento) foram lidos e relidos diversas vezes, e receberam anotações que evidenciaram aspectos comuns, culminando na construção de categorias.

Para analisar as possibilidades de uso da retratização na investigação de papéis familiares na atualidade, procedi então à comparação das categorias construídas com aquelas presentes na revisão bibliográfica que se encontra no Capítulo 3. Trabalhei com os seguintes indicadores:

- a) As categorias construídas evidenciam conteúdos já presentes na literatura;
- b) O conteúdo de uma ou mais categorias evidencia diversidade de expectativas e comportamentos, bem como contradições ou ambiguidades presentes no conteúdo de papéis familiares na atualidade;

- c) O conteúdo de uma ou mais categorias pode trazer indicações de novos temas de pesquisa;

Além disso, analisei criticamente elementos do próprio processo de retramatização, de modo a identificar como e se alguns de seus pressupostos se realizam. Foi analisado:

- A) se permite a reflexão interna dos sujeitos e entre eles e como isso ocorre;
- B) se há preservação do material individual e como se realiza;
- C) se apresenta uma função terapêutica para os participantes;
- D) se permite uma construção coletiva sobre o papel pesquisado..

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo papel tem um elemento subjetivo e outro que vem do *script* social presente num determinado grupo, comunidade ou cultura. Esta Tese se centrou em seu acesso por meio da retramatização. O objetivo foi identificar e compreender o *script* social do papel de avós. Não tratei do que os avós pensam sobre si mesmos ou como atuam no papel, mas o conteúdo presente no co-inconsciente do grupo, o que, segundo Marra e Costa (2004) o trabalho sociodramático permite.

Parti tanto das experiências relatadas em texto, quanto das vividas no “como se” dramático, propondo-me a verificar até que ponto a retramatização é adequada para a investigação de papéis familiares. A retramatização tem sido sobejamente utilizada pelos psicodramatistas, mas não se procedeu a uma avaliação criteriosa de suas possibilidades socioterapêuticas. Esta análise é apresentada como o primeiro segmento destes resultados. A seguir, apresento uma visão geral dos grupos, a análise de conteúdo dos textos individuais e as contribuições da retramatização para a pesquisa de papéis familiares contemporâneos.

O processo da retramatização

De início cabe mencionar que a análise se baseia nos dados do Grupo 1, uma vez que está disponível o registro completo de todas as etapas do processo.

Os participantes foram subdivididos em três subgrupos. Para acompanhar o trajeto de cada um deles nos diferentes momentos da retramatização, cada um recebeu uma cor. Esta cor identifica o subgrupo que escreveu as cenas. Neste primeiro momento, a produção é individual. Na primeira etapa - o aquecimento -, pude favorecer um relato em que o neto está na cena, mais do que relata do papel de observador. O relato é do vivido e não do pensado sobre.

As cenas escritas pelos participantes do **Subgrupo Laranja** têm maior presença das avós, que são retratadas como pessoas que cozinham, que cuidam, que se reinventam, que cuidam nas férias, que trabalham e que são responsáveis pela união familiar. São também avós que envergonham as netas quando querem mostrar-se jovens, mostrando um viés de amostra e de gênero.

Os avós aparecem sendo cuidados pelas avós, ressentindo-se da ausência delas. São ativos e sérios. Compram doces, e têm responsabilidades para com os netos, como buscá-los na escola.

Tanto os avós, quanto as avós desempenham papéis tradicionais.

Os netos aparecem demonstrando tristeza por não conhecerem seus avós, ou cuidando deles quando estão sós.

No **Subgrupo Cinza**, os avós são citados em maior número de cenas do que no Subgrupo Laranja. Os homens são avós que cuidam dos netos: levam-nos à escola, nadam, contam histórias, participam das brincadeiras, são sábios e carinhosos. As avós aparecem de muitas e diferentes formas: são estrangeiras, escravas, companheiras ou distantes. Conversam e dão broncas toleradas pelos netos. Reclamam de dores e, mesmo doentes, têm sede de viver. Avós que perdem a memória, que morrem. São avós que cozinham e cuidam quando as netas adoecem. São também avós que conflitam com suas filhas pela maneira como se relacionam com os netos. Como casal, os avós são vistos como companheiros que curtem o passado, trabalham juntos e juntos cuidam dos netos.

No **Subgrupo Verde** as avós aparecem como prestativas e solícitas, reclamando das filhas que as impedem de fazer o que querem por achá-las velhas, ou aprovando-as pela forma como cuidam das netas. São felizes por estar com os netos, passam tranquilidade, e são belas. Aprovam a filha pela forma como veste a neta. Cozinham como forma de dar carinho e de reunir a família. Os avós dão proteção e carinho, ensinam a importância do exercício. São presença cuidadora e responsável pela segurança da família. Decidem o destino da família. São figuras admiráveis, aventureiras, que contam suas histórias aos netos.

Os avós como casal se apresentam gratos à vida que lhes deu netos, representantes da continuação da vida, e trazem a sabedoria do país de onde

vieram (no caso, o Japão). Os netos esperam ter a vida aventureira de seus avôs, e as netas querem ter a beleza e a tranquilidade da avó.

Comentários sobre as cenas escritas

A partir do aquecimento temos uma expressão afetiva sobre o papel pesquisado. Como exemplifica a fala:

“A primeira historinha... depois, os papéis foram rodando, rodando, e veio uma história de uma avó italiana que nem estava querendo representar, e falei bom, eu represento. Por que minha vó era como fui mesmo aqui. Exatamente como eu tinha sentido naquela época”.

Segundo Moreno (1978) este é um passo importante para que haja um pleno exercício do papel. Para estudar, tratar ou conhecer determinado papel é necessário aquecer-se para que o sujeito possa desempenhá-lo, incluindo seus aspectos subjetivos e não a mera repetição da conserva social. Esta foi a proposta, favorecer uma lembrança afetiva, carregada de emoção para que os sujeitos trouxessem sua experiência de ou com avós e não o que pensavam sobre. Nas cenas escritas isto se faz presente nas descrições de cenários e no relato de emoções e sensações, e não apenas de fatos. Chamam atenção os cenários bucólicos, ressaltando a ideia romantizada dos avós. Pode-se observar que a relação com os netos via comida é a característica que mais se apresenta nas histórias, denotando carinho e afeto.

Os avôs aparecem menos vezes do que as avós nas cenas escritas dos netos, embora na dramatização a diferença diminua. Eles aparecem tanto no discurso das netas quanto dos netos.

São caracterizados como: bons companheiros, brincalhões, que propiciam experiências divertidas e diferentes; são ativos e aventureiros. São homens que cuidam, protegendo a família, mais do que oferecendo os cuidados do dia a dia. Além de figuras presentes no lazer, em sintonia com a literatura estudada, aparece também o avô pouco sociável e distante, ditador de regras. Apresentam-se no papel “conservador”. Podem exercer atividades mais presentes como características das avós, como cuidar, cozinhar, mas seu

espaço em geral é o espaço social, da informação sobre o mundo, da pescaria, dos passeios, da aventura.

O **casal de avós** é visto como aqueles que proveem e que trazem a cultura do país de origem. Apresentam a morte para os netos, e os sentimentos que esta evoca quando perdem seus companheiros. Tanto podem ser distantes dos netos, como responsáveis por ensinar o amor e unir a família. São companheiros de vida e exercem tarefas diferentes. Quando não há convivência, alguns são conhecidos apenas pelo relato dos pais.

Outro aspecto que aparece, validando a importância dos avós, é a possibilidade de adoção de avós: uma tia-avó porque sabe cantar e embalar, o sogro, porque sabe mimar e dar exemplo de como ser avô, avô da esposa de quem cuidamos e que nos ensina algo. A característica específica dos avós no Brasil e que não está presente nos artigos escritos em outros países é a relação que se estabelece entre avós e netos por meio da comida, sinal de carinho: *Vovó no fogão, assando bolo e me esperando*; a comida como forma de reunir a família: *É um almoço de domingo, comemorativo, filhos e netos reunidos. Ou: numa cozinha, a avó reúne os netos em volta da mesa para almoçar.*

As histórias construídas (*scripts*) a partir das cenas individuais

A elaboração do *script* é o momento grupal de socialização das histórias. O clima de envolvimento permite que se retramem as histórias lidas.

No *script* elaborado a partir das cenas escritas pelos participantes do **Subgrupo Laranja** permanece presente a maioria dos elementos referidos pelas histórias individuais, como a união da família, o casal se cuidando e recordando sua história, a avó vista como boa cozinheira. Desaparece o desconforto da neta com uma avó moderna, permanece a admiração pelo desejo de se modernizar da avó, e a culpa que esta atitude pode trazer por afastá-la de sua posição de quem curte os netos. A avó é papel central e o avô mais periférico, mas com atividades externas, como levar a neta a cavalgar. Há um envelhecimento dos avós. Desaparece qualquer alusão aos pais.

No *script* do **Subgrupo Verde**, permanece a referência às origens dos avós, à imigração, à estereotipia das diferentes culturas, e sua integração por meio dos netos. As avós são as que fazem coisas gostosas e os avôs os que

propiciam atividades externas, aventuras aos netos. Avós de ambos os sexos contam histórias e são admirados pelos netos. Há uma referência à distância geográfica entre avós e netos. Os filhos não estão presentes no *script*. Os netos aparecem como admiradores dos avós, sedentos por histórias. Os avós são vistos como velhos, ainda que se veja beleza na velhice.

No **Subgrupo Cinza**, uma das histórias que envolve a escravatura, *ocorrida na história* do Brasil, personalizada no corpo de uma das avós, deixa as outras histórias de lado. O *script* é conciso. Frases curtas referem fatos. A avó, doce, quituteira, que promove a união, que cuida na doença, tudo parece desaparecer. O tom é menos positivo, competição entre netos, avó tem preferências, estapeia, está esclerosando e caminhando para a morte. O avô, que aparece em muitas das cenas escritas, como nadador, culto, carinhoso, protetor e brincalhão, neste momento é referido apenas numa frase: *Avô muito ativo*. Também não aparece a união dos dois através da vida.

Nos subgrupos realiza-se o primeiro contato com as histórias dos outros participantes, e cada um se depara com novas possibilidades de ser avós. Alguns relatam mais tarde, no compartilhar com todos, que este contato provoca novas lembranças, ou ressaltam a importância dos avós que lhes passara despercebida.

Nos *scripts* dos três subgrupos os avós são idosos. Permanecem as qualidades de quituteira das avós, o papel mais ativo e menos frequente dos avôs, a pouca presença dos filhos nesta relação. Conserva-se a estereotipia de gênero entre avô e avó.

Há pouca presença nos roteiros de aspectos tristes e negativos.

A construção do *script* no subgrupo permite verificar o que é mais relevante para ele, ao mesmo tempo em que os participantes entram em contato com outras histórias, ampliando seu conhecimento sobre as vivências trazidas para o subgrupo. Podendo fazer ou não acréscimos, as pessoas passam a ser também donos destas histórias: *este não é como meu avô, tem gente que sentiu isso como avô? Eu queria um avô desse tipo...*

A construção coletiva do *script* a ser dramatizado cria um momento em que se constrói *in situ* o que aquele grupo pretende iluminar ou não acerca do papel em questão. Este movimento é parte da postura de corresponsabilidade

dos participantes, o que vemos em comentários como: *igual ao meu avô, nunca pensei nisso, etc...*

O momento em que o grupo constrói os *scripts* parece empobrecer a riqueza das cenas individuais. As frases são curtas e lacônicas, mas permanecem muitos aspectos presentes na literatura como, por exemplo, a transmissão da história, na apresentação dos avós que vêm de diferentes países, que marcam as ondas de imigração para o Brasil, ou a avó escrava que concretiza um fato importante de nossa história. O mesmo ocorre com a apresentação de afetos diferentes para cada um dos netos, o que remete a Kornhaber (1986), que fala dos netos preferidos. É o momento que marca o que ecoa no grupo. Vendo cada grupo em particular, salientamos no **Grupo Cinza** o impacto da escravidão, obscurecendo e eliminando outras histórias trazidas, porém abrindo espaço para aspectos menos idealizados, como a presença da avó que trata diferentemente os netos.

Dramatização

Moreno (1975) observou que a intervenção em grupo, além de esclarecer as características de papel, proporciona transformações em seu exercício; para ele, o que permite isso é a ação, quando ambos os lados da relação são exercidos.

Olhando os grupos individualmente temos:

Na dramatização do *script* das cenas escritas pelo **Subgrupo Laranja**, o avô aparece apenas como dependente dos cuidados da avó. Já ela é responsável pela união da família, é ativa, envolve-se com os netos. Não aparece a crítica em relação a seu comportamento moderno, pelo contrário, este é motivo de admiração por parte dos netos. Mesmo o passeio a cavalo, que era com o avô, passa a ser com a avó, enquanto o avô reclama seu almoço. Os netos aparecem admirando os avós e interferindo na relação do casal pela atenção que recebem e/ou pedem.

No **Subgrupo Cinza** aparece uma avó alquebrada que tem dúvidas quanto a contar ou não sua história aos netos. Às vezes não tem memória, incomoda-se com o barulho dos netos. Sente-se desrespeitada. É uma avó que demonstra suas preferências. O avô que quase desaparece no *script* está

bastante presente na dramatização. É um avô prestativo, que cuida da avó, que pede à avó que pare de falar de sua história, que se interessa por mulheres bonitas, que vai pescar e brincar com os netos. Estes aparecem buscando o avô, brigando entre si pela atenção da avó, e sendo ou não aceitos por seu comportamento.

Na dramatização das cenas do **Subgrupo Verde** há a presença de diferentes culturas revelada pela imigração, em destaque a japonesa, a italiana e a alemã. Culturas que são ao mesmo tempo estereotipadas e entrelaçadas na vida cotidiana. Os avôs são aventureiros transmissores da história. Protegem a família. Na fala dos netos, é safado por que olha para a loura que passa. Para ele é o momento de ressaltar que homem e mulher são diferentes. Uma transmissão de valores. As avós transmitem canções de sua cultura, fazem comida, contam aos netos quem são seus maridos, e histórias de sua vida. Os netos vivem em outra cidade, reúnem-se por conta dos avós. Espantam-se ao perceber que eles tenham tido outra vida além da que conhecem. Quem tem avós conta aos que não os têm como é bom tê-los.

Comentários sobre as dramatizações

Embora o subgrupo que atua na dramatização não seja nem composto pelos que escreveram as cenas individuais, nem pelos que escreveram os *scripts*, a dramatização, ao mesmo tempo em que traz de volta alguns temas que desapareceram no *script*, não apresenta outros, como a comida, muito presente nas cenas escritas.

A ação dramática dá oportunidade para que a visão idealizada dos avós seja diminuída pela ação de seus complementares que revelam consequências destes atos. A vovó dedicada, amorosa, pode ser também a mulher que deixa de lado o companheiro. Na cena dramatizada, o avô reclama da avó que quer aprender coisas novas e também do tempo que ela gasta com os netos, o que faz com que se sinta abandonado.

A avó valorizada pela história de vida é também a que fala desta história repetidamente. A vida com a vovó pode ser também espaço de competição entre os netos.

Avós mudam o *script* recebido a partir da relação construída em cena com seu papel complementar. Ainda que, no *script* cinza, tudo fique obscurecido pela presença de uma avó escrava, na cena dramatizada o avô, que no *script* aparece descrito numa única frase: *E o avô muito ativo*, interrompe a fala da avó escrava, e sua entrada na relação com os netos abre um conjunto de alternativas que não estavam no script: *cuida da avó, pede o brinquedo da neta para ser consertado, estimula a avó a brincar com as netas, convida os netos para pescar*.

Durante a **dramatização**, o grupo, como mostra Nery (2006), tanto explora os conflitos quanto viabiliza a expressão das pessoas e as tentativas de solução. Em um momento os netos sugerem ao avô, que se resente da ausência da avó, que procure fazer coisas novas e se ocupar mais deles. Na retratização isto é favorecido tanto pela própria dramatização quanto pelos comentários que os participantes fazem para os personagens, num diálogo co-construído que entrelaça o contexto grupal com o dramático, o social e o individual.

Nery, Costa e Aguiar (2006) alertam para a importância da inclusão dos movimentos corporais dos atores para o entendimento do que se está pesquisando. A visualização do que é transmitido corporalmente pelos sujeitos pode corroborar ou contradizer o que está posto no papel. Um personagem, por exemplo, que representa uma avó denominada moderna, caminha na dramatização como uma avó encarquilhada, velhinha, denunciando que o discurso da avó jovem repousa sobre a antiga imagem de velhice dos avós e de sua fragilidade. Também evoca sentimentos ainda não expressos, como quando alguém da plateia reage à expressão triste do avô e coloca na sua expressão um conteúdo: a morte da avó.

Florez (2004) afirma que a dramatização permite regular a diferença entre o possível e o idealizado. A avó que sonha ser moderna tem que lidar com as questões conjugais e as expectativas dos netos presentes na cena.

Eizink e outros (1993), ao analisar o filme de Kurosawa, mostra que esta análise permite a visualização da cena, permitindo compreender o que simultaneamente ocorre com os envolvidos na relação. O mesmo pode-se ver na representação das cenas dos *scripts* apresentados dramaticamente. Na

própria cena, por exemplo, o avô concretiza a dificuldade do grupo em lidar com o que não condiz com a imagem edulcorada da avó e interrompe seu relato de escravidão.

O diálogo da plateia com os personagens

O terceiro movimento poderia ser desdobrado em dois movimentos que se intercalam: a dramatização e o compartilhamento entre cenas dramatizadas.

No momento do **compartilhar**, ao final de cada uma das dramatizações, quando pessoas da plateia conversam com um personagem, é que o grupo pode explicitar outras ambivalências do papel, ou diferentes perspectivas dos participantes do grupo sobre ele. Permite-se aí a deposição dos sentimentos e emoções suscitados pela dramatização. No nosso caso, é o momento em que as contradições sobre o papel presentes no grupo podem aparecer. É possível confrontar os personagens do mundo interno no mundo externo.

No **Subgrupo Laranja** a avó moderna mobiliza sentimentos ambivalentes que se revelam pelo desejo de ser atualizada, aliado a advertências de que ela não deve deixar de lembrar as coisas boas do passado com o avô e de ter tempo para dar colo aos netos. Os netos, por sua vez, são advertidos para deixar a avó realizar-se, ao mesmo tempo em que se lhes garante que terão seu colo.

O avô aparece solitário e precisando de cuidados; há necessidade de reinserir a ideia da morte, colocada na solidão do avô pela morte presumida da avó. Há o pedido de que este se ocupe mais dos netos, e que possa entender os movimentos da avó na modernidade.

No **Subgrupo Cinza**, a primeira figura a aparecer é um filho que pede à mãe que trate as netas com igualdade. Ambos buscam um meio termo para a questão. Os participantes no papel de netos compartilham suas percepções: netas que trazem sua dificuldade em lidar com a morte, com a doença, com o Alzheimer da avó. Netos que falam de saudades, da morte do avô. Também os netos falam de sentirem-se importantes para o avô, de sentirem-se marcados por ele. Avôs que aparecem como cuidadores, que compram e dão doces e balas. Netos falam da vontade de tê-los de novo.

O **Subgrupo Verde** torna mais presentes os netos, que falam de suas vidas como consequência dos atos dos avós, buscam suas raízes, apresentam-se entendendo o movimento dos avós, mas reclamando da ausência de carinho. Agradecem o que receberam: o exemplo, o carinho, a pátria e o nome. Sentem-se honrados e responsáveis por transmitir a história dos avós, de quem sentem saudades quando já ausentes. Tentam agradá-los mesmo não os tendo conhecido. Uma neta traz o poder fazer diferente pela dor causada pela indiferença da avó. Uma avó aprende a importância de ser raiz a partir da fala de um neto. Uma bisneta agradece a bisavó o ter feito feliz a sua avó.

Apesar de não ser explícita a preocupação com a transmissão da cultura, aspecto especialmente importante entre os indígenas americanos (Robbins, Sherman, Holeman, e Wilson, 2005), que temem a extinção de sua cultura, vimos a referência dos netos ao país de origem dos avós, bem como ao que aprenderam sobre eles, a comida, as cantigas. Não encontramos na literatura o contrário, o desejo de não passar a cultura de origem, o que é apresentado pelo participante japonês, que revela na dramatização o efeito nele da falta desta transmissão. Podemos ver pelas cenas que há bastante consenso quanto ao que se espera dos avós, mesmo entre os participantes que não desempenham este papel em suas vidas. Exemplos disto são: a mulher que afirma que não tinha ideia do que era ser avó e no entanto exerce este papel na cena, ou da participante que amplia suas próprias atribuições, dizendo no compartilhamento: *obrigada por me lembrar que devo transmitir raízes aos meus netos*.

A retratização permitiu transformações nas concepções presentes nos indivíduos do grupo sobre estes papéis. Mesmo quando na cena escrita aparece um avô mais distante do cotidiano, no momento do compartilhar sugere-se que este avô venha conversar com os netos, tal como faz a avó.

As dores podem ser tratadas a partir da intervenção do diretor, que auxilia favorecendo que expressem diretamente para o personagem em cena, ao invés de relatar ou comentar: *só queria dizer o seguinte, era mais importante você ter dado uma banana para a gente. Ou: era mais importante você, quando fritava os bolinhos, dar bolinho para minhas irmãs, que chegaram doentes em casa*.

Dado ter me proposto a fazer uma análise crítica do processo de retratização, de modo a identificar como e se alguns de seus pressupostos se realizam, indico:

A) A retratização permite a reflexão interna dos sujeitos e como isso ocorre.

Toda a descrição deste processo permite concluir que a retratização dá condições para que seus participantes tenham acesso ao avô que têm dentro de si, ao que desejam ser, e ao que é proposto pelo grupo. Transformam-se assim nos pesquisadores do papel em questão.

O processo da retratização abre para possibilidades diversas, explicitando o não permitido pela idealização do papel e aspectos que o próprio participante não havia acessado em si mesmo, dando conta do que sabe e podendo expressar outras formas de atuar no papel. Vai além do expressar-se, pois, ao fazê-lo, o participante entra em contato com o complementar que lhe dá novas vertentes de reflexão, testando diferentes possibilidades na relação com o outro. Realiza-se também uma função terapêutica, ao permitir a correção de algumas visões sobre suas vivências como netos, assim como a expressão de sentimentos reprimidos.

Destaco que o compartilhar, intercalado com a ação dramática, permite o confronto entre os participantes do grupo sobre diferentes ideias que têm sobre o papel. Um exemplo que chama muito a atenção é uma cena escrita sem avós. Uma mulher de 46 anos tinha 31 quando o último dos avós morreu:

Estou chegando ao aeroporto curiosa, esperando o “amigo” da internet, que vem da Dinamarca para cá, para me encontrar. No processamento ela comenta que inicialmente não havia pensado em avós, e que sua cena não foi contemplada, mas, ter desempenhado o papel na dramatização a fez perceber a importância de elaborar a importância deste papel. “A riqueza desta proposta, do meu ponto de vista, está na possibilidade que confere a cada grupo de trabalhar em conjunto, realizando uma criação no coletivo, a partir de suas histórias pessoais e das histórias dos outros. Ou seja, criamos nossos avós, os perdemos para outras pessoas, os resgatamos novamente no momento de tecê-los com os avós chegantes, e finalmente os despejamos, em momento catártico, no novo contexto dramático oferecido.” (A. 1998).

Este texto sobre a retratização, escrito por uma participante, mostra com clareza esta possibilidade.

B) A preservação do material individual e como se realiza.

Um dos objetivos de Liberman (1995) com a criação da retratização era possibilitar o trabalho psicodramático mantendo o anonimato do sujeito da história, porém permitindo que esta seja trabalhada. Por meio da descrição anterior é possível que isto não fique evidente, por isso destaco um exemplo de processo individual que materializa o potencial de ampliação para o próprio indivíduo.

Na cena escrita, uma mulher de 28 anos, com as duas avós vivas, escreve: com mais ou menos dois anos de idade, eu estava voltando do sítio; e como estava com muito sono pedi para meu avô me dar colo. Dormi profundamente, com uma agradável sensação de proteção e carinho; ele costumava cobrir meu rosto com o lenço para proteger-me da luz. No script do subgrupo aparece: o menino lembra-se também que o avô apagava a luz para protegê-lo. Na dramatização fala a narradora: este menino lembra que seu avô na hora de dormir apagava a luz para protegê-lo. Menino volta para a cena, deita-se no chão e diz: tem que apagar a luz. Meu vô sempre apagava a luz para me proteger.

O aspecto de proteção ganha mais destaque: o neto ressalta a proteção mais do que o carinho, e muda o sexo do personagem. Presente na dramatização, o assunto não suscita compartilhamento pelos participantes.

C) Papel terapêutico, ao permitir a correção de algumas visões sobre vivências dos participantes como netos, assim como a expressão de sentimentos reprimidos.

Na cena escrita, um homem de 26 anos, que conviveu com os avós até os 10 anos, descreve: os avós japoneses sempre são sorridentes, pois sabem que a vida é boa, e se não for já vai acabar logo mesmo. Minha cena é de dois avós japoneses de origens totalmente diferentes, mas com o mesmo olhar, pelo simples fato de ambos simplesmente saberem como a vida e a morte funcionam. O que aparece no script como um casal japonês que migra com os filhos para o Brasil, que é sorridente e que sabe que a vida é boa e se não for vai acabar mesmo: é a sabedoria oriental. Na dramatização eles entram caricaturados, andando com passos pequenos, e sorrindo sem falar. No compartilhar, o neto afirma: é a primeira vez que eu entendo o que você está dizendo, por que eu não falava a sua língua, até pelo fato de que você

tinha determinado que a gente não devia aprender a sua língua... A gente ficou sem raiz e uma planta sem raiz morre... Eu sei que você falou isto para que a gente se adaptasse... A vida era difícil por que a vida era uma eterna perda que você falava... Me ajudou em varias situações difíceis mas hoje eu fico perguntando se a vida é só isto, por que se for, eu não tenho mais o mesmo propósito para viver desta forma... Eu amo muito o senhor mas é difícil, as vezes eu acho que preferia que ao invés de você ter me dado todos estes conselhos, você só tivesse me abraçado como um avô. Faz uma reverência e sai.

D)Uma construção coletiva sobre o papel pesquisado.

Como mostra a apresentação acima os avós que inicialmente são idealizados, vão assumindo um contorno mais humano, com conflitos, inconsistências, sem perder sua possibilidade de carinho, proteção e colo. Além disto, também passam a ser contextualizados em sua história e em suas relações. Isto é possibilitado na inserção das cenas individuais nos *scripts* dos subgrupos, onde há a primeira socialização das cenas e se constrói algo coletivamente; e, posteriormente, pela ampliação proporcionada pela linguagem teatral. O compartilhar com o grupo entrelaça vivências pessoais e propicia uma descarga emocional.

A retratização na pesquisa dos papéis familiares

É importante considerar se é possível ampliar o processamento acima, descrito de modo a contemplar o interesse de teóricos e pesquisadores da área de família. Em vista disto procedi à análise de conteúdo do material produzido e confrontei-o com a literatura. Enquanto que, para compreender a retratização, apresentei apenas o processamento do Grupo 1, conforme já assinalado no Método, porque neste grupo há muitos elementos de uma faixa etária mais jovem, portanto sem ter tido a oportunidade de exercer o papel de avós, inclui o Grupo 2 para contrabalançar os depoimentos.

Os grupos

As retratizações propostas tiveram participantes de ambos os sexos, diferentes idades e gerações, que tinham ou não convivência com os avós e que exerciam ou não este papel.

Grupo 1

O Grupo 1 era composto de 46 mulheres e 11 homens. A idade variava de 20 a 65 anos, mas apenas três participantes tinham mais de 60 anos. Dos 57 participantes, apenas dois declararam-se avós, sendo que um deles situava-se na faixa dos 40 anos. A idade dos netos dos participantes variava de 1 a 9 anos, com a presença de ambos os sexos. Uma participante declarou-se tia-avó de três crianças.

Neste grupo as pessoas eram netos, portanto a construção do papel de avós não deveria ser modulada pela experiência de exercer esta função familiar. Entre os participantes, 3 não conheceram nenhum dos avós, 5 conviveram com pelo menos um deles apenas na infância, 10 até a adolescência e 35 até a idade adulta, o que condiz com as estatísticas demográficas (IBGE 2008), de que a longevidade da população aumentou a partir dos anos 1940, aumentando conseqüentemente a possibilidade de conhecer os avós.

No aquecimento deste grupo observou-se uma frequência de sentimentos associados a momentos de ternura, carinho e alegria. Quando expressam tristeza ou perda, os membros do grupo reagem trazendo logo em seguida os que revelam alegria, esperança, diversão etc. O que nos indica uma predisposição para uma visão parcial e idealizada.

Cenas escritas

O grupo tem um número bem menor de homens, são 11, dos quais 6 na cena escrita referem-se ao avô, dois deles escrevem cenas com avós e outros dois com o casal de avós. Entre as mulheres, 29 se referem às avós, 11 aos avôs e uma ao casal. É possível perceber que há um número maior de cenas

de avós (35) do que de avôs (13). Além disso, foram escritas uma cena que não se refere a avós, uma com a presença da bisavó e uma só com o neto.

Grupo 2

O Grupo 2 era composto de 29 mulheres, 3 homens e uma pessoa sem identificação. Embora a idade variasse de 26 a 72 anos, apenas duas participantes tinham menos de 40 anos. Dos 33 participantes, 18 declararam-se avós, 13 com netos crianças, 2 com netos adolescentes, 3 com netos adultos. Destes: 3 tinham apenas um neto, 5 tinham dois netos, 6 tinham 4 netos, 4 tinham 5 netos e um tinha 21 netos e dois bisnetos. Portanto, grande parte deles tinham experiências nas quais podiam apoiar-se para apresentar aspectos do exercício do papel, tanto nas cenas individuais, quanto nas dramatizadas. Houve uma referência à experiência de ser neto. O que talvez só possa ser compreendido se me ativer à análise dos efeitos socioterapêuticos da retramatização.

Entre os 33 participantes, 5 não conheceram nenhum dos avós, 3 conviveram com pelo menos um deles na infância, 6 até a adolescência e 12 até a idade adulta, o que também aponta para os efeitos do aumento da longevidade da população que evidencia diferenças entre as gerações.

Cabe mencionar uma avó que se refere a seu papel como calcado na experiência que teve com sua própria avó, uma nora que se lembra de seu sogro como exemplo de avô, e um homem que lembra sua experiência com o avô da esposa, que adotou afetivamente.

No aquecimento deste grupo observa-se uma preponderância de sentimentos associados à perda: saudades, lembrança, morte e paz. O que conota a ausência desta relação, e aspectos da elaboração de sua perda.

Cenas escritas

Embora os três subgrupos estivessem presentes e todos os participantes escrito suas cenas, as de um deles foi perdida. Assim sendo, baseei-me nas cenas escritas de apenas dois dos subgrupos.

O grupo tinha um número pequeno de homens, apenas 3, que em texto se referem ao avô. Entre as mulheres 6 também escrevem sobre os avôs e 6 sobre o casal. O que é possível perceber, no entanto, é que há um número próximo de cenas de avôs (14) e de avós (18). Além disto, foram escritas 3 cenas sem avós, uma com tataravó, 10 com um dos pais, uma com sogro, uma com tia-avó.

Comparação entre os dois grupos

Comparando-se os dois grupos é possível identificar que ambos falam preferencialmente do lugar de netos; e identifico a diferença geracional tanto no que se refere à possibilidade efetiva de contato com os avós, quanto no número de anos desta convivência. Nos dois grupos há forte presença de mulheres em comparação à de homens, o que pode levar a um viés dos dados no sentido de uma visão feminina dos papéis de avós. Como pode ser percebido nos enxertos abaixo há um forte viés tradicional de gênero, enquanto os homens, em suas atividades, expressam virilidade e força:

- *Mostrando... sua ginástica...alongamento.*
- *Ele conta histórias de sua vida, de suas viagens, de seus amores.*
- *Tomam decisões: vou criá-los no Brasil.*

As mulheres realizam atividades tradicionais femininas:

- *Tentando fazer algumas atividades domésticas, exemplo lavar a roupa.*
- *Vendo minha avó cozinhar "bolinhos de chuva".*
- *A avó está lendo uma história.*
- *Tem um enorme prazer em cavalgar, fazer doces para si, para seu marido, seus filhos e principalmente seus netos.*

Na análise que se segue esta ideia é ampliada com novas possibilidades para as avós, como estudar, cuidar da fazenda etc.

Análise de conteúdo

Para analisar as possibilidades de uso da retratização na investigação de papéis familiares na atualidade, foi realizada a análise de conteúdo (BARDIN, 1977) das cenas individuais, dos *scripts* produzidos pelos subgrupos,

das dramatizações gravadas e do compartilhamento entre as cenas dramatizadas.

Trabalhou-se separadamente cada um dos dois grupos e depois foi feita a comparação. O quadro abaixo indica as categorias e subcategorias construídas para G1 e G2 a partir dos textos individuais.

Quadro 3

Categorias e subcategorias dos grupos 1 e 2

Grupo 1	Grupo 2
Avós são idosos a) Envelhecidos b) Ativos c) Aparência	Avós são idosos a) Envelhecidos/ No fim da vida ou falecidos b) Ativos -----
Decorrência da relação para o psiquismo do neto A) Sentimento de segurança e proteção B) Sentir-se importante e especial C) Sentir-se cuidado D) Modelo de identificação E) Aspectos idílicos e seu contraponto -----	Decorrência da relação para o psiquismo do neto A) Sentimento de segurança e proteção B) Sentir-se importante e especial C) Sentir-se cuidado D) Modelo de identificação E) ----- F) Distância
Função na família trigeracional A) Cuidado instrumental B) Socialização C) Lazer D) Triângulo com filhos e netos E) Aglutinação F) Transmissão	Função na família trigeracional A) Cuidado instrumental B) Socialização C) Lazer D) Triângulo com filhos e netos G) Aglutinação E) Transmissão
Decorrência para os avós	Decorrência para os avós

Fonte: Marcia Almeida Batista, 2012.

Como podemos ler no quadro, as mesmas categorias foram identificadas no material produzido por ambos os grupos, a partir das histórias

escritas individualmente. Algumas poucas subcategorias diferem, mas mesmo em subcategorias semelhantes alguns conteúdos expressam diferenças.

A seguir apresento o que foi identificado, fazendo paralelo entre os dois grupos. A indicação G1 ou G2 identifica a procedência das mesmas.

Categoria: Avós são idosos

Independentemente do grupo pesquisado, uma condição para o exercício do papel dos avós é ser idoso, embora a concepção de envelhecimento não se apresente homogênea entre os indivíduos do grupo nem entre os grupos. Os sujeitos do Grupo 1, por exemplo, tendem a dar um colorido idealizado à velhice, enquanto no Grupo 2, a velhice é limitante e conduz à morte.

Foram identificadas três subcategorias:

A) Envelhecidos

Refere-se aos temas que expressam fragilidade, limitações físicas, idade avançada, necessidade de serem poupados, exigência de cuidados e proximidade da morte. No Grupo 1, ressalta-se a importância de serem os avós poupados, no Grupo 2, uma vez que já aparecem como acamados ou mortos, isto não se coloca.

G1- A avó tentando fazer algumas atividades domésticas, e sua filha não a deixa, dizendo que ela está muito velha e não deveria fazer mais estes trabalhos em casa.

- Sabem que a vida é boa, e se não for já vai acabar logo mesmo. Avós chegando a uma idade avançada.

G2- Dia da morte de meu avô materno.

- Ela já muito doente na cama, morava com minha tia, todo sábado eu ia visitá-la, cortava-lhe os cabelos e as unhas, deixando-a bem bonita e perfumada.

Esta subcategoria nos remete às diferenças já mencionadas entre os dois grupos. No primeiro preponderam pessoas cujos avós estão vivos, já no segundo o mesmo não acontece, pois muitos viveram a perda de um ou de ambos os avós.

B) Ativos

Apesar de serem descritos como idosos, muitos avós, tanto do sexo masculino quanto do feminino, são também apresentados como indivíduos que possuem uma rotina, trabalham, exercitam-se e promovem situações de convívio familiar. Esta atividade parece ser objeto de admiração, em especial entre os sujeitos do Grupo 1. Além disso, se no Grupo 1, assim como no Grupo 2, as cenas trazem atividades do cotidiano da casa, no primeiro acrescenta-se a ideia de que as avós exercem também atividades externas, tanto de lazer quanto de trabalho.

G1- Com 91 anos mostrando aos netos os exercícios que faz diariamente.

- Uma avó muito maluquinha queria prestar vestibular junto com sua netinha.

- Um avô sentado em um banquinho na porta de uma loja. Local este de que ele cuida, todos os dias.

G2- A minha avó sentada na cozinha fazendo a quitanda da semana.

- Minha avó devota de São Pedro fez uma promessa para o santo, conseguiu o milagre, e teve que cumprir a promessa: uma festa por ano. No princípio a festa era no quintal de casa.

- Meu sogro era uma pessoa capaz de se levantar às 23 horas para fazer um frango de leite na brasa. Isso porque o neto estava com vontade de comer àquela hora.

C) Características físicas

As características físicas dos avós, descritas no G1, ainda que remetam ao fato de serem idosos, sugerem uma aparência de velhice minimizada por meio de adjetivos que a tornam idealizada. Já entre os sujeitos do G2 a única referência a uma característica física serve para descrever o avô morto.

G1 - A avó velhinha, sorridente, de cabelo bem branco, olhos azuis, bem azuis, da cor do mar.

- E penso tão bonita na velhice... Avó velhinha.

- Ela era gordinha e seu colo muito macio.

- Ele gordinho, de cabelos grisalhos, e ela magrinha, com cabelo preso, vestido cor-de-rosa.

- Muitos velhinhos caminhando com dificuldade dentre eles destaca-se minha avó.

G2- No meio da sala no caixão, meu avô, branco, branco amarelado, quieto, bigodes enormes, imóvel.

Compondo o quadro de idealização da velhice dos avós, no G1 há muitas vezes referência a cenários que nos levam a uma situação romântica:

G1- Grande quintal do sítio -, cadeira de balanço na varanda. -, beira do rio de águas mansas, fim de tarde de temperatura cálida, local - varanda repleta de flores - jardim magnífico - mesa no quintal sobre o caramanchão - fim de tarde lindo no quintal da casa.

Apenas um cenário escapa a este padrão: - *A menina ficou assustada e não vê a hora de sair daquele lugar (uma escadaria que sai de um hall).*

Já no G2, a referência a cenário diz respeito à localização não adjetivada de onde ocorrem os encontros: G2- *no sítio, na fazenda, na cidade dos avós.*

Como Bozormenzi-Nagy e Spark (1973) e Fuchs (2005) já indicaram, ser avô ou avó é um papel que remete ao envelhecimento; é o tempo da velhice.

As concepções de envelhecimento, no entanto, baseiam-se na experiência, que é diferente nos dois grupos. Os resultados corroboram o já verificado por Stelle et Al (2010) e Triadó et Al de que é necessário trabalhar com a diversidade de grupos e faixas etárias para acessar a complexidade da relação avós-netos na atualidade.

Categoria: Decorrências da relação para o psiquismo do neto

Moreno (1978) afirma que a oferta de papéis a serem desenvolvidos pelas pessoas com quem o recém-nascido convive é que permite a constituição do Eu. Os primeiros papéis são desenvolvidos a partir das relações de co-vivência, co-ação e co-experiência⁵ com estas pessoas que compõem o que Moreno denomina “matriz de identidade”. Nossos resultados indicam, como afirma Bragante (1994), que os avós são parte importante na formação destes netos. Os dois grupos descrevem cenas que validam esta ideia, diferentemente de Kornhaber (1986) que, criticando os avós da atualidade, alerta para o contrato social atual, no qual eles passaram a um papel superficial no relacionamento. Nos dois grupos fica expressa a importância que esta relação tem para a formação da identidade e de sentimentos básicos acerca do Eu, do estar no mundo e se relacionar.

a) Sentimento de segurança e proteção

⁵ Mantenho a grafia para ser fiel à ideia moreniana.

Embora seja uma característica presente nos dois grupos, no G1, expressa-se por maior proximidade, afetividade, e atos de carinho, enquanto no G2 pela presença dos cuidados básicos que devem ser dados à criança.

*G1- Com mais ou menos dois anos... estava com muito sono, pedi para meu avô me dar colo.
- Minha avó me fazendo cafuné no cabelo para eu dormir.
- Dormi profundamente com uma agradável sensação de proteção e carinho.*

G2- Isto me emociona muito até hoje. Ela se preocupava muito com a minha saúde.

b) Sentir-se importante, especial.

Nos dois grupos está igualmente presente a sensação de ser importante para os avós. Uma sensação que é referida a partir de sua experiência como neto ou a que tem acesso pelo relato dos pais. Realço o fato de que ambos os grupos se posicionaram como netos e não como avós, apesar de como já dissemos o segundo grupo ter como participantes pessoas que exercem este papel.

*G1- Vovó no fogão assando bolo e me esperando.
- Ele olhou para todos e para a câmera e acenou para mim. Eu sei que foi para mim.
- Eu nos meus 13 anos achei o máximo ficar ali conversando com ela.
- Com mais ou menos dois anos de idade eu voltava do sítio; e como estava com muito sono, pedi para meu avô me pôr no colo. Dormi profundamente, com uma agradável sensação de proteção e carinho.*

*G2- Eu era muito mimada, queria umas laranjinhas...Não tendo onde comprá-las, meu avô as fez.
- Meu avô materno me carregava no colo, e punha aquele relógio que tinha no bolso do colete, e fazia ouvir o tic tac...
- Saudades dos passeios, dos papos com minha avó, do carinho.
- ... E ele me dava uma colher para comer junto no mesmo prato e jantávamos felizes.
- Era sempre ao lado dele que eu assistia tv, ele sempre deixava o lugar reservado só para mim; nós dois nos acarinhávamos muito!
- Nesse momento, fazendo exercício de memória, o que vem mais forte é um sonho que tive com ele, eu chegava à minha cidade, na casa dele e era recebido por ele com um grande e saudoso abraço e com palavras e olhares carinhosos.
- Ficou uma grande lição de amor por esses 20 dias, e a sua presença é sentida até hoje em mim.*

c) Sentir-se cuidado

Sentir-se ou ser cuidado é menos frequente no G2, e aparece em ocasiões determinadas, referindo cuidados básicos. No G1, referendando a diferença geracional já referida, aparecem os cuidados que mostram a proximidade existente entre avós e netos.

G1- Ele costumava cobrir meu rosto com o lenço para proteger-me da luz.

- Meu avô paterno indo me buscar na escola. O avô levando o neto à escola...

- Sempre passávamos na padaria para comprar doces.

G2- Minha avó me visitando doente. Esta presença sempre existia e ia à minha casa nestas ocasiões.

- Isto me emociona muito até hoje. Ela se preocupava muito com a minha saúde.

d) Modelo de identificação

A construção do papel, como foi dito acima, faz-se por meio da relação, sendo que o papel é visto sempre como um conjunto - papel/contra-papel. Assim, a construção do papel de neto implica na aprendizagem do contra-papel de avó/ô. No G1 os netos escrevem sobre o que os avós fazem como modelo para o que querem ser. No G2 o modelo se refere ao que eles ensinam diretamente, ou ao que lhes é transmitido pelos pais como ensinamentos aprendidos por eles de seus avós.

G1- Quero chegar assim à idade, simplesmente vivendo.

- A criança olha-o, fascinado, pela paixão com que ele parece ter existido. E indaga-se: quando eu estiver com a mesma idade, o que terei vivido?

- Sabem como a vida e a morte funcionam... Meu avô: meu maior exemplo de seriedade...

- Um avô sentado num banco de praça, gordinho, cabelos grisalhos, abraçado a uma avó magrinha, com cabelo preso, vestido cor-de-rosa, os dois juntinhos e felizes.

G2- Meu avô paterno era paulista, amoroso ao extremo, criatura de uma lisura sem par.

- Minha avó materna era o exemplo literal da matriarca de bons exemplos.

- Não tive a oportunidade de conhecer nenhum avô, mas tenho alguma história que minha mãe contava... Pelo pouco que fiquei sabendo, minha avó era uma senhora de muita personalidade, meu avô um machista; como mulher da época, minha avó foi uma heroína, vivendo até o final da vida. Tenho como exemplo... reconhecendo que vivo num mundo bem melhor. Agradecendo a eles até hoje, por terem me dado o exemplo de muita força e perseverança.

- Hoje tenho quatro netos e faço como minha avó, preocupo-me muito com a saúde deles.

- Tinha que falar a verdade, não roubar, ser correto, ter horário, enfim, não faltar com a verdade.

e) Aspectos idílicos e seu contraponto

Romanceadas e em cenários bucólicos, mais que uma sensação ou vivência do cotidiano, cenas recortadas reforçam a idealização do papel e da relação com os avós, tendo como contraponto os relatos de uma expectativa que é frustrada por eles. Esta subcategoria não foi identificada no G2.

G1- *Numa cozinha a avó reúne os netos em volta da mesa para almoçar.*

- *Eu e minha avó no jardim... colocando água nas roseiras....*
- *Meu avô materno, com quem convivi pouquíssimo, sentado numa cadeira na varanda da casa, batendo corda para eu e minha irmã pularmos...*

e

- *A cena que eu lembrei foi um tapa na cara que levei da minha avó. Fui a única neta a levar este tapa. Fiquei com muito ódio, guardei muito rancor.*

- *Sentada no colo da avó, uma pessoa elegante, ultra culta, mas que não expressa muita emoção.*

f) Distância

Da mesma forma como a subcategoria anterior foi identificada apenas nos participantes do G1, esta se refere ao G2. Condizente com o momento geracional de seus participantes, que viveram uma família hierárquica, o grupo mostra uma relação que aos olhos de hoje é considerada distante.

G2- *Minha avó paterna estava sempre em minha casa, mas infelizmente, não tenho muitas lembranças.*

- *Avó velha, feiticeira... Não podia chamá-la de avó, e sim madrinha e por cima madrinha de... (que era o nome de seu filho). Para mim só existia uma avó; a outra foi uma velha feiticeira...*

- *Meus avós maternos eram muito distantes de mim, não respondiam nem mesmo à benção que eu lhes pedia.*

Além de destacar a presença fundamental dos avós na construção da subjetividade dos netos, o conteúdo desta categoria indica, como já o fizeram Almeida (1987b), Borzonery-Nagy e Sparky (1973) e Fuchs (2005), a queda da hierarquia nas relações familiares e a avaliação negativa de sua presença, mesmo quando esta é o que se espera naquele contexto social. O que também foi pontuado por Souza (1994), com relação ao papel de pai.

Categoria: Função na família trigeracional

As mudanças observadas na família, assim como os estudos de terapeutas familiares, voltam a mostrar, como afirmam McGoldrick (1995) e Bozormeny-Nagy (1973), a importância da compreensão da família trigeracional. A relação trigeracional é trazida pelos participantes de ambos os grupos. Foram construídas as seguintes subcategorias:

A) Cuidado instrumental

O cuidado instrumental está presente no comportamento esperado dos adultos em relação a crianças e adolescentes, e faz parte, portanto, do papel de avós. Esta subcategoria apresenta-se semelhante nos dois grupos.

Quando referem momentos da infância, o cuidado aparece principalmente em situações de doença, ou suprimindo necessidades dos pais.

A presença das avós é marcante devido à maior convivência e ao tipo de cuidado, que remete a tarefas femininas. O cuidado dos avós é mais esporádico, e consiste em ações como levar a algum lugar, ou a atividades físicas.

G1- Minha avó me visitando doente. Esta presença sempre existia e ia à minha casa nestas ocasiões.

- Ele mora com a avó e não tem mãe.

- O avô levando o neto à escola.

- Eu estava de férias, e como todos os anos, um período eu passava junto com minha avó e tios...

G2- Eu morei com minha avó paterna a partir dos 15 anos, até 21, ao me casar.

- Quando eu era pequena, minha mãe teve sarampo, meu irmão também, e minha avó me levou para a casa dela porque eu estava com febre alta; e deitou-se comigo, porque eu não ficava na cama; foi uma época que me marcou muito.

- Quando criancinha, com seis anos, peguei piolho na escola, ficamos todos apavorados. Lembro-me muito bem, não me sai da lembrança, à noite minha avozinha sentava-se, eu punha minha cabecinha em seu colo e ela ia catando os piolhos e matando...

B) Socializa, dá limites.

A diferença entre os dois grupos refere-se à mudança na concepção dos papéis familiares, que alterou a forma de socializar e de dar limites, como discutem Almeida (1987b) Machado (2002), Macedo (1994), Souza e Ramires (2006). O G1 é mais horizontalizado, há uma preocupação com a criança, e o limite é negociado. Já o G2, onde a hierarquia está presente, mostra uma educação retificadora (correção e moral) conforme analisou Machado (2002).

G1- Levei uma bronca bem dada e chorei muito. Mas foi uma das poucas vezes na vida em que levei uma bronca e não me senti rejeitada, ou não gostada. Me senti mais querida do que nunca...

G2-Lembro-me muito bem das férias de todo ano, que passava junto de minha avó, era sempre em julho: íamos para Santos, na Praia do Gonzaga. Ela era muito severa. Não deixava que ficássemos muito

tempo na praia e então, tínhamos que ir às sete horas da manhã e impreterivelmente estar de volta às 10 horas.
- Meus avós eram muito rigorosos.

C) Lazer

Apesar de alguns autores falarem de avós que brincam com a criança, o que encontrei foram situações em que eles propiciam um lazer determinado. O que aparece de forma semelhante nos dois grupos. Ambos os avós são descritos como participando do lazer, numa ação de proximidade, como a encontrada por Triadó et al. (2005)

G1- Eu indo com meu avô nadar no mar.

G2- Quando eu ia para o sítio ele nos levava passear de carro de boi pela estrada.

- Foram maravilhosas as férias que passei com minha avó, e por sinal foram muitas.

- Eu ia passear montada a cavalo na casa da minha avó paterna que morava num sítio.

D) O triângulo com filhos e netos

Mais uma vez identifiquei o efeito geracional: avós, filhos e netos aparecem numa relação em que as três partes estão implicadas; porém o poder é exercido claramente pelos avós do G2, enquanto os avós do G1, ou são mal vistos por tentarem ter algum poder, ou são submissos ao poder dos filhos, como nos mostra Almeida (1987b). Em sua pesquisa sobre as mães dos anos 1950 e as dos anos 1980, ela descreve expectativas diferentes nestes dois períodos, entre as quais o fato das avós serem de fato referência para as mães dos anos 1950, enquanto as dos anos 1980 entendem que devem buscar esta referência em profissionais e, portanto, não veem com bons olhos as interferências familiares, o que leva à perda de poder dos avós também na relação com os netos.

G1- Um casal de avós viajando de ônibus para visitar a primeira neta. Chegando lá, a neta estava dormindo e a mãe não deixou acordar...

- Uma avó quer dar um brinco de argola para a neta e a mãe da criança diz: não vou deixar furar a orelha dela, porque doi. A menina ficou assustada...

- Falando para mamãe que minha blusa estava boa para usar no calor.

G2- Hoje eu penso que ela gostaria que minha mãe tivesse me abortado.

- Mamãe era exigente. Um dia, a vovó estava em casa e presenciou mamãe reclamando: "menina, você está contando errado".

Imediatamente, vovó, piscando para mim, retrucou: “minha filha, você precisa voltar para a escola. Não sabe mais tocar e esse exercício que ela está tocando é maçante demais”.

E) Aglutina a família

Como Fuchs (2005) e Bozornery-Nagy e Sparky (1987) verificaram, em ambos os grupos os avós têm a função de aglutinar a família. Porém esta função se mostra ligada à relação que os avós mantêm com seus filhos, mais do que com os netos. Sua presença aglutinadora é menos perceptível no segundo grupo, por terem morrido quando os netos eram mais novos.

*G1- O aniversário da avó... uma rara oportunidade, em que os irmãos e familiares se encontram e esquecem as diferenças.
- Cantando, recontando e trocando histórias... em uma varanda, reunidas várias gerações.*

G2- A festa, eles dançando uma valsa, todos os filhos, netos, bisnetos, enfim, a família toda junta.

F) Transmissão

Muitos autores - Oliveira (1993), França (2004), Fuchs (2005), Robbins et al. (2005), Triadó et al. (2005), Maciel (2010) - ressaltam o papel dos avós como transmissores da cultura, o que é trazido também nas cenas escritas pelos participantes dos grupos em estudo.

No G1, a transmissão se dá por meio da vivência dos avós observada pelos netos, e das histórias que estes contam sobre suas vidas. No G2, são valores normativos ou transmitidos pelos pais nas histórias que contam sobre os avós, uma vez que muitos deles tiveram pouca ou nenhuma convivência com aqueles.

*G1- Uma conversa com minha avó de 86 anos, na qual ela relatava as experiências vividas no passado e as possibilidades do futuro.
- Os avós japoneses sempre são sorridentes, pois sabem que a vida é boa, e se não for, já vai acabar logo mesmo. Minha cena é de dois avós japoneses de origens totalmente diferentes, mas com o mesmo olhar, pelo simples fato de ambos saberem como a vida e a morte funcionam.
- Ensina a cultura de origem: ela fica contando piadas, pedindo para cantar com ela em húngaro, contando suas experiências da juventude.
- Minha avó era filha de escravos. Quando a conheci, ela estava com os pés edemaciados, pois não tinha o hábito de usar sapatos.*

G2- Não tive a oportunidade de conhecer nenhum avô, mas tenho alguma história que minha mãe contava... Pelo pouco que fiquei sabendo, minha avó era uma senhora de muita personalidade, meu avô um machista; como mulher da época, minha avó foi uma heroína, vivendo até o final da vida. Tenho como exemplo...

reconhecendo que vivo num mundo bem melhor. Agradecendo a eles até hoje, por terem me dado o exemplo de muita força e perseverança.

- Aprendi uma oração com o avô paterno...

- Esta minha avó materna me crismou. Ficou uma grande lição de amor por esses 20 dias, e a sua presença e sentida até hoje em mim.

O discurso espontâneo corrobora a importância da família trigeracional na sua rede intrincada de relações e mais uma vez a categoria como um todo mostra o quanto a família contemporânea transitou de um conjunto de relações hierárquicas para um ideal de proximidade e afeto.

Categoria: Decorrência para os avós

Nesta categoria permanece a visão a partir dos netos. É como netos que os participantes dos grupos escrevem sobre o que os avós sentem. A referência é que netos constituem um presente para os avós. Identificam a alegria dos avós como uma consequência de sua presença.

G1- Como foi bom existir para poder ter estes momentos com os netos...

- A vovó feliz, rodeada dos netos. Eu, chegando à casa de minha avó. Ela fica super feliz ao me ver; me abraça forte e nós entramos em sua casa.

- Vendo os filhos e netos crescerem, morrerem e viverem cada um à sua maneira.

- Ele conta histórias de sua vida, de suas viagens e de seus amores... tem para quem contar e tem intimidade...

G2- A grande alegria de minha avó paterna foi o dia em que eu nasci. Durante algum tempo esta avó querida, e com quem a minha convivência foi íntima, esperou por uma neta.

- A sua felicidade, no leito doente, de saber que a neta havia chegado foi imensa. A nossa convivência, de muita alegria e imensa satisfação para ela, durou apenas 20 dias.

- O avô se achava a pessoa mais feliz do mundo em fazer aquilo que o neto pedia...

Kennedy e Keeney (1988), Dias e Silva (2003), Ryback, Sabdnavitch e Mazon (1968), Kivnick (1982), Fuchs (2005) destacam a satisfação de ser avós, identificando que este papel traz para eles um novo significado para a vida e a sensação de perdurar após a morte. Na mesma direção da literatura, embora vistos da perspectiva dos netos, os textos analisados ressaltam que

exercendo ou não o papel de avós, os participantes têm esta expectativa para sua atuação.

Mesmo apontando diferenças geracionais entre os dois grupos, as categorias identificadas em ambos só diferem internamente quanto a uma visão mais ou menos hierárquica, ou mais ou menos distante na relação avós e netos. Comparando estas categorias com a literatura revista, verifiquei que foi contemplada a maioria dos aspectos trazidos pelos autores.

Sobre o movimento das histórias na retramatização

Categorizado o conteúdo das cenas individuais, coube perguntar se os movimentos seguintes da retramatização trariam ou não algum acréscimo. Inicialmente verificamos se os temas permaneciam presentes, o que de fato ocorreu. Em seguida analisamos os outros movimentos da retramatização. Triadó, Villar, Solé, Osuna, Pinazo (2005) afirmam que os sujeitos de pesquisa, quando perguntados sobre sua relação com os avós, tendem a responder baseados não em todos os avós, mas na relação preferida por eles. Mesmo trabalhando com pares de avós, os resultados mostram claramente a opção pela relação preferencial. Com isto aspectos conflituosos tendem a aparecer mais raramente, o que de fato ocorre, como já mostrei quando do registro das cenas individuais.

Nos *scripts*, a subcategoria aspectos idílicos e seu contraponto (Categoria: decorrência para o psiquismo do neto) tem apenas dois indivíduos que referem agressividade ou preferência por parte dos avós. No entanto, o *script* construído em grupo coloca:

...rodeada por oito netos, os quais trata diferentemente: acaricia um, estapeia outro, dá uma bronca bondosa em outro... pega um neto pelas mãos e o leva ao mar ou à escola. Contudo cada neto reage de um modo: uns sentem-se queridos e outros a odeiam. Isto se repete ao longo dos anos...

Isto fica permitido por que mesmo que a frequência seja pequena, aparece, e o grupo precisa lidar com isto. O pesquisador, individualmente, tem maior dificuldade para estimular o sujeito a tratar do que ele não deseja. Como

já foi identificado, há a tendência à idealização da relação; com isso o participante resistiria aos aspectos que sente como negativos ou indesejáveis, e assim estes só aparecem apenas quando estão fortemente marcados no sujeito.

Na retratização ocorre uma influência horizontal entre os participantes do grupo, com menos possibilidades de defesa e fuga da questão.

A **dramatização** também permite acessar o conflito, a preferência, a não correspondência com a idealização, além de evidenciar o aspecto triangular da relação, o que não se evidencia na produção individual, como exemplifica a cena abaixo:

A mulher que puxava a criança pela mão se agacha ao lado dela, que sugere “vamos andar a cavalo?” Ouve-se a voz de um homem: “Maria Eugênia, você não vai servir meu almoço?”

Avó fala: Deixa a gente passear um pouquinho.

Neta: Tá com fome, vô?

Outra mulher entra na cena e fala: Oba, eu também quero andar, posso?

A avó ao lado da neta, seguida pela outra mulher, saem pulando pela sala, fazendo “pocotó”, imitando andar a cavalo.

Após pararem, a avó fala: Meninas, eu preciso pensar em coisas sérias, e coisas modernas também. Essa coisa que todos os jovens fazem... Acho que seu almoço vai demorar um pouco mais (fala se dirigindo ao marido. Depois, caminha para uma cadeira e pega um livro).

Marido: Eu não vou ler depois de comer, hein. Tem a televisão.

Avó: Tem mesmo, tem mesmo. Vou fazer um vestibular com esses programas aí.

Avó pega o livro e senta-se na cadeira. Vários netos sentados à sua volta.

Avó: Isso não é prá sua idade, minha velha.

Um neto: Vai prestar vestibular prá que, vô?

Avó: Faculdade da terceira idade.

Câmera faz o feito “foto” novamente, paralisando a imagem dos netos em volta da avó. Mas o marido está de costas para a câmera, em pé, bloqueando a visão da avó. Câmera volta, focando a plateia, enquanto se escuta a avó falando.

Avó: Não é à toa que minha filha gosta, que espetacular, é maravilhoso! Eu não acredito...

Muita gente fala ao mesmo tempo, impossível entender.

Avó: Vovó dois mil! (risadas)

Avó: Tá falando de vestibular... Só se ligou na internet.

Avó: É o máximo isso aqui, puxa, por isso que eles gostam... Isso aqui, menino...

O texto individual não apresenta o conflito conjugal, que aparece no exemplo citado acima, a partir da ação. Além disto, a adjetivação da avó como maluquinha, que pode ser interpretado de várias formas, na dramatização se revela uma desqualificação de seu desejo de modernidade, tanto pelos netos,

quanto pelo marido, quando ela sai do esperado para o seu papel, tornando mais clara a sobreposição de modelos que interferem nos desejos e formas de agir dos sujeitos (FIGUEIRA, 1987, 1991).

O **compartilhar** oferece a oportunidade de acesso a outro aspecto conflituoso, referente à negação por parte dos avós de se comportarem conforme o esperado. Um exemplo está no avô que recusa o papel de transmissor de cultura.

Homem: Esta é a primeira vez que eu entendo o que você tá falando, por que eu não falava sua língua. Até pelo fato de que você tinha determinado que a gente não deveria aprender essa língua, porque a gente era terceira geração e a gente deveria entender a língua do país prá onde a gente fosse. É que eu acho difícil a gente cortar as raízes. Eu sei que você falou isso prá que a gente se adaptasse. Mas o problema é que a gente ficou que nem uma planta sem raiz. E, planta sem raízes morre. Eu sei porque faço o possível para tentar levar adiante a sua compreensão. Mas é difícil porque o mundo muda, eu entendo inclusive que esses conceitos que você passou prá gente... a vida era difícil, porque a vida era uma eterna perda, que você falava. É... Me ajudou em várias situações difíceis. Mas hoje eu fico me perguntando se a vida é só isso. Porque se for, eu não tenho mais o mesmo propósito que você tinha prá viver dessa forma.

Eu amo muito o senhor. Mas, é difícil. Às vezes eu acho que preferia que ao invés de você ter me dado todos esses conselhos, você só tivesse me abraçado como um avô.

Homem faz um gesto inclinando-se para a frente, em direção ao avô.

É nesta etapa de compartilhamento que temos acesso à elaboração de perdas, que assinalo quando comento o aquecimento.

Foi ótimo, porque eu tinha apenas 12 anos quando minha avó faleceu, e eu estava no colégio interno... então eu não pude estar com ela... Eu queria te agradecer... (falando para o ego auxiliar) por este momento maravilhoso... me despedi da minha avó Z. hoje. Foi muito especial.

Dado ter me proposto a evidenciar como a retratização pode ser utilizada para pesquisar papéis familiares contemporâneos, resalto:

A) As categorias construídas evidenciaram conteúdos já presentes na literatura

Quando fiz a revisão da literatura apresentada no capítulo 3 foi possível perceber que o material produzido acerca dos avós pode ser organizado em quatro categorias - os avós nas relações familiares, a relação avós-netos, as

experiências de ser avós, o significado de ser avós. A análise de conteúdo cobriu todas as categorias, corroborando os autores encontrados. Pude verificar que é um papel que marca o idoso. Ficou claro que os avós são mais do que mero coadjuvantes, suas ações colocam-nos como significativos e importantes na formação da identidade do neto, com uma função familiar de aglutinação e transmissão de cultura.

B) O conteúdo de uma ou mais categorias evidencia diversidade de expectativas e comportamentos, bem como as contradições e ambiguidades presentes no conteúdo do papel de avós na atualidade.

Os participantes cobriam os três estágios da vida adulta, e por meio deles pude identificar diferentes expectativas e relacionamentos avós-netos. Como já haviam identificado Kemp (2004) e Triadó et al. (2005) Werner, Buschbinder et al. (2007), a congruência das expectativas entre avós e netos muda ao longo dos estágios da vida, não só de criança para adulto como nos diferentes momentos da vida adulta, sendo importante pesquisar estas etapas.

Além disto, na comparação entre os dois grupos, verifica-se o *gap* geracional, que aponta mudanças de valores dentro da família, referentes à importância dos idosos, e a democratização das relações familiares, com menor distanciamento entre as pessoas, bem como a dificuldade de manter a aceitação da modernidade dos avós quando isto confronta com a idealização de seu papel - dócil e disponível.

C) O conteúdo de uma ou mais categorias pode trazer indicações para novas pesquisas

Destaco a importância do efeito de pesquisar diferentes momentos da vida adulta (jovens, adultos e idosos), bem como o efeito geracional. No entanto, os participantes privilegiaram colocar-se no papel de netos. Considero que para pesquisar a experiência de ser avó seria necessário um aquecimento diferente do realizado: não levar os participantes dos grupos a lembrar experiências que, partindo da infância, buscassem experiências mais atuais. Entendo o fato pela mobilização afetiva de reviver a experiência na fase infantil de uma relação perdida, propiciada no aquecimento.

Todo o aspecto de idealização da relação e a carga emocional que aparece quando se identifica algo que contradiz esta visão romântica e positiva do avô merece ser investigada, tanto quanto os conflitos trigeracionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que comecei a trabalhar com a retratização, inicialmente como ego auxiliar de Arnaldo Liberman, interessei-me pela forma como permitia o cruzamento de diferentes ideias sobre o mesmo tema. Ao iniciar o doutorado, pensando retomar o que havia feito no mestrado, estudar o papel de avós, decidi utilizar a retratização. Qualquer um dos temas me era caro por motivos diferentes.

Por várias questões, a ordem inverteu-se, passando os avós a pano de fundo desta Tese. De qualquer maneira, tanto a questão dos avós quanto a compreensão da retratização estão intimamente entrelaçadas e, na medida do possível, tentarei falar deste entrelaçamento.

Quando iniciei meus estudos de doutorado, a produção de pesquisas sobre avós era pequena e na maioria das vezes, o foco era a família em seu aspecto trigeracional. A importância dos avós e sua função na família é estudo recente na psicologia. Embora as pesquisas psicológicas, no início, abordassem as relações familiares, em sua maioria sem incluir os avós, encontramos alguns exemplos destes estudos.

Pensando a questão dos papéis em psicodrama, e considerando que o bom desempenho do papel inclui a inversão de papéis, inverter então seu papel com os pais, no que diz respeito ao conjunto papel/contra-papel, deveria dar aos filhos a noção de que seus pais também eram filhos, e tinham também suas dificuldades na construção deste papel. Assim, no consultório particular, trabalhei com clientes que, ao inverterem papel com seus pais encontravam-se frente a seus avós, e aos conceitos que estes ensinavam. Também aconteceu de entrarem no papel de seus avós, podendo contextualizar os valores por eles transmitidos.

Ao estudar, no mestrado, o lugar dos avós na construção da identidade dos sujeitos, acabei por perceber a importância de conhecer o *script* social para este papel.

Assim pensando, antes mesmo de iniciar o doutorado, realizei retratizações com o tema avós em diferentes ocasiões. Foram sempre atos

abertos e não situações processuais. Não eram ações psicoterápicas, visando tratar o protagonista, mas sociodramas tematizados, com foco na compreensão do grupo sobre o papel de avós. Tão pouco havia o compromisso de mais do que um encontro, eram o que chamamos de atos psicodramáticos, que têm começo, meio e fim num único encontro.

Trabalhei com grupos que variavam de apenas 7 pessoas até 57. Em todos os grupos as idades eram muito variadas, e havia profissionais de diferentes formações. No entanto, em todos eles havia algum interesse em conhecer, aprender ou viver psicodrama. Apesar de Liberman (1994) considerar que o número ideal se situa entre 25 e 30 pessoas, minhas experiências me mostraram a possibilidade de trabalhar tanto com mais, quanto com menos participantes, sem prejuízo do resultado. A retratização analisada aqui mostra que mesmo com 57 pessoas o trabalho foi possível. Claro que é preciso considerar a capacidade de acolhimento do diretor, o objetivo do trabalho (socioeducacional ou psicoterápico), e o local onde se realiza o encontro.

Acredito que se possa utilizar a retratização com diferentes faixas etárias, e segundo Bragante (2002), há formas de realizá-la mesmo com quem não é alfabetizado, com algumas modificações propostas por ele.

Sendo atos públicos, com cenas psicossociodramáticas, houve uma interrelação entre o coletivo e o privado, o que favoreceu a leitura tanto das questões individuais como das coletivas. Definindo-se público como o que pertence a uma comunidade, a todos, o que é aberto a qualquer um, sem caráter secreto, transparente, universalmente conhecido (HOUAISS, 2001). E havendo sempre um cuidado do diretor para que o grupo participasse do trabalho de forma implicada e corresponsável.

A retratização proposta por Liberman surgiu exatamente de sua preocupação como diretor em atos públicos, em garantir o cuidado de todos, em especial do possível protagonista, o que ocorreu nas diversas dramatizações realizadas.

Para meu objetivo, que era também compreender o papel social de avós presente em nossa sociedade, havia a vantagem do registro escrito das cenas, feito pelos indivíduos, e de um produto coletivo, os *scripts* a serem dramatizados. A primeira sessão realizada foi filmada, por ser este um

procedimento comum aos atos públicos que ocorriam no local, e ao ver o registro das dramatizações considerei interessante fazê-lo também em outros momentos, o que nem sempre foi possível.

O tempo passou e os avós entraram no panorama das pesquisas, ocupando lugar mais central e, como vimos, muito foi discutido sobre eles. As razões para este interesse já foram apontadas no corpo do trabalho - diversidade de teorias de desenvolvimento durante todo o ciclo vital e menor ênfase nos anos formadores, desenvolvimento da terapia familiar sistêmica, envelhecimento da população, aumento do divórcio e seus correlatos, de filhos fora do casamento legal, ou impossibilidade dos pais de criarem seus filhos.

O desejo inicial era analisar todos os atos realizados que, com algum registro foram cinco, mas uma análise cuidadosa da retratização, que acabou sendo o foco desta tese tornava isto inviável, não só pelo tempo, mas pela ausência de registro no caso de alguns eventos.

Os registros obtidos, ainda que parciais, mostravam muitas semelhanças entre a visão que os grupos tinham do papel de avós. A visão romanceada era a marca mais presente, mostrada várias vezes por meio da descrição de cenários idílicos. Mas também era recorrente a ideia de que avós são velhos e se comportam como tal. Foram muito raras as descrições de cenas onde os avós fugiam deste padrão, e no compartilhar havia sempre severas críticas por parte dos netos a este comportamento diferenciado.

A aposta feita na retratização como forma de pesquisa mostrava-se acertada: o entrelaçar das cenas individuais com as grupais mantinha estes aspectos, mas relativizava com a presença de alguns avós que escapavam a isto, e que ao serem criticados mostravam a tendência do grupo a valorizar uma visão edulcorada dos avós.

Outro aspecto comum aos grupos era o fato de que, independente da idade, os participantes privilegiavam o papel de netos tanto quando traziam as cenas individuais quanto no compartilhar. Acredito que isto se deva ao modo como foi proposto o aquecimento que, apesar de ressaltar que poderia ser uma cena tanto no papel de avô, como de neto, e que a cena poderia ser inventada, começou com a proposta de reviver diferentes fases da vida a partir da infância. Este fato se associa a que os mais velhos em sua maioria perderam os avós muito cedo, e os mais novos não são avós. A dramatização, no

entanto, permitiu aos participantes colocarem-se no papel de avós, e deste lugar relacionarem-se com netos, modulando o que pensavam sobre os avós.

A filmagem mostra que os participantes que assumiram o papel de avós no “como se” dramático, nem sempre eram os mais velhos do grupo, embora se mostrassem trôpegos, ressaltando o caráter de idoso dado ao grupo para os avós.

A cena dramática, essência da metodologia psicodramática, mostrou-se, como já foi dito, um recurso que, por meio da realização de maneiras de viver o papel, de modos de relacionamento dos avós com os outros elementos da cena, conscientizava e mobilizava as pessoas. A dramatização revelou conflitos, contradições entre as atitudes, os pensamentos e as leis internas do grupo e das pessoas. Neste sentido, a ação pôde ser utilizada como um meio de ampliar o conhecimento e a compreensão dos participantes.

Todos estes aspectos estiveram presentes nos vários grupos realizados, o que no momento da formalização da entrada no doutorado tranqüilizou-me quanto a eleger apenas um dos atos.

Como afirma Liberman, pode-se analisar a retramatização por diferentes caminhos: o todo do processo, apenas uma etapa ou cada uma em separado; o que se mostrava rico era também um entrave para mim, como pesquisadora.

O entrelaçamento dos dois objetivos deu uma direção inicial - buscar o que era possível nas cenas escritas sobre o papel dos avós. Como foi demonstrado, já nesta primeira etapa acessei um rico material que, categorizado, cobria a maior parte do que se encontra na literatura. Basicamente o que não aparecia devia-se a diferenças culturais e às características dos participantes. Como disse, a maioria dos artigos é norte-americano e nossa configuração familiar tem fortes tintas latinas. Mesmo os artigos oriundos dos Estados Unidos apontam a diferença existente entre os latinos e os anglo-saxões. Quanto à literatura brasileira, pude cobrir a maioria dos temas. Ressalto a importante marca dos avós na formação do neto, dando a ele auto-estima positiva por sentir-se único e especial para figuras adultas. Além disto, são os avós que inserem o neto numa linhagem e numa história a que ele passa a pertencer.

Apesar da semelhança aparente entre os papéis paternos e o de avós, no que tange a cuidados, pude verificar que os avós exercem o cuidado de

forma diferente e mais pontual, aparecendo em momentos de doença ou de férias.

Como o grupo escolhido era predominantemente de pessoas que não tinham idade para exercer o papel de avós, decidi analisar as cenas escritas do grupo que tinha uma faixa etária preponderantemente mais velha. Neste momento meu foco foi o papel dos avós, mais do que a retratização em si. Se a visão dos avós idosos, preponderantemente doces e gentis não se alterou, este procedimento tornou clara a mudança nos valores familiares ocorrida nos últimos anos; explicitou-se o *gap* geracional entre os dois grupos e reforçou-se a amplitude de temas presentes nesta primeira fase da retratização, que se sustenta no aquecimento. Acredito que sem ele as cenas não trariam o colorido emocional que trouxeram.

Mas se os dois grupos reforçam a literatura apenas a partir das cenas, o que não traria todo o processo? Minha primeira ação foi retornar ao primeiro grupo e ver quais as categorias presentes nas etapas seguintes. Pude ver então a importância de construir as cenas nos subgrupos, o que favoreceu o aparecimento de aspectos menos iluminados dos avós, abrindo caminho para o que individualmente não aparecia de forma frequente. Os avós brigam, fazem diferença entre netos. Na dramatização, ao assumirem o papel de avós, tiveram que responder a várias demandas, mostrando-se assim mais humanos, e com dificuldade para vivenciar os diferentes papéis familiares em que estão envolvidos simultaneamente, como pais e cônjuges, mostrando de forma dinâmica estas relações.

O compartilhar levou-os novamente para o papel de netos e deste lugar expressaram a emoção, o carinho, e a bronca. O que indica a necessidade de discutir o aquecimento, no sentido de dar maior ênfase no papel a ser pesquisado ainda que ainda não tenha sido vivido pelos participantes.

Analisar os dados sobre o papel dos avós revelou a riqueza da retratização. A análise de conteúdo realizada por meio de cenas individuais e, posteriormente, a sequência de etapas da retratização, abriram possibilidades para outras demandas do grupo como, por exemplo, tratar estas relações, e para promoção de saúde, aspectos já apontados por Moreno (1978).

Ficam perguntas sérias: com a visão de que avós são idosos, como darão conta de avós de pais adolescentes, grupo que cresce tanto quanto o de idosos? Considerando que a idealização vem também de um grupo de profissionais que lidam com saúde, como vão atender pessoas, partindo desta idealização? Como darão conta de avós que têm menor disponibilidade do que se espera, pois permanecem no mercado de trabalho, ou têm outros compromissos e interesses além dos netos?

O fato de, no corpo do trabalho, a análise da retratização aparecer em primeiro lugar deveu-se a minha necessidade de entender melhor seu movimento; e ela mostrou-se um meio interessante de pesquisa-intervenção.

Cada uma das etapas constrói-se sem que o diretor interfira na produção do grupo; num primeiro momento os participantes pesquisam sua própria história, envolvidos por sua subjetividade que ilumina um ou outro lado da relação, papel de avô ou contra-papel de neto. Passa-se então a compartilhar o papel de pesquisador que aponta, revela, ou amplia os papéis subjetivos encontrados tanto na construção dos *scripts*, como na dramatização. Os próprios participantes vão tomando estas decisões.

Permite-se a participação de todos, o que provoca um envolvimento que se expressa pelos comentários da plateia para os personagens mesmo durante a dramatização assim como nas expressões de riso e choro entre eles.

Sendo as necessidades acolhidas pelo diretor, acabam por ressaltar o aspecto terapêutico da retratização, que propicia a vivência no “como se” de confrontos desejados, de abraços reprimidos, e de novos entendimentos sobre o vivido.

Como afirma Mezher, em aulas onde ensina psicodrama, começa-se buscando entender o papel de avós e o grupo vai buscando outras possibilidades como um trabalho axiodramático, com a possibilidade de discutir e reavaliar os valores presentes no grupo, e/ou psicoterapêutico, tratando-se o grupo e/ou seus participantes.

Em situações de mudanças constantes, como nos mostra Figueira (1987) o poder de, em um curto espaço de tempo, pesquisar grandes grupos de uma única vez, com o mesmo pesquisador, sem qualquer pergunta anterior, pode apontar para um maior número de vertentes para a compreensão do tema de pesquisa escolhido.

Fica como questão saber se qualquer pesquisador poderia usar a retratização. Parece-me que para explorar sua riqueza exige-se um conhecimento do psicodrama como teoria, técnica e método, sob pena de empobrecer a pesquisa.

Um dos elementos que corroboram esta afirmação é a aprendizagem do que sejam as etapas de aquecimento e do que estas propiciam em termos de construção coletiva. E, também, do necessário acolhimento a outras possibilidades presentes durante o trabalho, como as citadas anteriormente por Mezher, por exemplo.

Por outro lado, poderíamos pensar num pesquisador que se valesse dos registros escritos e filmados, além de suas observações *in loco*, de uma retratização realizada por um psicodramatista.

Minha experiência mostra que, nestas situações, é muitas vezes impossível permanecer apenas como observador. O próprio operador da câmara de vídeo costumava dar depoimentos sobre o que sentia durante o trabalho; e lhe era permitido compartilhar com os personagens quando sentisse necessidade. Assim, a presença e participação do pesquisador, junto ao diretor de psicodrama, pode ser importante para melhor compreensão do processo e análise dos dados.

O desenrolar da retratização e os conteúdos revelados em cada um de seus momentos, pelas pessoas individualmente e nos subgrupos, entrelaçaram-se com as recordações e vivências da própria pesquisadora, numa articulação que ampliou a compreensão do tema durante e após a situação.

Não partindo de uma pergunta específica, ainda que se tenha uma ideia do que seria importante nesta relação, esta ideia pode mudar, ou se ampliar. Como pesquisadora não exploraria a questão da comida, na relação com as avós, ainda que soubesse que é comum pensar em quitutes e avós. Ressalto ainda que dirigir acreditando no grupo foi o que possibilitou a postura aberta para que este buscasse se expressar.

A retratização mostrou-se um instrumento de pesquisa interessante para o que me propus - compreender o papel de avós, revelando outras possibilidades além daquelas que me havia proposto inicialmente.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, K. Algunas observaciones sobre el papel de los abuelos en la psicología de las neurosis, in *Estudios sobre Psicanálisis y Psiquiatria*. Ed. Hormé, vol 5. Buenos Aires, 1913.
- ALMEIDA, A. M. Notas sobre a família no Brasil, in Almeida, A.M.; Carneiro, M.J. e Paula, S.G (orgs). *Pensando a família no Brasil da Colônia à Modernidade*. Espaço e Tempo, UFRJ. Rio de Janeiro, 1987 a.
- ALMEIDA, M. I. M. M. A nova maternidade, in FIGUEIRA, S. (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro: 1987 b.
- ANTONIO, M. L. B. *Avós, pais e netos: relações sócio-afetivas intergeracionais em situação de pedido de guarda na Vara da Infância e Juventude da Comarca de Santos, SP*. Mestrado em Serviço Social, PUC/SP: São Paulo, 2006.
- ARAUJO, M. R. G. L.; SILVA, D. V. da e DIAS, C. M. S. B. *A figura dos avós nos âmbitos psicossocial e familiar*. *Mente soc.*; 4 (2) , 23-33, 1998.
- ARAUJO, M.R.G.L. O impacto do divórcio parental sobre os filhos: papel dos avós neste processo. *Interlocuções* 1 (1), jan-jun. 2001.
- ARAUJO, M. R. G. L. e DIAS, C. M. S. B. *Papel dos avós: apoio oferecido aos netos antes e após situação de separação/divórcio*. *Estud. Psicol.*7 (1) 91-101 (Natal), jan. – jun. 2002.
- ARIÉS, P. *História Social da Criança*. LTC, 2ª ed. Rio de Janeiro: 1981.
- ATALLA, M. M. A. *Netos, o olhar das avós: vivência de avós que cuidam de seus netos*. s.n.. p.133, São Paulo: 1996.
- BARDIN, L. Lisboa. *Análise de conteúdo*. Edições 70, 1977.
- BARRETTO, M. F. *Direito de visita dos avós: uma evolução no direito de família*. Ed. Lumen Juris Ltda. Rio de Janeiro: 1989.
- BATISTA, M. A. Valorização dos avós na matriz de identidade. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 17 n. 1, FEBRAP. São Paulo: 2009.
- BATISTA, M. A. *Trabalhando o papel de avós*. VIII Congresso Ibero Americano de Psicodrama, Havana: maio de 2011.
- BENICÁ, C. R. S.; GOMES, W. B. Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações, in *Transformações familiares*, Estudos de

Psicologia, vol. 3 (2), Universidade de Passo Fundo, RS e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

BERGER, Peter L. e LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Vozes, 1985. 24ª edição. Petrópolis: 2004.

BRAGANTE, D. A. *Retramatização ágrafa*. Trabalho de conclusão do curso de Psicologia. PUC/SP. São Paulo: 2002.

BRAGANTE, M. A. *Valorizando os avós na matriz de identidade*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC/SP. São Paulo: 1994.

BRAGANTE, M. A. *Conversando sobre os papéis de pais e de avós*. III Congresso Ibero Americano de Psicodrama, Póvoa, Porto: 2001.

BOZORMENYI-NAGY, I. e SPARK, G. *Invisible Loyalties: Reciprocity in Intergenerational Family Therapy*. Harper & Row. Nova York: 1973.

CALOBRIZI, M. D. D. *As questões que envolvem a responsabilidade assumida pelos avós enquanto guardiães dos seus netos, no que se refere à formação de referenciais sociais e aos legados, passados de geração em geração*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP: São Paulo: 2001.

CASPARI, R.
[www.2uol.com.br/sciam/reportagens/a evolução dos avós 5.wtml- 6/10/11 9.24](http://www.2uol.com.br/sciam/reportagens/a%20evolu%C3%A7%C3%A3o%20dos%20av%C3%B3s%205.wtml-6/10/119.24) h: A evolução dos avós pode ter sido o segredo da nossa espécie. Scientific American Bras. Ed e112, setembro de 2011.

COLLINSWORTH, P; STROM, R.;STROM, S.; YOUNG, D. *The Grandparents strenghts and needs inventory*, Development and Factorial Validation Educational and Psychological Measurement, Autumn 1991.

DA MATTA, R. *A casa e a rua*. Guanabara, Koogan. Rio de Janeiro: 1991.

DAVOLI, Cida. Psicodrama e sociodrama. Caracterização. *Revista Brasileira de Psicodrama*, ano I, nº 2, 1990, pp. 25-28.

Souza, R. M. Paternidade em transformação, Tese de doutorado em Psicologia clinica PUCSP, São Paulo, 1994, 223pag.

DIAS, C. M. S. e SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU, 1999.

DIAS, C. M. S. e SILVA, D. V. Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Psicologia em Estudo*, v. 8, núm. esp., p. 55-62, Maringá: 2003.

DENZIN, N. K., LINCOLN, YVONNA S. Entering the Field of Qualitative Research. In _____ (ed). *Handbook of Qualitative Research*. United States: Sage Publications, 1994, p.2.

DRESSEN, M. A. e BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia, teoria e pesquisa*, vol. 16, n. 3; 221- 231 dez. 2002.

EISINK, C. L.; VASCONCELLOS, M. C. B.; KNIJNIK, K. J.; PADILHA, R. T. A função psicológica do ser avó: a propósito de Rapsódia em Agosto de Kurosawa. *Revista de Psiquiatria*, vol. 15(2), R.S. Brasil, 1993.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei nº. 8069, de 13/07/90.

FALCÃO, D.P.da S.; SALOMÃO, M.N. R. *Mães adolescentes de baixa renda: um estudo sobre relações familiares*. Arq. Bras. Psicol. 58 (2) 11-23; jul – dez. 2006.

_____. *O papel das avós na maternidade adolescente*. 22 (2): 205 – 212. Campinas: abr. – jun. 2005.

FIGUSH.Z. (org.) *Sambadrama: the Arena of Brazilian Psychodrama*. JKP Jessica Kingsley Publishers, London and Philadelphia: 2006.

FISCHER,L. R. *Transition to grandmotherhood* in International J. Aging Hum. Dev.: 16(1) 67-78, 1983.

FIGUEIRA, S. O moderno e o arcaico na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In FIGUEIRA, S (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro: 1987.

_____. *A família da classe média atual no Rio de Janeiro: algumas considerações*. *Psicologia, USP*, v. 3, n. 1/2, São Paulo: 1992.

FLOREZ, J. E. R. *Comunicação e Praxis: Socionomia em sistemas complexos psicossociais*. Tese de Doutorado em Comunicação e Semiótica. PUC/SP: São Paulo: 2004.

FONSECA J. *Psicoterapia da relação*. Elementos de psicodrama contemporâneo. Ágora, São Paulo: 2002.

FOX, J. *O essencial de Moreno: textos sobre Psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. Ágora, São Paulo: 2002.

FRANÇA, M. C. C. de C. *A memória intrageracional e a memória transmitida sobre as experiências transmitidas entre avós e netos em Teutônia (RS)*. Estudo interdisciplinar envelhecimento, 6; 53-81; 2004.

FUCHS, M. F. La fonction grand-parentale: du symbole à l'exercice pratique. *Echive de pédiatrie* 12, Paris: 2005.

GARRIDO MARTÍN, E. *Psicologia do encontro*: J.L. Moreno, Ed. Ágora, São Paulo: 1996.

GIL, ANTONIO C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Atlas, 5ª ed. São Paulo: 1999.

GOODMAN, M. R. e RAO, R. S. *Grandparents raising grandchildren in a US-Mexico border community*. *Qual Health Res.* 17(8):1117-36, Oct. 2007.

GONÇALVES et al. *Lições de Psicodrama*: introdução ao pensamento de J. L. Moreno. Ágora, São Paulo: 1988.

GONZÁLEZ, F. *La Investigación Cualitativa en Psicología*: rumbos y desafíos. EDUC, São Paulo:1999.

GUBA, G. Egon e LINCOLN Yvonna S. Competing Paradigms in Qualitative Research. In DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. *Handbook of Qualitative Research*. United States: Sage Publications, 1994, pp. 105 -117.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JOHNSTON R. FOSTER. *Grandparents for emotionally disturbed children*. *Children*; 14(2): 46-52, 1967 Mar-Apr.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Projeção da população do Brasil, por sexo e idade*. 1980 – 2050, Revisão 2008, vol. 24 [HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidenci/noticias/noticia_vizualiza.php?id_noticia=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidenci/noticias/noticia_vizualiza.php?id_noticia=1). Acesso em 18 de maio de 2009.

[HTTP://www.ibge.gov.br/home/presidenci/noticias/Acesso](http://www.ibge.gov.br/home/presidenci/noticias/Acesso) em 10 de novembro 2010.

KEITH, P. M.; WACKER, R. R. Grandparents visitation rights: an inappropriate intrusion or appropriate protection? In *Aging and Human Development*, vol. 54 (3), USA 2002.

KEMP, C. L. Dimensions of grandparent-adult grandchild relationships: from family ties to intergenerational friendships. *Canadian Journal on aging/ La revue canadienne du vieillissement*, 24 (2): 161- 178, Ontario: nov. 2004.

KENNEDY, J. F. e KEENEY, V.T. The extend family revisited: grandparents rearing grandchildren. In *Child Psychiatric Hum. Dev.*: 19 (1): 26-35,1988.

KESSELMAN, H. e PAVLOVSKY, E. 1991. *A Multiplicação Dramática*. Editora HUCITEC. São Paulo: 1991.

KIPPER, C. D. R. *O tornar-se avó no processo de individuação*. s.n. p. 133. Porto Alegre: 2004.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. O tornar-se avó no processo de individuação, *Psicologia Teoria e Pesquisa*; 22 (1): 29-34, jan - abril 2006.

KIVNICK, H. Q. Grandparenthood: an overview of meaning and mental health. In *Gerontologist*. 22(1):59-66. Feb. 1982.

KORNHABER, Arthur. *Grandparenting: Normal and Pathological* – a preliminar communication from the Grandparent Study. *J Geriatr Psychiatry*; 19(1): 19-37, 1986.

LAMB, M. E. *Nontraditional families: parenting and child's development*. Hillsdale Lawrence Erlbaum, 1982.

LÉVY, A. *Ciências clínicas e organização social*. Atenéia, Belo Horizonte: 2001.

LIBERMAN, A. *Retramatização: uma Proposta Psicodramática*. Trabalho para obtenção do título de Psicodramatista pela FEBRAP. São Paulo: 1994.

_____. Retramatização - A trama individual, a trama grupal e a ação dramática como agente de transformação: uma proposta sociodramática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, Vol. 3 Fasc. II, FEBRAP. São Paulo: 1995.

_____. Yeniden planlamak- Kisisel planlama, grup içinde yeniden planlamave dönüşümün bir Aracı olarak dramatik eylem: Sosyodramatik öneri In Bireysel Psikodramada ve Büyük gruplarla Sosyo- *Psicodramya Breziya'dam psikodrama yazilari*; Inzilizce'ye Derleyere Zoltán (Zoli) Figusch; Sistem Yayincilik. Istanbul: 2009.

_____. Retramatização in *Sambadrama: the Arena of Brazilian Psychodrama*. Zoltan Figush (org.) JKP Jessica Kingsley Publishers, Londres e Filadelfia: 2006.

MACEDO, R. M. A família do ponto de vista psicológico: lugar seguro para crescer? *Cadernos de Pesquisa*, n. 91, p. 62-68 São Paulo: nov. 1994.

MACHADO, L. Z. Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil, *Interface - comunicação, saúde, educação*; vol. 4 n. 8 p. 11-26, Brasília: 2001.

MACHADO, M. N. da M. A feminista, sua mãe, seus filhos e netos. *Interações estud. Pesqui. Psicol.*; 7 (13): 101-111, jan-jun 2002.

MACIEL, M. *Psicodrama transgeracional e souldrama*, Sociodrama para competências de mudanças, Carcavelos, Portugal, Abril 2011.

MARINEAU, R. F. *Jacob Levy Moreno 1889-1974 - Pai do Psicodrama, da Sociometria e da Psicoterapia de Grupo*. Trad. Werneck, J. S. M. Ágora, São Paulo: 1992.

MARRA, M. M., & COSTA, L. F. A pesquisa-ação e o sociodrama: Uma conexão possível? *Revista Brasileira de Psicodrama*, 12, 99-116, 2004.

MARRA, M. M.; FLEURY, H. J. *Sociodrama: um método, diferentes procedimentos*. Ed. Ágora. São Paulo: 2010.

MCGOLDRICK, M. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Artes Médicas, 2ª ed. Porto Alegre: 1995.

MENDES, M. G. S. R. e FERREIRA-ALVES, J. Percepção de auto-eficácia sobre influência nas adolescentes: o ponto de vista dos avós. *Revista Kairós*, 7 (2): 83-94; dez. 2004.

MENEGAZZO, C. M.; TOMANISINI, M. A. e ZURETTI, M. M. *Dicionário de Psicodrama*. Trad. Lopes, M., Corbagal, M.; Caputo, V. Ágora. São Paulo: 1995.

MERENGUÉ, D. *Poderes, papéis: um estudo preliminar sobre gêneros na contemporaneidade*. Trabalho apresentado na Universidade Católica de Goiás, para obtenção do título de Professor Supervisor da FEBRAP. Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo. Campinas: 2009.

MINUCHIN, S. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

MONTEIRO, A.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. *Pesquisa qualitativa e psicodrama*. Ágora, São Paulo: 2006.

MOREIRA, L. V. C. e BIASOLI-ALVES, Z. M. A família e seus colaboradores na tarefa de educar os filhos. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, abril de 2007, vol. 17, n. 1. 26-38.

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Dimensão*. Vols. I, II e III. Goiânia: 1992.

_____ *Quem sobreviverá?* Edição do estudante, Ed. Daimon. São Paulo: 2008.

_____ *Fundamentos de Psicodrama*. Summus, São Paulo: 1983.

_____ *O teatro da espontaneidade*. Summus, São Paulo: 1984.

_____ *Psicodrama*. Tradução de A. Cabral. Cultrix, São Paulo: 1975.

NAFFAH, A. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. Brasiliense. São Paulo: 1979.

_____ *Psicodramatizar*. Ed. Ágora, São Paulo: 1980.

NERY, M. da P.; COSTA, L. F.; CONCEIÇÃO, M. I. G. *O sociodrama como método de pesquisa qualitativa*. Paidéia, Universidade de Brasília: 2006.

OAB-PE: Disponível em: [HTTP://www.oabpe.org.br/comunicacao/noticias-juridicas/9286-stj-netos-buscam-na-justica-pensao-dos-avos.html](http://www.oabpe.org.br/comunicacao/noticias-juridicas/9286-stj-netos-buscam-na-justica-pensao-dos-avos.html). Acesso em 23/11/2011

OLIVEIRA, A. R. V.; GOMES, L.; TAVARES, A. B.; CARDENAS, C. J. Relação entre avós e netos na infância. *Revista Kairós*, 12 (2), 149 – 158, 2009.

OLIVEIRA, M. R. de. *Nascimento de filhos: rede social de apoio e envolvimento de pais e avós*. s. n. 147, Brasília: 2007.

OLIVEIRA, P. de S. *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*, s.n., p.442, São Paulo: 1993.

PEDROSA, A. da S.; LOPES, R. G. da C. Avós na contemporaneidade: significado dos netos para o cotidiano. *Imagário*, 3 (16) 257- 269, 2008.

REDLER, P. *Abuelidad, más allá de la paternidad*. Editora Legassa, Buenos Aires: 1983.

ROBBINS, R., SCHERMAN, A., HOLEMAN, H. Role of American Indian Grandparents in Times of Cultural Crisis. *Journal of Cultural Diversity*, vol. 12, n.2 Summer Oklahoma: 2005.

RYBAK, W. S.; SADNAVITCH J. M.; MASON, B. J. *A Foster Grandparent Program*. Hosp Community Psychiatry; 19(2):47, Feb. 1968.

SAMARA, E. M. O que mudou na família brasileira? In *Família*. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Vol. 13, nº 2, ISSN 0103-6564. São Paulo: 2002.

SARMENTO, S. D'A. MELO Vovó e eu, *Cad. Psicanálise*, 13 (16); 104 – 110, no. 1996. Rio de Janeiro: 1982.

SATO, S.; MAKINO, K.; SASAKI, Y.; SASAKI, H.; NISHIO, N., STROM, R.; STROM, S.; COLLINSWHORTH. *Grandparents in Japan: a three generation study, aging and human development*, vol. 4 (3), 209-226, USA,1995.

SAWAIA, B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org). *Família: redes, laços e políticas públicas*. IEE-PUC/SP, São Paulo: 2003.

SCAFFI, N. Socionomia na prevenção da AIDS entre indígenas. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v.10, n.1, p.13-30, São Paulo: 2002.

SCHNEIDER, M. Être beaux-grand-parents au sein de familles recomposées. L'exemple des "belles-grand-mères". *Revue Canadienne de Santé Mentale Communautaire*, Supplément Spécial, numéro 4, Été 2002.

SEVERINO S. K.; TEUSINK J. P.; PENDER V. B.; BERNSTEIN A. E. OVERVIEW. *The Psychology of Grandparenthood*. J Geriatric Psychiatry; 19(1): 3-17, 1986.

SILVA, H. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rocco, São Paulo: 2007.

SINGLY, François. Trois thèses sur la famille contemporaine. In LE GALL, D. e MARTIN, C. *Familles et politiques sociales: dix questions sur le lien familial contemporain*. L'Harmattan, Paris: 1996.

SOUZA, R. M. *Paternidade em transformação*. Tese de doutorado em Psicologia Clínica, PUCSP, São Paulo: 1994.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, R. *Amor, Casamento, Família, Divórcio... e Depois, Segundo as Crianças*. Editora Summus, São Paulo: 2006.

STELLE, C., FRUHAUF, C.A.; OREL, N.; LANDRY-MEYER, L. Grandparenting in the 21st Century: Issues of Diversity in Grandparents-Grandchild relationship. *Journal of Gerontological Social Work*, vol. 53, Issue 8, 682-701, 2010.

STROM, R.; STROM, S.; SHEN-YU-LING; LI-SHING-JING; SUN-HWEY-LIN Grandparents in Taiwan: a three generation study. In *International Journal Aging and Human Development*, vol. 42 (1), 1996.

SZYMANSKI, H. *Trabalhando com Famílias. Cadernos de ação*, Instituto de Assuntos especiais, PUCSP, 1992.

THOMAS, J. L. Gender definition in satisfaction with grandparenting. *Psychology and aging*, v.1 n. 3, USA: 1986.

TOLOI, M. D. C. T. *Filhos do divórcio: como compreendem conflitos conjugais no casamento e na separação*. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, PUCSP, São Paulo: 2006.

TRIADÒ, C.; VILLAR, F.; SOLÉ, C.; OSUNA, M.J.; PINAZO, S. The meaning of grandparenthood: do adolescent grandchildren perceive the relationship and role in the same way as their grandparents do? *Journal of relationships*, v. 3 (2), 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. *A Pesquisa em Ciências Sociais*. Atlas, São Paulo: 1992.

UBEDA, E. M. L.; CARVALHO, M. das G. B.; GOMES, R. Da sexualidade das avós e de suas netas: um estudo qualitativo em três gerações. *Revista Brasileira da Sexualidade Humana*. 2 (11), 235-247, jul./dez. 2000.

VIDAL, E. R. D. *Dados e relatos sobre cuidados infantis em um complexo de favelas do Rio de Janeiro*. s.n. p.103, Rio de Janeiro: 2006.

VITALE, M. A. F. Avós, velhas e novas figuras da família contemporânea. In ACOSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (Org). *Família: redes, laços e políticas públicas*. IEE-PUC/SP, São Paulo: 2003.

WERNEK, H. Papo de avoador, *Jornal O Estado de São Paulo*, Caderno Cidades, 15 de janeiro de 2012.

WERNER, P.; BUSCHBINDER, E.; LOWESTEIN, A. E LIVNI, T. Grandmothers', mothers' and granddaughters' perceptions of grandparenthood: A qualitative analysis of congruence across generations. *Journal of Intergenerational relationships*, vol 5 (3), 2007.

WHITE, A. W. Prefácio da primeira edição (1933) In Moreno, J. L. *Quem sobreviverá?* Edição do estudante, Ed. Daimon, SP, 2008.

WILLIAMS, A. *Temas proibidos: ações estratégicas para grupos*. p. 65. Ed. Ágora, São Paulo: 1998.